

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS**

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**TESE DE DOUTORADO**

**Sentidos da Proximidade**

Denise Krahenbuhl Padula Furgeri

Orientadora

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Roseli Aparecida Cação Fontana

2007

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS**

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**TESE DE DOUTORADO**

## **Sentidos da Proximidade**

Autora: Denise Krahenbuhl Padula Furgeri

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Roseli Aparecida Cação Fontana

Este exemplar corresponde à redação final da Tese de Doutorado defendida por Denise Krahenbuhl Padula Furgeri e aprovada pela Comissão Julgadora.

Data: 24/08/2007

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Roseli Aparecida Cação Fontana  
Orientadora

COMISSÃO JULGADORA:

---

---

---

---

2007

iii

© by Denise Krahenbuhl Padula Furgeri, 2007.

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca  
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

F976s	Furgeri, Denise Krahenbuhl Padula Sentidos da proximidade / Denise Krahenbuhl Furgeri Padula. – Campinas, SP: [s.n.], 2007.
	Orientador : Roseli Aparecida Cação Fontana. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.
	1. Formação profissional. 2. Narrativa. 3. Experiência. 4. Significação. 5. Memória. I. Fontana, Roseli Aparecida Cação. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.
	07-127/BFE

**Título em inglês** : Senses of proximity

**Keywords** : Professional formation ; Narrative ; Experience ; Significacion ; Memory

**Área de concentração** : Ensino, Avaliação e Formação de Professores

**Titulação** : Doutora em Educação

**Banca examinadora** : Profa. Dra. Roseli Aparecida Cação Fontana (Orientadora)

Prof. Dr. Angelo Emílio da Silva Pessoa

Profa. Dra. Maria Emilia Caixeta de Castro Lima

Profa. Dra. Ana Lúcia Guedes-Pinto

Profa. Dra. Dirce Pacheco Zan

**Data da defesa**: 24/08/2007

**Programa de Pós-Graduação** : Educação

**e-mail** : denise.padula@terra.com.br

## Resumo

Esta pesquisa refere-se a uma proposta de formação continuada de educadores da Secretaria Municipal de Educação de Campinas, buscando revelar as condições de trabalho em que foi realizada e discutir os princípios que a fundamentaram.

No esforço de compreender o percurso, reorganizar os registros já existentes e elege o material que comporia a tese, a autora foi se aproximando da produção de Walter Benjamin sobre a modernidade e da obra poética de Charles Baudelaire. A partir desses estudos, chegou ao “páthos da proximidade”, que já era um princípio perseguido na realização da proposta de formação e já se encontrava nos primeiros episódios narrados. O “páthos da proximidade” cria possibilidades de trabalho a partir do que já existe no tempo presente, constrói significações transitórias, numa postura vigilante e sensível aos movimentos que nascem dos encontros entre os sujeitos. Assim, dados, episódios, fatos, dados, memória, documentos foram revistos e reelaborados a partir deste prisma.

No “páthos da proximidade”, o trabalho de escritura converte-se num trabalho de esgrimista, para citar um dos heróis modernos de Baudelaire. Construindo-se de palavras que transitam entre as certezas perdidas e outros sentidos efêmeros que se inventam na proximidade com o objeto, a luta demanda suor e devoção. Essa estranha esgrima busca a experiência de um grupo de educadores, de uma comunidade de destino, exige uma escrita que vá para além de si, para além da narrativa, fruto de trabalho constante que recupera o que já existe e lhe imprime outras camadas de significação.

## Abstract

This study mentions a continued teachers education proposal realized in the public elementary school of Campinas/SP during 2003-2004, searching to disclose the work conditions where it was carried through and to argue the principles that had based it.

In the effort to understand the process, reorganize the existing registers and choose the material that would compose the thesis, the author approached to the production of Walter Benjamin about modernity and to the Charles Baudelaire poetical workmanship. From these studies, she arrived at the “páthos of the proximity” that already was a principle pursued in the accomplishment of the proposal and was met in the first registered episodes. The “páthos of the proximity” creates possibilities of work from what already exists in the present time, constructs transitory significations, in a vigilant and sensible position to the movements that emerge on the meetings between persons. Thus, the data, episodes, facts, memory, documents had been reviewed and the text constructed from this prism.

The writing work constructs itself of words that transit between the lost certainties and other ephemeral senses that are invented in the proximity with the object, work that starts from what already exists and prints it other layers of signification.

# Sumário

Do Averso:

1.....	Aurora
Bárbaros .....	3
Nativas? .....	9
Instrumentos.....	11
Mapas.....	13
15.....	Iracema
Caminho.....	17
Limites.....	21
Coletivo.....	23
27.....	SaFADA
Encontro.....	29
Terras Estranhas.....	33
Exército de Brancaleone.....	35
Delicadeza.....	37
39.....	Graça
Rua.....	41
Receita.....	35
Manjar.....	47
49.....	Matrioska
Objetos.....	51
Pausa.....	53
Ritual.....	55
59.....	Delfina

Leitura.....	61	
Laço.....	65	
Colheita.....	67	
73.....		Rosária
Experiência.....	75	
Achadouros .....	79	
Curso.....	81	
Registro.....	83	
85.....		Eremita
Páthos da Proximidade.....	89	
Do Direito:		
A Cidade .....	101	
A Rede.....	101	
A Direção Política 2003-2004.....	102	
A Formação Continuada de educadores na rede....	103	
A Proposta de Formação 2003-2004.....	103	
A Autoria.....	105	
Um exemplo bem sucedido.....	107	
O Documento.....	109	
Relação de Fontes.....	119	
Bibliografia.....	121	
125.....		Riscos e Rabiscos

*Páthos: paixão, excesso, passagem...*



Do Averso

## Aurora

A pátria do engenho criativo é, segundo a experiência de Baudelaire, o outono.  
O grande poeta é, por assim dizer, a criatura do outono. O inimigo, o Sol.

Benjamin

Decidimos tentar a sorte noutra lugar. Fugir do sol do interior de Alagoas que acabava com tudo o que era vida. Na prateleira da estante havia uma bíblia, um livro de receitas, algumas cartas de parentes, um dicionário e um almanaque. Era dentro dele que eu guardava o cartão postal do sul: dia escuro, pinheiros cobertos de neve. Ah, a neve! Guardei o cartão a vida inteira esperando um dia chegar ali. Quando sentia tristeza olhava para o sul onde era sempre penumbra e frio. Lá tudo seria diferente.

Foi assim que vim parar aqui. Sem roupa de verão porque achei que todo mundo ia andar de casaco dia e noite. Cheguei com uma blusa de lã verde escura, que foi ficando mais clara, verde-grama, depois verde-amarelada, cor de carambola, e agora, que cor? A gente se engana, não é mesmo? A gente não sabe nada, nem ler as coisas direito. Cada vez que eu olho para o cartão postal, fico perguntando:

Será que um dia vou encontrar esse sul que ele mostra?

Nada além dos meninos e do meu marido que é bom demais. De novo o sol quente na cabeça e essa luz que cega a gente. Recolho do lixo tudo o que as pessoas não querem mais e é o nosso sustento. Junto muito papelão velho para vender. Combinamos montar uma empresa que vai se chamar Arrastão Araponga para pegar do rio e das casas todas essas garrafas de plástico que deixam o mundo feio e sujo. Vou à prefeitura pedir um terreno para o nosso sacolão de reciclagem. Procurei no dicionário o que era araponga que meu cunhado falou animado que era nome bonito.

Fiquei com vergonha de mostrar ignorância. Descobri que araponga é um pássaro que pia forte e o canto imita o barulho do ferreiro batendo na bigorna.

Fiquei contente. Achei nome de sorte.

Jardim São Fernando, 2002

## Bárbaros

Fevereiro.

*O que esperamos na ágora reunidos?*<sup>1</sup>

O calor estafante acompanha a rotina do início das atividades escolares: uma primeira reunião para serem apresentadas a nova equipe e as diretrizes educacionais para os próximos quatro anos. Alguns olhos atentos, outros nem tanto, observam a arrumação do lugar: a grande mesa no centro do palco, sete cadeiras, sendo a quarta maior que as outras, um arranjo de flores amarelas medrosas, um microfone sobre a toalha branca de renda para que os recém-empossados façam seus discursos.

*Por que não vêm os dignos oradores*

*Derramar o seu verbo como sempre?*

Podem estar presentes um vereador ou o prefeito que, convidados para o evento, não perdem a oportunidade de dizer de seus grandes feitos e da longa batalha empreendida pela educação pública municipal. Passava da hora do início. Quase nada acontece na hora marcada, quase nada é preparado de véspera. Nos eventos, o atraso e o improviso são rotina.

*É que os bárbaros chegam hoje*

*E aborrecem arengas, eloquências.*

Na troca de partido político na Prefeitura, e de secretário e equipe na Secretaria da Educação, os discursos pouco diferem. *Transformar a realidade garantindo a todas as crianças, jovens e adultos da nossa cidade ensino de qualidade.* Não seriam as afirmações gerais - o desejo de que a escola seja de todos, os planos norteadores da educação e seu papel na transformação da sociedade - que definiriam as réplicas do encontro que está prestes a acontecer.

*É que os bárbaros chegam hoje.*

O encontro/confronto entre quem faz parte da cúpula da Secretaria e quem pisa o chão da escola se explicita no dia a dia, quando ganham concretude resoluções que organizam o trabalho docente, portarias que normatizam a situação funcional dos

---

<sup>1</sup> Konstantínos Kaváfis, *À espera dos bárbaros*, *Poemas*.

educadores, regulamentações dos espaços pedagógicos e da escolha de classes/séries, concursos de remoção de escolas, diretrizes curriculares que orientam o trabalho pedagógico.

Depois das medidas, os olhares se cruzam e se fuzilam, os gestos se impacientam, as réplicas surgem como justificativas, os boatos emergem, os corpos se estranham.

*Por que tanta apatia no senado?*

*Os senadores não legislam mais?*

Aqueles que chegam e assumem os cargos querem imprimir um jeito próprio. Seguros da estabilidade e do poder que o lugar lhes confere, lançam mão de estratégias<sup>2</sup> para efetivar o projeto político. O tempo presente é depreciado. Seu tempo é o do triunfo.

*Que leis hão de fazer os senadores?*

*Os bárbaros que chegam as farão.*

O relacionamento com a rede será baseado no envio de comunicados às escolas, convocando para discussões de resoluções, portarias, medidas, editais. Democracia e participação serão palavras usadas até o desgaste. No vórtice estarão sempre as mesmas pessoas, defendendo o projeto e o partido político, expondo-se a um bombardeio de perguntas e de explicações. Outros chefes, na periferia da cena, apáticos, mudos, darão a impressão de que não têm nada com aquilo. Nos bastidores, entretanto, usarão métodos que lhes garantam a estabilidade e o controle. As administrações passam, eles permanecem, muitas vezes em cargos de alta patente.

O par opinião/informação ocupará o tempo dali para frente. Em estado de dicionário, haverá consenso nos enunciados de igualdade, de qualidade, de responsabilidade na gestão pública municipal, de inclusão de todos os alunos no processo educativo. Eu concordo, eu discordo, questão de ordem, apartes, inscrições, perguntas, polêmicas.

*Por que o imperador se ergueu tão cedo*

*e de coroa solene se assentou*

*em seu trono, à porta magna da cidade?*

---

<sup>2</sup> As estratégias são, segundo Michel de Certeau (ver *A invenção do cotidiano*), ações que, graças ao postulado de um lugar de poder (a propriedade de um próprio), elaboram lugares teóricos (sistemas e discursos totalizantes), capazes de articular um conjunto de lugares físicos, onde as forças se distribuem.

Preferem grandes eventos, grandes ginásios, a vida passando em desfile, ao cotidiano de trabalho. Organizam primeiras conferências, primeiros encontros de educadores, primeiras discussões pedagógicas, primeiros questionários, primeiros fóruns, primeiras reformulações curriculares, primeiros encontros escola-família, primeiras avaliações diagnósticas da realidade educacional. Iniciam sempre a história, e, na ilusão adâmica, pensam instaurar os sentidos verdadeiros, válidos, únicos dali para frente. Organizam banquetes pedagógicos com receitas sofisticadas, vindas de fora, para melhorar os temperos, os gostos da cozinha cotidiana. Convidam nomes importantes da educação do país para fazer palestras aos educadores. Às vezes para meia dúzia de pessoas, outras com a maioria delas fora dos auditórios, sem se importar com o que está sendo discutido. As “primeiras” perdem-se todas em conversas paralelas. Pessoas chegam, marcam presença assinando listas, em seguida dão as costas e vão embora, sem cerimônia.

Os novos chefes gostam sempre das boas notícias e desejam dar visibilidade a todas as ações da Secretaria da Educação e das escolas. Mesmo ao trivial, dão um ar inaugural, fazendo virar notícia. Embasbacados, no encontro com as crianças das escolas públicas, dizem que, finalmente “farão nascê-las para a cidadania”. Prometem, com voz embargada que o novo partido trabalhará serio, com dignidade e decência pela causa pública.

Ficam admirados ao descobrir, quantas habilidades as crianças e jovens têm: como dançam bem, que desenvoltura, que consciência corporal! Como resistem frente a tantos desmandos políticos, a tantas dificuldades materiais e temporais! Dizem que darão voz a elas como se até ali ainda não tivessem aprendido a falar.

Fazem com que pareçam primeiras as conhecidas apresentações dos grupos de dança. No primeiro sete de setembro da nova administração, com o desfile das fanfarras escolares, arautos citadinos, mastros, tambores, cornetas e quepes, o civismo ganha, aos olhos dos novos chefes, uma conotação diferente podendo ser assim traduzida: “Agora sim, a partir de nós a cidade vai pra frente! Antes achava esses desfiles fora de moda, mas hoje estou sentindo uma emoção diferente! Faço parte disso!”

Já é sabido que os que chegam pouco se modificam no contato com os da casa. Não conhecem o espaço onde se praticarão as políticas, mas acreditam nas noções preexistentes, cristalizadas, descritas sobre aquele mundo e sobre as pessoas que ali

habitam, valendo-se de espelhos com imagens preconcebidas, que impedem que surpresas se revelem na descoberta do outro<sup>3</sup>.

Dizem saber do compromisso dos educadores com a educação da cidade, mas, no fundo, estão certos de que, quem já está ali, acumula uma incompetência ancestral na missão de educar as crianças, jovens e adultos da rede.

*É que os bárbaros chegam hoje.*

*O nosso imperador conta saudar*

*o chefe deles. Tem pronto para dar-lhe*

*Um pergaminho no qual estão escritos*

*muitos nomes e títulos.*

Junto aos espelhos, às bandeiras, aos mapas, os que chegam trazem, na bagagem, a bíblia, cartilha do programa de governo, e, na ponta da língua, a espada, arma de defesa contra aqueles que possam vir ameaçá-la, num discurso de justificativas e explicações que não tem fim.

Na longa tradição partidária, a dança das cadeiras das chefias se faz rotina: novos pergaminhos de nomes e títulos dos que assumem os cargos na hierarquia da Secretaria. Mudam-se as pessoas. Os instrumentos e os objetos que usarão para travar as relações com a rede continuam os mesmos.

Para tudo haverá um argumento. Os novos buscam a imortalidade nas marcas de governo, estarão centrados no auto-elogio, ansiarão a fama. Trabalhar sem romper com o que existe, ou deixar que o cotidiano siga seu fluxo sem constante interrupção, está há milhas náuticas de distância, nunca foi visto naquele cenário. Mais bárbaro do que praticar a escravatura, vai ser, a partir dali, desconhecer a retórica do programa de governo.

*É que os bárbaros chegam hoje.*

*Tais coisas os deslumbram.*

---

<sup>3</sup> Roseli Cação Fontana, em seu livro *Como nos tornamos professoras?* retoma a pergunta de Cecília Meirelles - em que espelho ficou perdida nossa face? - quando reflete sobre os modelos pré-existentes que estão conformados no espelho em que se olham as professoras, e em que, muitas vezes, não se reconhecem. “No espelho, congelados, fixados por estudos acadêmicos, estão o trabalho pedagógico cotidiano, descrito como uma rotina rigidamente padronizada e burocratizada, marcada por uma leitura de viés liberal das relações sociais (...) a inadequabilidade às propostas educacionais de cunho progressista, o ceticismo generalizado, a recusa das obrigações e avaliações, o corporativismo, a incompetência, o descompromisso, a resistência à mudança e a adequação aos modismos em voga.” (p. 24)

Desejarão virar a página e começar a escrever outra. O novo é a mercadoria a ser consumida com voracidade. Depois, passados quatro anos, no jogo das cadeiras, o programa será rapidamente esquecido, posto de lado.

*Por que subitamente esta inquietude?*

*(Que seriedade nas fisionomias!)*

*Por que tão rápido as ruas se esvaziam  
e todos voltam para casa preocupados?*

*Porque é já noite, os bárbaros não vêm  
e gente recém chegada das fronteiras  
diz que não há mais bárbaros*

O tempo custava a passar, o atraso era maior que o habitual. As flores amarelas medrosas estavam ainda mais pálidas de medo, a inquietude transformava-se em silêncio e temor. Murmúrios como de telefone sem fio diziam que houvera algum problema e o encontro teria que ser cancelado.

*Sem bárbaros o que será de nós?*

*Ah! Eles eram uma solução.*

O coletivo que sonha ignora a história. Para ele, os acontecimentos se desenrolam segundo um curso sempre idêntico e sempre novo. Com efeito, a sensação do mais novo, do mais moderno, é tanto uma forma onírica do acontecimento quanto o eterno retorno do sempre igual.<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> Benjamin, *Passagens*, p. 936.

## Nativas?

Um cansaço momentâneo caiu-lhe sobre as pálpebras. Nas retinas amolecidas viu-se a si mesma e às colegas como uma legião de índias caraíbas, junto a poucos índios astutos, conversando na beira da praia, olhando o horizonte, esperando a chegada dos estrangeiros, as palavras se dispersando entre murmúrios, vozes, pequenos grupos, vários assuntos ao mesmo tempo.

As pessoas sentem-se em casa, tal o grau de intimidade e o tempo de convivência entre elas. A rede, composta predominantemente de mulheres, se enreda em tramas: conversas, sussurros, exclamações, risos, perguntas, abraços. Se a rede municipal de educação é a casa, cada pessoa nas falas, nos gestos, nas entonações é a expressão de como nelas, a casa passou a habitar, revelando as marcas produzidas ao longo do tempo. Cara de professora, roupa de professora, voz de professora. De fato, a casa deixa as marcas no corpo da gente...

A massa de corpos em movimento era percebida em sentidos entrecortados. De olhos fechados, ela ouvia melhor os ruídos estranhos, de ajuste do som, que lembravam gaiivotas numa agitação momentânea, indiciando movimento do além-mar para a terra. Poucas vozes masculinas. Alegre-se. Há esperança. Desconfie. O medo paralisa. As “nativas” da Secretaria da Educação, explicitavam, em gotas de bile ou de mel uma rede de significados: os modos como se sentem, quem são, o que lhes acontece, a alegria do reencontro com colegas de outras épocas e outras escolas, a relação imediata que têm com o trabalho, que compreensões elaboram sobre ele.

Expectativas e negativas sobre a equipe que acabava de assumir o governo, promessas de tempos felizes. O balanço da entonação ecoava como ondas que ora se aproximavam, ora se distanciavam, num ruído contínuo e forte. *O que a Secretaria espera de nós, quais são as diretrizes para o trabalho pedagógico?*

Alô, alô... A microfonia estridente provocou um grave silêncio. Era chegada a hora do desembarque. Levantou o dedo indicador para sentir o ambiente. Estaria o vento entre grego e levante? Se soprasse do oriente poderia chegar com bestas horríveis e disformes.

A colega ao lado segurava pequeno patuá junto à gola da camisa, mostrando que era filiada ao partido político que vencera as eleições e que agora sim... A outra evocava o altíssimo para que as coisas não piorassem ainda mais, pedindo ser salva das



calamidades e da fortuna adversa, uma terceira ponderava que no fundo todas as administrações eram iguais, não fazia diferença.

Especulava-se sobre conhecimentos e marcas de lugares pelos quais os estrangeiros haviam passado. Atizavam-se curiosidades, surgiam notícias de desastres sucedidos em outros trabalhos que haviam dirigido, histórias de ferros tinindo que se cruzaram uns nos outros.

A cada quatro anos a espera pelas novidades, pelos novos chefes, deixava tudo vulnerável à direção dos ventos e fazia com que pouca coisa se fixasse. A novidade faz crença de que tudo na casa é efêmero, descartável, contingente. Ao mesmo tempo, esperava-se uma única ação política, coerente e ordenada, vinculada ao que propunha o partido, esquecendo-se de que são as pessoas que dão vida aos enunciados e que as formas de agir são plurais e diversas, os sentidos infinitos e incontroláveis. A proposta política por vir, repleta de infinitivos, não garantiria a unicidade, não inscreveria o sentido das frases, não se imporia nem se fixaria como consenso.

Do lado de cá era, em parte, a sensação de começo em terra arrasada. As pessoas calavam, temiam pelo futuro, sentiam-se pequenas. Riam da situação. Outras ficavam aliviadas por estarem impedidas de continuar. Sentiam-se confortáveis em fazer pouco ou quase nada. Dali para frente, diziam, não por vontade delas, os braços ficariam cruzados.

## Instrumentos

Ter pensado em si e nas colegas como nativas, aguardando a aproximação dos conquistadores com suas bandeiras coloridas, seus pergaminhos guardados a sete chaves, seus utensílios de troca, tinha relação com o livro que descansava na cabeceira de sua cama: *Novo Mundo: As cartas que batizaram a América*.

A América, apesar de ter sido descoberta por Colombo – “do ponto de vista dos índios das ilhas do Mar do Caribe, Cristóvão Colombo, com seu chapéu de penas e sua capa de veludo encarnado, era um papagaio de dimensões nunca vistas”<sup>1</sup> - foi batizada mais de uma década depois pela prosa de Vespúcio que, na forma de pequenos panfletos ilustrados, ganhou as ruas e as feiras, as praças e as tabernas da Europa tornando-se um best-seller genuíno. “Sucesso estrondoso: numa Europa basicamente iletrada, ainda engatinhando nas artes tipográficas.”<sup>2</sup>

O livro é composto, na primeira parte, de cartas apócrifas: *Mundus Novus* e *Quatro Navegações*. Não se sabe com certeza quem as escreveu embora “entre os suspeitos figure Américo Vespúcio, que, num jogo de espelhos tão a seu gosto, bem pode ter sido falsário de si mesmo”<sup>3</sup>.

Américo Vespúcio estabeleceu-se na história do descobrimento como uma figura sobre a qual pairam muitas controvérsias e incertezas. E talvez por isso mesmo tenha se tornado um dos mais intrigantes exploradores do Novo Mundo. “Com adorável arrogância, beirando a insolência, ele afronta os antigos cronistas, amplia seu velho e restrito mundo e implode ultrapassados conceitos cosmográficos. Vira todas as páginas e escreve uma nova.”<sup>4</sup>

Na arrogância inaugural da tradição dos descobridores, afirma que suas descobertas são inéditas e originais, mas até aí nada de novo. Vespúcio tende à invenção quando troca a bíblia e a espada por instrumentos de trabalho. “Estávamos pois, vagos e errantes. Somente os instrumentos dos altos corpos celestes nos mostraram exatamente a verdade: estes foram, como todos sabem, o quadrante e o astrolábio.”<sup>5</sup>

Américo Vespúcio escolhe a literatura como interlocutora nos percursos das viagens, cita Dante e Petrarca, narrando as descobertas num misto entre tradição e

---

<sup>1</sup> Galeano, *A escola do mundo aos avessos*, p. 31.

<sup>2</sup> Bueno, notas introdutórias in Vespúcio, op. cit., p. 12.

<sup>3</sup> Bueno, notas introdutórias in Vespúcio, op. cit., p. 13.

<sup>4</sup> *Ibidem*.

<sup>5</sup> Vespúcio, op. cit., p. 39.

renovação, equilibrando-se entre o peso das lendas e o peso dos fatos. “O que interessava não era a verdade, era o ponto de vista. A forma importava mais que o conteúdo, as imagens falavam por mil palavras. Não estariam ali todas as contradições do mundo moderno?”<sup>6</sup>

Elegendo o astrolábio e o quadrante, Américo Vespúcio abandona os instrumentos prescritivos e elege instrumentos de trabalho que mediarão outras descobertas, permitirão outras leituras. Lançando-se ao desconhecido, escreveria os mapas a partir do percurso.

“O céu é ornado de sinais e figuras especiosíssimas, no qual anotei 20 estrelas de tanta claridade quanto algumas vezes vimos Vênus e Júpiter. Considerei os movimentos e giros delas e medi sua periferia e diâmetros com métodos geométricos e depreendi ser as de maior magnitude.”<sup>7</sup>

Era isso: na troca de partido político os métodos, os procedimentos e os instrumentos não mudavam. Então, o que poderia nascer de novo? As certezas matavam qualquer possibilidade de os estrangeiros perceberem-se vagos e errantes e abrirem-se ao encontro com outro, lançando-se ao desconhecido, trocando as velhas palavras da política partidária e os velhos instrumentos por outros mais criativos, que iniciassem um movimento diferente entre os educadores, permitindo aos educadores trabalharem em paz, criarem, ousarem... que desistissem das palavras de ordem e fossem em busca das palavras balbuciantes. Mais tarde, aprendeu com o Ângelo<sup>8</sup> que não seria um novo instrumento, mas um novo uso para os velhos. “Nós sabemos que na Educação, de tempos em tempos, há “panacéias” de novidades que se alastram como “coqueluches” (ou dengues, nos dias que correm), pacotes de novos instrumentos para velhos usos e o resultado é quase sempre invariavelmente se deixar de saber o que se fazia, sem se fazer o que se pretendia fazer”.

O uso das velhas palavras também funda lugar: de hospitalidade ou de aniquilamento.

---

<sup>6</sup> Bueno in Vespúcio, op. cit., p. 14.

<sup>7</sup> Vespúcio, op. cit., p. 47.

<sup>8</sup> Ângelo Emilio Pessoa foi professor monitor do Grupo de Trabalho “Conhecer Campinas numa perspectiva histórica” e organizador do livro de mesmo nome.

## Mapas

Os resultados das perguntas iniciais, questionários, pesquisas dos estrangeiros para a rede transformavam-se em grandes documentos que iam para as escolas para servirem de guias. Levantamentos de demandas, versões de reorientações curriculares, dados estatísticos de retenção e exclusão de alunos. Reconstruções aproximativas da realidade que ambicionam ser sua cópia fiel. No final, registros e relatórios grandes demais para serem abertos. Quem os propunha e analisava, num narcisismo sem fronteiras e sem limites, os apresentava com orgulho, como se tivesse descoberto, a partir das análises e estudos, a chave.

Os mapas ficavam tão grandes, tão explicitados com citações e referências que, a partir deles, ninguém seria guiado. No trajeto, perdiam o registro do percurso. Transformavam-se em monumentos estatísticos e explicativos. Ângelo dizia que “desde que a Educação passou a ser assunto, por excelência, de economistas, algo ‘apodreceu no Reino do Brazil’ (assim com z mesmo)”.

Os mapas não ganhariam as ruas, as praças, as salas de aula. Sua leitura não evocaria sentidos, não possibilitaria criações, ninguém precisaria deles para continuar o trabalho. Transformavam-se num segundo território, longe dos sentidos que a realidade solicitava. Pouco contribuiriam com a direção dos rumos das escolas. Ao final, muitas vezes, somente quem os elaborava se identificava com eles, sempre bem fundamentados na concepção histórico-social de homem, de sociedade e de escola. Os mapas, absorvendo, reformulando, anulando a realidade, revelavam, sem querer, nas proposições e diagnósticos, uma ambiciosa dilatação dos próprios autores.

Depois iam parar nos armários que acabavam lotados por páginas e páginas que não seriam mais desejadas e recolhidas por ninguém.

## Iracema

Quando olhou no espelho de manhã, viu o colo enrugado, escultura de peixe fossilizado. Enamorada da melancolia, sentia-se antiga como uma lenda, passava horas olhando para lugar nenhum, pensando no corpo gorducho e na cintura perdida. Tristeza eram os vestidos de antigamente, sem serventia, no cabide e um sapato de cromo preto, chique, dentro da caixa. Sabia que o nariz e a orelha nunca param de crescer, mas o pé?

Era professora primária. Hoje não era mais esse o nome que lhe davam, mas ainda continuava a se apresentar assim. Saiu naquela manhã apressada na direção do ponto de ônibus. Repetia na cabeça os itens da pauta da reunião. Pedir a colaboração dos pais para que eles acompanhem as tarefas de casa, pedir a contribuição voluntária da taxa da associação de pais e mestres, pedir a participação da comunidade na festa junina, apresentar os boletins com os conceitos do bimestre. Reunião de pais? Já participou de quinhentas a mil vezes.

Para terminar a carreira, procurou um lugar que nem existia no mapa, nos limites da cidade, quase zona rural, que a obrigava a sair de casa com duas horas e meia de antecedência. Tudo para tomar distância daquela bruxa da outra escola a quem parecia só haver um jeito de estar no mundo, só uma possibilidade de ser professora, só uma boa moral, só um bom costume. A diretora valorizava uma dúzia de alunos puxa-sacos que têm sempre uma coisa do colega para delatar e as professoras construtivistas, sempre magras e bem tratadas. Dava raiva delas. Raiva demais passou ali. Foi para a remoção. Não antes de arrumar a maior briga e destampar as verdades entaladas na garganta: que criança não constrói nada sozinha, que deveria voltar a retenção para voltar a dignidade da escola, que aprender exige esforço e disciplina, e para completar disse na cara delas que a escola era um serpentário: a diretora cobra-coral e as colegas jararacas.

Na nova escola sentia-se livre do veneno rasteiro, dos olhares de censura, com uma alegria e uma sensação de liberdade que nunca antes experimentara. Pensava nisso quando decidiu que, naquele dia, poderia fazer diferente. Falaria menos e ouviria mais. Perguntaria aos pais, que sempre são mães, sobre o que estão achando da escola, o que têm observado nos filhos, o que acham que eles têm aprendido. O que será que os alunos contam da escola? A maior parte dos alunos eram filhos de migrantes do Paraná, pequenos sitiantes que criavam porcos e que perderam as terras para o banco por causa da peste suína.

Até se divertiu com as poucas mães que compareceram. Ganhou um raminho de primavera furta-cor e um pedaço de bolo de fubá embrulhado em papel pardo. Leu para elas um conto de sua autora preferida, Adélia Prado, mineira como ela, Sem Enfeite Nenhum. Fez a leitura como um presente. Ficou feliz. Até reparou em Iracema, mãe do Nivaldo, sentada num canto, cabeça recostada, um sorriso nos lábios.

– Você quer dizer alguma coisa? A outra, no contentamento do rosto, parecia ter descoberto algo novo ou avistado algo lindo!

– Nossa professora, a senhora está “capada”! Que braço forte, bonito! Meu filho gosta muito da senhora. Que Deus lhe conserve a saúde!

Trouxe na volta o ramo de primavera numa mão e o bolo na outra. Olhou o céu azul. Faria um chá ao chegar em casa e descobriria porque não se sentira ofendida em ser chamada de suína. Ah, se fosse na outra escola...

Jardim São Fernando, 2002

## Caminho

Chegara cedo naquele dia para coordenar a reunião. Aguardava dentro do carro, no pátio da escola, a chegada dos professores e funcionários.

Durante os percursos de casa até os destinos periféricos onde estão localizadas as escolas, ia alargando as fronteiras da cidade que, dentro dela, permaneciam numa perspectiva diminuída e equivocada.

Olhava a paisagem. A baixa velocidade que impunha ao carro era um incômodo ao ritmo de outros motoristas que não percebiam qualquer atrativo no espaço. Como vou perceber a cidade em alta velocidade? perguntava-se, ao cruzar com olhares ferozes, gestos de impaciência e palavrões.

Nesse tempo, aprendia a orientar-se para chegar às cinco regiões da cidade e a desorientar-se no encontro com as pessoas com quem trabalhava. No trajeto de casa às escolas, pensamentos e lembranças, gradativamente, subvertiam e maculavam o espaço urbano.

O sobressalto provocado por uma freada do carro atrás do seu a fez lembrar do primeiro dia de aula quando assumira o cargo de professora efetiva no bairro da larga avenida repleta de árvores que lhe davam o nome, dos altos prédios e condomínios fechados de casas.

Recém terminada a faculdade de letras e o curso normal, passara no concurso, renovando a tradição das mulheres de sua família, como passara com carinho a roupa de ver “Deus, o Padre e a Joana” para esse primeiro dia de trabalho: um conjunto de linho branco, gola de organza e um casaco azul marinho. Em meio a suores e calafrios, olhando-se no espelho, mal definia os sentimentos que a vigília por esse dia vinha lhe provocando: um misto de náusea em terra firme com desejo de ver o horizonte.

Naquela manhã levantou cedo, pegou o material há muito separado, as mãos suando frio, saiu. A avenida era indiferente à rua que, cruzando por ela, dava acesso à baixada do Buraco do Sapo, área à beira de um córrego que, no crescimento vertiginoso da cidade, nunca foi sonhada ou planejada, e sim invadida e ocupada do dia para a noite por barracos de tábuas. Na continuação do córrego, no limite com o asfalto, ficava a escola, numa imensa área verde que parecia vencer qualquer embrutecimento, distribuída em dois prédios com uma quadra de futebol improvisada, que guardava, sob ela, azulejos de uma antiga piscina.

A diretora mostrou-se amável e receptiva, desejou-lhe sorte, acompanhou-a até a sala de aula. Elogiou sua elegância com cara de quem perguntava se ela sabia para onde estava indo. Subiram a rampa enquanto ela agradecia a sorte de vir trabalhar num lugar tão arejado. O sol estava forte, fazia calor. Outras escolas da rede espremiavam-se entre o barranco e o asfalto. Eram mais corredores que escolas.

Ali, na segunda sala à direita, falou a diretora. – Pode se apresentar. Eles *estão sabendo* que hoje você viria.

Sua aparição na porta fez com que a professora substituta que trabalhava ali há meses ficasse aos prantos, o que provocou uma comoção geral das crianças que a abraçavam e pediam que ficasse.

No inesperado, conheceu o reverso de bem-vinda.

Dali para frente tudo foi só um contínuo esforço no enfrentamento do choque. Seu rosto corava-se. Caíra num mundo desconhecido e bárbaro.

A professora recém-formada sentia na pele o desespero: as crianças não paravam quietas, rasgaram os crachás que ela preparou com seus nomes, houve briga, gritaria e confusão. Na hora do recreio, o espaço externo foi completamente dominado por centenas delas que, saindo desenfreadas do refeitório, ocuparam a imensa área verde. Foi aí que um menino caiu e se machucou, outro vomitou, outros arrancaram os sapatos, brigaram por causa de lanche. E ela, sem sentir os pés no chão, apartou brigas, recebeu apertos e abraços, ganhou uma flor de uma menina num copinho de plástico, recebeu bilhetes de eu te amo cheio de corações, consolou o tempo inteiro uma pequena que queria a outra professora.

*Você vai gostar de mim, prometo.*

Seus sentimentos se obscureciam e cada gesto era a busca desesperada para encontrar saída para aquela situação fora do controle e aflitiva, compartilhando com medonhos canibais, terras paradisíacas. Assustou-se com um menino com uma enorme manga verde na boca no galho mais alto da árvore, suou ao amarrar sapatos na vã tentativa de volta à calma.

Para que foi preparar crachás se as crianças já se conheciam? Era ela a estranha. Só as letras do seu nome não faziam parte daquele mundo, só ela não falava aquela língua.

Puxou com raiva a gola de organza do seu pescoço como se lhe faltasse o ar, sentindo-se ridiculamente preparada para aquele trabalho, em meio a meias amontoadas,



riozinhos de suores nos rostos, drosófilas, marcas de mãos na saia branca, pedaços de bolachas recheadas, figurinhas amassadas, restos de sucos e refrigerantes nas camisetas.

No final do dia olhava para os lápis de cor, papéis e revistas sobre a mesa, que lhe pareceram, por alguns momentos, instrumentos anacrônicos para a tarefa de ensinar aquelas crianças. Sentiu que não conseguiria converter o planejamento em ação e que boa parte do tempo que passou se preparando para ser professora, fazendo álbuns de música, colecionando gravuras, lendo histórias e textos, estudando as teorias do desenvolvimento, tinha sido em vão. Por que os professores do curso normal não lhe apresentaram uma criança de verdade? Por que não tinham lhe apresentado esse outro mundo?

Estava parada no sinal quando riu da cena do final do dia, ela sem sapatos dentro de um caixote de areia, exausta, cabelos arrepiados do ritual de horrores.

Percebeu só depois de alguns instantes, o sinal aberto, o motoqueiro olhando fixamente, fazendo um gesto impaciente com o indicador direito ao lado do capacete.  
*Vai dona!*

Na volta para casa, a larga avenida ficava indiferente à rua que, cruzando por ela, dava acesso à baixada do Buraco do Sapo, área à beira de um córrego que nunca foi sonhada ou planejada e sim invadida e ocupada do dia para a noite em barracos de tábuas...

## Limites

*Só plantando coroa de Cristo, só muito espinho para afastar essa gente*, disse-lhe a merendeira apontando para o alambrado, cheio de roupas secando ao sol. Através dele, olhava os movimentos dos moradores, parados nas portas das casas, sentados nas sarjetas, subindo e descendo ladeira, acenando e rindo para quem estava do lado de dentro da escola. Lá ou cá era um frenético alarido. Perguntava-se onde começava a escola e onde acabava o bairro. A proximidade dos barracos sem recuos, muros e distâncias forçava a convivência e fazia com que a vida alheia não fosse indiferente. De longe, ninguém padecia de solidão. Fartas de canseiras e de esperanças, as pessoas enchiam carroças de papelão, amontoavam nas calçadas vidros e garrafas plásticas. Embora o movimento de ir e vir agravasse as dores da penúria, encontrando quem os ouvisse, abriam seus corações em gloriosos projetos.

Da cerca para cá se corrigiam as pronúncias, respeitavam-se regras, aplicavam-se castigos e restrições, cuidavam da higiene, reprovavam, ensinavam a escrever, a ler e a contar. *É de pequenino que se desentorta o pepino. Se eles não têm de berço, alguém tem que dar educação...* Viu impactada, num dia de muito frio, uma mulher chegar com dois bebês da maternidade. O dela e o da vizinha. Também não tinha berço para os bebês, tinha bem pouca coisa, mas achou que era aquilo que tinha que fazer. Nariz reto, testa alta e queixo bem formado, nutria cada criança em cada um de seus seios. A desordem e a miséria restituíam a vida como referência: criou o filho da outra a três casas de distância, não escondeu dele quem era sua mãe biológica, não emitiu sobre ela nenhum juízo de valor, nunca reprovou seu gesto.

Aos poucos, os buracos da cerca foram ensinando os moradores a se deslocarem. Era metade do caminho até o ponto de ônibus. Ninguém mais dava a volta pelo quarteirão. Quem passava pela escola conversava com quem estava dentro da sala de aula, sentado na janela. Trocavam chicletes, chupadas de sorvete, combinavam futebol e idas ao centro, outros negócios nem tão inocentes.

Os professores se incomodavam com o trânsito informal que tirava a atenção dos alunos, com as confusões causadas por brigas e desentendimentos. Decidiram plantar hibiscos bem ao lado das janelas para demarcar território, cansados de ser a cerca o centro das atenções. Clara, uma mulher negra e gorda, corria quase que diariamente atrás da

sobrinha, Marlene, com uma vara de marmelo. A menina fugia como um corisco pela rua rindo dos lentos movimentos da tia. Sabe quando vai me pegar? Nunquinha.

– Menina saFADA, menina malcriada, quando te pego te dou uma tunda...

Um buraco equivalia a dois novos no dia seguinte que, o guarda, com um rolo de arame e um alicate, emendava pacientemente. Se o conserto não persistisse, alambrado no chão, a cerca deixava de existir. Sem a cerca os limites ficavam mais visíveis. Os professores não queriam ficar na escola, pedia-se a ajuda da polícia que acabava sendo outro fator de interrupção das aulas, quando subia e descia as ruas, entrava e saía da escola, nem sempre de forma despercebida. *A barcona passou, a barcona desceu, a barcona voltou*, diziam as crianças acompanhando o movimento das viaturas.

Num início de agosto, as salas do prédio de cima amanheceram sem nenhuma carteira ou cadeira. Nas férias, os alunos menores as arrastaram pelos buracos do alambrado, trocaram no caminhão de ferro-velho por pirulitos. Depois foram revendidas pelo dono aos moradores do bairro. Aos poucos, nas casas, foram encontradas as mesas como suporte de margaridas distraídas em copos de requeijão, como apoio de dominós e trucos, outras enfeitadas com pequenas toalhas de crochê, ou ainda amontoadas no caminhão do ferro-velho, com o número de patrimônio da prefeitura, misturadas a latas e canos enferrujados... *Com licença, esta cadeira é da escola, como o senhor pode ficar sentado nela enquanto os alunos não têm onde sentar?* A diretora fez reunião, chamou o conselho de escola para dizer que aquilo era inconcebível, fez boletim de ocorrência contra o dono do ferro-velho que disse que a culpa era das crianças, ele só estava fazendo seu trabalho. Gritava que não tinha nada com aquilo.

Era o fim. O fim e o princípio.

## Coletivo

A frase de Brecht *Do rio que tudo arrasta se diz ser violento, mas ninguém diz violentas as margens que o comprimem* a acompanhava colada na capa do diário de classe.

No intervalo das aulas, na sala dos professores, as conversas giravam e voltavam para o mesmo lugar. O discurso normalmente atribuía ao abandono da família o insucesso na aprendizagem. Não seria a escola que daria conta de problemas estruturais. *Filho de peixe, peixinho é, pobreza não é desonra.*

Pobreza não é desonra. Muito bem. No entanto desonram os pobres. Fazem isso e o consolam com o provérbio. Este é daqueles que antigamente se podiam admitir como válidos, mas cuja data de vencimento já chegou há muito tempo. Do mesmo modo como aquele brutal “quem não trabalha não come”. Quando havia trabalho que alimentava seu homem havia também pobreza que não desonrava, quando atingia por má colheita ou outra fatalidade. Mas é desonra, sim, essa penúria, da qual milhões já nascem dentro, e em que são enredados centenas de milhares que empobrecem.<sup>1</sup>

- Essas mães ficam o dia todo tomando sol na porta de casa. Para o lápis elas não têm dinheiro, mas vê lá se deixam o cigarro!
- Não dá para continuar com esse discurso. Por que veio ser professora aqui?
- Eu não ganho para agüentar certo tipo de coisa.
- Você poderia ter prestado um concurso na Sanasa e estar organizando arquivos. Trabalhar com gente é mais difícil.
- Tem gente que ainda não é gente...

O trabalho coletivo como pré-requisito do trabalho educativo foi perseguido por ela. Com um grupo de escola menos ingênuo, muitas coisas melhorariam. Então, Barbara Freitag, Althusser e os Aparelhos Ideológicos do Estado. A escola não transformaria a sociedade, mas poderia ajudar a dar um outro movimento a ela. Karl Marx. Teoria da teoria. Criticismo. Consciência da consciência.

Ao mesmo tempo, percebeu que alguns professores que professavam o “materialismo histórico dialético” como ideologia orientadora do trabalho, que

---

<sup>1</sup> Benjamin, *Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo*, p. 22.

explicavam a luta de classe e a mais valia, que atribuíam à produção social da miséria as mazelas da escola, que não perdiam uma única reunião do sindicato, usavam de palavras ásperas, gritos, falta de paciência com os colegas e com os alunos. Alguns ensinavam pouco ou quase nada, demonstrando pouca empolgação com outro conhecimento que não fosse o das transformações da sociedade. A simples presença imobilizava e fazia calar. E as crianças precisavam aprender a ler textos e conhecer palavras... Ao mesmo tempo, muitas vezes, viu a professora “ingênua” e “tradicional” ter uma posição muito mais afirmativa em relação ao trabalho, encarando dificuldades, cobrando ordem e disciplina para que todos aprendessem, conseguindo resultados de aprendizagem.

O conhecimento teórico, inspirado em espíritos revolucionários que por ali se movimentavam buscando de antemão tudo explicar, lembrava O Albatroz de Baudelaire, *imensa ave dos mares que acompanha o navio a singrar por glaucos patamares ...*<sup>2</sup>

O discurso grande, pronto, norteador acabava por não ser vivido nas pequenas relações. *Tão logo o estendem nas tábuas do convés.* Assumir posicionamento em favor da escola pública, das crianças das classes populares, em favor do respeito às diferenças, traria resultados já conhecidos. O tão decantado respeito pelo outro não rompia o círculo perverso do particular com o particular, em que cada qual ficava do seu lado, na sua irredutível diferença. O reconhecimento do outro estava na ordem do dia como um bordão, como um conceito, como um discurso. De perto, o embrutecimento, a indiferença, a surdez ao que o outro dizia, a impaciência, respostas fáceis para os dramas e dificuldades.

*Antes tão belo como é feio na desgraça esse viajante agora flácido e acanhado. Na distância, enfrenta os vendavais e ri da seta no ar, exilado no chão, em meio à turba obscura, as asas de gigante impedem-no de andar.*

Começou a desdenhar da grande ação coletiva que iria transformar a sociedade... Não se filiou a um partido político por implicar com as palavras de ordem e promessas das alturas. Filiada ao sindicato dos servidores municipais discordava basicamente dos métodos autoritários que ele adotava nas negociações de dissídio, e como, depois da fogueira acesa, ele coordenava as negociações. Essas práticas políticas pareciam, em muitas situações, anacrônicas para os desafios daquele tempo.

---

<sup>2</sup> Baudelaire, *As flores do mal*, p. 111.

Desistiu das opiniões formadas sobre a escola, sobre o mundo, sobre as pessoas. A ação redentora e salvadora das maiorias estava, agora, num horizonte distante.

As grandes palavras de ordem foram gradativamente perdendo a força, ficando mais baixas até sumirem ao vento. Seria a reflexão e a ação? Outros sentidos se agregaram ao trabalho pedagógico.

Pertencer ao chão sem criar dentro o que não existe fora. Quem sabe encontrar respostas criativas para tantas irresponsabilidades!

Às vezes, sem remédio, era a falta de solução que resolvia o problema.

*O monarca do azul, canhestro e envergonhado, deixa prender, qual par de remos junto aos pés.*

Uma ética mais próxima, incompleta, de sobreviver e ajudar os outros a sobreviverem também. De um primeiro passo, mesmo titubeante, manco e desajeitado. Ao lado de pessoas e no confronto inevitável com elas a pergunta era: que tipo de palavra poderia nos fazer sair da solidão? Arrancou a frase de Brecht e colou no lugar uma de Rilke que Ana lhe dera:

*O que é a rosa senão a festa de um fruto perdido?*

## saFADA

Você conhece uma menina levada? Tipo: mão na cintura, pezinho batendo impaciente no chão? Arruma briga, acerta as contas, compra encrenca de outros, tira satisfação... dá tudo para entrar e para continuar na confusão? Assim ela é.

A tia saía cedo para a faxina e passou a cuidar dela depois que os pais foram presos. Negócio sujo desse que Jesus não perdoa e que se evita contar. Tem um monte de gente que continua para fora e pode querer acertar dívidas... A mãe acabou morrendo na cadeia e essa irmã, Clara, assumiu a guarda no juizado. – E ela me obedece? Todo dia a tia jurava que ia devolvê-la para uma instituição: – Ninguém merece, ninguém agüenta essa menina - dizia - quem pode com a vida dessa saFADA? Pega a cinta, pega o rolo de fio. Grita, conversa, aconselha. A teimosia tira a tia do sério. – Bate, bate, bate - retruca. Bate, bate mais, do meu olho não vai sair uma lágrima! A professora reclama que ela não agüenta ficar na sala. Sai para ir ao banheiro, para tomar água, para pegar a vassoura, vai que cai algum papel no chão, sai para chamar a diretora, para buscar giz, para emprestar tesoura, para ver se o sinal não vai tocar. Cutuca a menina que tem cabelo comprido na frente, puxa seu rabo, a chama de piolhenta. A outra chora e ela se mata de rir.

Em dias de sol é bom molhar as plantas, olha só para elas... A aula acaba e ela pega a mangueira. Não tem pressa, só fica esperando alguém passar para dar um banho “distraído”. Só o caderno continua em branco. A lição acaba em Campinas, 10 de outubro de 2000; no conjunto do semestre, escreveu o calendário umas trinta vezes. Faz uma nuvem e um solzinho... O dia está... A média é dois anos em cada série. Lição que é bom, nada. No caderno não há gesto. Naquele dia a tia chega cedo e pede para conversar com a professora. Pergunta se não tem mais colégio de freira que cuide de crianças... A professora sugere que a menina entre num projeto de dança da escola. O trabalho com o corpo a ajudaria na concentração e na disciplina. Collant cor de rosa, meia branca, o cabelo em coque seguro por uma redinha. E sapatilha rosa no pé. Clara não acreditava que ela agüentasse o coque no cabelo. Ih! sei não... A menina desandou na dança... Chegava muito antes e preparava a sala. Afastava as cadeiras, trazia outras alunas para ajudar, comandava a arrumação ao som de música de tal forma que já se configurava uma coreografia.

Os dias passaram. Mesmo naqueles em que não havia aula, ela emprestava o som e enchia o salão de gestos, esticava a coluna, acompanhava o movimento das mãos com os olhos, fixava um ponto no horizonte. Desbravou coreografias. Outras foram se chegando e se encantando... Leveza nas mãos, pernas sincronizadas, trabalho de grupo que virou conjunto (todo mundo sabe o quanto isso é difícil). A dança fez-se rotina, fez-se obstinação, fez-se educação. Desandou na dança a menina e hoje não há quem a detenha.

Quem viu, viu, a aula daquele dia. Arte da menina levada. Seria saFADA?

Jardim Flamboyant, 2000

## Encontro

“O que sabemos nós, afinal, das esquinas de ruas, dos meios fios, da arquitetura da calçada, nós que nunca sentimos a rua, o calor, a sujeira e as arestas das pedras sob os pés descalços, e que tampouco examinamos o desnível entre as largas lajotas para ver se poderiam nos servir de leito?”<sup>1</sup>

Ana e ela tornaram-se grandes amigas, sendo o trabalho a primeira razão de suas conversas. Algumas coisas elas sabiam, outras sabiam de cor, outras nem desconfiavam. Partilhavam leituras, gostos, histórias. *As folhas da relva* de Walt Whitman e *O Livro das Ignorâncias* de Manoel de Barros, especialmente, foram livros que Ana lhe deu de presente e que continuaram presentes dentro dela.

Houve um outro definitivo: *O Sorriso Etrusco* de José Luís Sanpedro.

Ela e Ana voavam fora da asa quando sonhavam com uma organização de escola que fosse ao encontro das pessoas. A instituição capturava os desejos, normatizava os olhares, mantinha amarras vigilantes em conter as possibilidades de mudança e criação. Uma simples reestruturação no funcionamento do horário ou na carga horária, mais do que as discussões do projeto pedagógico, provocaria mudanças positivas nas relações de ensino e aprendizagem. Um outro movimento, a escola podia dar certo.

Ano após ano, as quintas séries continuavam com os “maiores” índices de evasão e reprovação. As conversas giravam em torno dos “alunos imaturos, alunos sem pré-requisitos...” Mudar o horário das aulas para o período da manhã seria uma medida simples que faria a diferença. Estava claro que a ausência de rotina no conturbado período vespertino deixava os alunos mais novos perdidos, sem orientação. Cinco aulas de cinquenta minutos, às vezes dispostas em intervalos absurdos, também dificultavam que o tempo da aprendizagem se efetivasse. Quando o mundo inteiro se punha a sonhar, Ana punha as mãos na massa e o transformava: fez um horário com aulas duplas, ou triplas, com apenas duas disciplinas por dia, aumentando o tempo de interação de cada professor com os alunos. Converteu o horário num arabesco: passou horas debruçada sobre o caderno,

---

<sup>1</sup> Benjamin, *Passagens*, p. 930.



detalhou o horário em minúcias levando em conta as mais variadas possibilidades, coletivas e particulares. Sugeriram que as quintas séries passassem para o período da manhã.

A diretora concordou com as propostas e a idéia foi anunciada para o grupo de professores. Insatisfação geral. O que fariam em três aulas seguidas com os alunos? O tempo de uma aula é suficiente para que eles copiem a matéria do quadro e façam os exercícios. Tudo deveria permanecer como sempre havia sido. Quando havia falta de professor, outro acumulava as aulas.

*Prá dentro, matemática deixou tarefa!*

As questões do trabalho ficavam submetidas ao que fosse melhor para a vida pessoal de cada um. Organizava-se a vida escolar em função da circulação dos professores, numa urgência de que o tempo passasse, de preferência, sem barulho e sem tumulto. Preencher o horário com atividades que nem sempre ensinavam alguma coisa garantia que a organização se perpetuasse e deixava o lugar da aprendizagem esvaziado de sentido.

Enquanto ela e Ana tinham clareza de que fariam o que fosse melhor para o trabalho, abrindo mão de questões pessoais para que ele desse certo, pairava nas reuniões a necessidade de se discutir projetos especiais – projeto reforço, de resgate de auto-estima, acabavam sendo os temas consumidos. Sem a consciência de que todos estavam espremidos numa estrutura que não foi pensada para dar certo, o problema das quintas séries eram as crianças.

*Ouçó dizer que contra mim foi alegado*

*Que eu procurava destruir instituições*

*Mas na verdade eu nada tenho contra*

*Nem a favor das instituições*

*–que tenho eu afinal a ver com elas*

*ou com a destruição delas?*

*Tudo o que quero é fundar*

*Em Manhatta e em toda e qualquer cidade*

*Destes Estados, litorâneos ou do interior*

*E pelos campos e bosques*

*E em qualquer barco de quilha pequena ou grande*

*Singrando quaisquer águas  
Sem edifícios ou regras ou fiadores  
Ou qualquer tipo de argumentação,  
A formidável instituição  
Do amor entre camaradas<sup>2</sup>*

---

<sup>2</sup> Whitman, *Folhas das folhas da relva*, p. 66.

## Terras estranhas

Pequenas mudanças. Na rotina, o que parecia fim ficava grávido de inícios. Num mês de outubro foi organizada uma semana de trabalho fora das aulas de cinquenta minutos, dos sinais estridentes, da luta para os alunos permanecerem dentro das salas. Um trabalho de pesquisa sobre quatro países – Venezuela, Egito, Itália e Japão – tendo dois professores como coordenadores de cada trabalho. Aos poucos, muitos objetos, textos, fotografias, mapas foram parar na escola, trazidos por professores e alunos. Estabeleceu-se uma outra dinâmica discursiva entre eles, o tom autoritário das conversas foi, aos poucos, substituído por uma interação mais parceira. Desenrolou-se um desejo, uma alegria diferente.

Parecia que “a fala e a escuta que ali se trançavam fossem semelhantes às idas e vindas de uma criança que brinca em torno da mãe, dela se afasta e depois volta, para trazer-lhe uma pedrinha, um fiozinho de lã, desenhando assim ao redor de um centro calmo toda uma área de jogo, no interior da qual a pedrinha ou a lã importam finalmente menos do que o dom cheio de zelo que deles se faz”<sup>1</sup>.

À medida que outro ritmo e outra circulação se impuseram, os professores viram por alguns momentos os ditos “rebeldes” tornarem-se participativos, ficando até o final das aulas, outros ditos “indisciplinados” olhando com atenção, registrando o que estavam aprendendo. A surpresa imediatamente foi substituída pelo lamento: *Por que eles não ficam assim para sempre?*

O clima da semana foi bem diferente da tensão de outros dias. “Longitudes se alargavam, latitudes se estendiam”<sup>2</sup> enquanto professores e alunos aprendiam juntos, descobrindo terras do leste e terras do oeste, ouvindo outras músicas, provando outras comidas, assistindo a vídeos, circulando em terras estranhas. Para o encerramento do trabalho foi proposto que cada classe organizasse o material produzido na semana, numa exposição. A atividade continuou deixando professores surpresos e alunos animados. Cada um trazendo um objeto, uma palavra, um pensamento, “cada um com todos partilhando a terra,<sup>3</sup> fez com que outra escola afluísse por aqueles dias.

Foi admirável a capacidade com que cada equipe conseguiu se organizar, falar do que tinha aprendido. Até Ben Hur que nunca parava quieto, tido como um dos

---

<sup>1</sup> Barthes, *Aula.*, p. 44

<sup>2</sup> Whitman, *Folhas...*, p. 71

<sup>3</sup> *Ibidem.*

“piores casos de disciplina” virou múmia na exposição do Egito ficando imóvel por horas, surpreendendo todo mundo. Viram a encarnação da impaciência ter um dia de autocontrole tibetano. Deixaram as salas, subiram para o palco, apresentaram e representaram o que aprenderam. A proposta trouxe muita cansaço, pés inchados e ficou dentro das pessoas como os mais longos dos dias com certa luz e calor diferentes.

Inventar, tentar, descobrir. *Em terras estranhas, curva-te*, diziam-se sempre, lembrando Orides Fontella. O verso tornara-se emblemático das muitas situações inesperadas, sem sentido e sem resposta que experienciaram, dos poucos recursos que tinham para enfrentá-las e do modo como tentavam compreendê-las, modificando seus pontos de vista. Sempre em terras estranhas. *Será que ainda tem gente que acredita que é a formação acadêmica que prepara para o trabalho?* perguntavam-se, rompendo com a posição de superioridade que muitas vezes a universidade mantinha com a escola pública, sentindo que era ali que aprendiam nem sempre de maneira clara, transparente ou possível de traduzir.

A reflexão não se aproximava do vivido de maneira direta. A relação com a prática não se dava na tranquilidade anunciada pelos livros. Nem sempre dava para tomar distância, tomar fôlego, dar o tempo para que processos fossem gestados. Repetiam, repetiam, até ficar diferente, buscando leituras e palavras que ajudassem a dizer o que ainda não era dizível. Ao mesmo tempo, viam pessoas passando por ali para levantar dados, aplicar questionários, filmar salas de aula e saírem com tudo debaixo do braço, achando que encontravam a chave. Cantada e recantada aos quatro ventos, a escola pública virou caricatura em pesquisas que nasceram e degeneraram sem ajudar os professores.

Não seria um conhecimento particular, pedagógico, que daria conta dos tons, intensidades, enunciados, gestos que brotavam em fronteiras que não se fixavam, passando todo o tempo por vários pontos e não somente por um aspecto.

“Trouxeste a chave?”<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> Carlos Drummond de Andrade, Procura da Poesia. *A rosa do povo*, p. 26.

## Exército de Brancaleone

O trabalho começou a ser construído numa forte relação de confiança. Antonieta, quando assumiu a direção do Departamento Pedagógico, convidou-a para a Coordenadoria de Formação. Assim que ela aceitou, Ana foi a primeira pessoa em que pensou. Conversaram longamente num café e ao final saíram com algumas coisas resolvidas.

Foram as primeiras integrantes do pequeno “Exército de Brancaleone”. Mais tarde se juntariam a elas Amilton, Marcos, Moriza e Cristina. Riam imaginando-se no revezamento do cavalo, as roupas rotas, nenhuma bandeira, uma longa jornada pela frente. Poucas condições físicas para o trabalho se realizar, mas uma urgência em saber o que fariam hoje, no tempo presente, com pessoas presentes, de mãos dadas. Farrapos. Um prédio com muitas goteiras, 5 salas e cupim no teto, um computador, 2 vídeos e 3 televisões e uma rede de quase 200 escolas para atender. Pensavam o dia inteiro. Trabalhavam em qualquer cantinho que encontrassem, numa mesa qualquer que sobrasse.

No novo trabalho que assumiam, os limites estavam ainda mais diluídos. Ana e ela não estavam na escola, mas interfeririam nas escolas coordenando o Programa de Formação Continuada dos Educadores. Continuavam preferindo palavras que ainda não tinham idioma. Gostavam de quintais, de meninos e de latas. Falavam das crianças que desenhavam o cheiro das árvores, outras que carregavam água na peneira. Sabiam que a vida resistia, inexplicavelmente. Lembravam com ternura de colegas que acreditavam que se o horizonte se enrubescesse, era incêndio. De outras para quem que tudo o que não existia era mais bonito. De outras, ainda, que achavam que os alunos entendiam tudo o que elas falavam, sem nunca conferir o que foi dito, sem perceber a doença nas palavras.

Estavam fora da escola, área de atuação ampliada de uma escola para muitas, para uma rede. Acostumadas a pensar que “o enorme é feio”<sup>1</sup>, lidariam agora com o enorme, tendo certeza de que não seria o programa de formação continuada que resolveria a vida das escolas. Lidariam com o enorme, lançando-se no trabalho, entrando no movimento que já existia e dentro dele descobrindo possibilidades.

---

<sup>1</sup> Expressão usada por James Hilmman no artigo “E o enorme é feio” do livro *Cidade e Alma*, 1993.

Lidariam com o enorme, concentrando-se no pequeno, sabendo que as surpresas estariam à espreita nos desvios.

Num pequeno prédio localizado na Vila Marieta, chamado Ceforma, organizaram os primeiros cursos para os professores, partindo dos poucos que já existiam. Divulgaram as resenhas e prepararam-se para receber as inscrições na expectativa de que as vagas se preenchessem. Enquanto trabalhavam, uma supervisora pediu que organizassem um curso para acabar com o autoritarismo das diretoras. Entreolharam-se. Profundo silêncio.

*se o dia é todo estranheza*  
*submete-te<sup>2</sup>*

---

<sup>2</sup> Orides Fontela , Iniciação, *Poesia reunida*, p. 201.

## Delicadeza

Naquela manhã chuvosa, chegaram juntas e de longe observaram uma longa fila de pessoas dobrando a esquina. Desde as seis da manhã já havia gente na porta, esperando. Senhas, discussão, confusão. *Quem chegar primeiro fica com a vaga. Eu quero dois cursos!* Ao pedir licença para alcançar o portão, observou os olhares, cutucadas apontando para ela com raiva, escutou: *Vamos ver de que jeito ela vai resolver o problema. Ela não é a chefia?* A entonação tinha qualquer coisa que poderia se traduzir por: *a chefia só serve para atrapalhar e prejudicar a vida da gente.*

Teriam que encontrar uma saída para o inesperado, estando atentas ao que se produziria a partir do que não era previsto. Não foi assim que aprenderam? A consertar o navio em alto mar, sem ter ancoradouro seguro para o reparo? A responsabilizar-se pelo incompleto e pelo provisório? Irritou-se com os gritos e com empurra-empurra. Teve ímpetos de pedir que voltassem outra hora, que fossem procurar outra freguesia. Corou de raiva com o tumulto. Parecia estar de novo, em outros tempos, na escola, as classes abarrotadas, as brigas por causa de vagas, para depois, aos poucos, as classes irem se esvaziando pelas constantes mudanças das famílias ou de parte delas do bairro. Crianças começavam o ano numa escola, terminavam em outra. No ano seguinte voltavam para aquela e a briga recomeçava. Tinha a impressão de que, mais que participar dos cursos por terem se interessado pelo tema ou por ter alguma relação com o trabalho, as pessoas brigavam porque não queriam ficar de fora.

A confusão desse dia logo passaria e, muito provavelmente, os cursos não chegariam até o final com a sala cheia. Como podem ser educadores da rede pessoas que mal conseguem escutar umas às outras? O que ensinarão às crianças? *Em terras estranhas, curva-te.*

Foi aí que viu Ana, solicitada por aquela fragilidade, acalmando as pessoas, olhando nos rostos, estabelecendo uma relação de proximidade, organizando as inscrições, falando baixo, com delicadeza, dizendo que todos seriam atendidos, que ninguém ficaria de fora, criando um lugar para a proposta de formação começar a acontecer. Seus gestos, recheados de civilidade e paciência, traziam uma verdade enfática para aquela circunstância: era o

início de um trabalho que tinha, naquele rito, no modo como as pessoas fossem acolhidas, o esboço do que ficaria pronto no futuro. Ana sempre se incomodou de o ano letivo começar como se fosse mais um dia. Sem um preparativo, sem alegria, sem celebração, sem entusiasmo, às vezes sem a diretora, até mesmo sem professores, a escola suja, as paredes cansadas. *Como as crianças vão aprender a ser estudantes, como vão aprender nessa indiferença?* Ana começava a desenhar a gaiola, ou melhor, a apagar a gaiola, no roteiro de como fazer o retrato de um pássaro<sup>1</sup>.

Trabalhou incansavelmente até garantir uma vaga a cada pessoa. Foi ficando pequena, frente ao trabalho que começara. Descobriu, na sua árabe-ancestral-paciência, pessoas se inscrevendo em vários cursos, quando a proposta era de no máximo três opções para cada uma, pessoas preenchendo várias fichas na tentativa de sair na frente em relação a outras, pessoas inscrevendo o nome de outras que não estavam presentes, quando a orientação era de que a inscrição fosse pessoal.

Embora o discurso da inclusão, do respeito às diferenças, já tivesse sido amplamente debatido e divulgado havia mais de uma década entre os profissionais da rede, a prática trazia as marcas de como as pessoas entendiam que a relação com os gestores se estabelecia: num clima de desconfiança, as ações que a Secretaria propunha reproduziam a lógica excludente, trazendo descontentamento e acirrando a competição. Havia uma delicadeza perdida nas relações entre os profissionais da rede, que embora fosse um espaço público, não se convertia num espaço de hospitalidade. Ana lhe ensinou naquele dia que um bom projeto de formação poderia ter “a civilidade como exercício e a formação como aprendizado, constituindo, na sua unidade, o oposto da barbárie. Ambas remetem ao tema central da responsabilidade, que assume, no plano da civilidade, a forma do cuidado com o outro”.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Referência ao poema de Jacques Prévert “Para fazer o retrato de um pássaro”, *Paroles*, 1949.

<sup>2</sup> Cohn, “Indiferença, nova formula de barbárie”, in *Civilização e Barbárie*, p. 84



Graça

### *No cio rebole*

Estava escrito no muro. Palavras vivas, palavras estranhas que chegavam aos olhos da menina com alta temperatura, a faziam corar e a desejar conhecer o significado. Com certo desconforto, perguntou à mãe que, meio sem jeito, lhe respondeu:

– Não olhe para aquela bobagem! Coisa de gente desocupada!

A menina fora capturada por aquela incompreensão. Olhando para ela, *hesitava, mestiça, entre a pressa e a preguiça*<sup>1</sup>. Naquela tarde brincou de esconde-esconde. Rosto virado contra a parede, contando até dez, achou que cio era o lugar onde morava gente trapaceira. Depois, atrás do sofá, de olhos fechados, esperando por ser descoberta, pensou que cio fosse o lugar onde a moça da televisão ganhara o concurso de beleza. Padecia de uma certa aderência dos olhos no muro, de uma fixação sem disfarce.

Dia após dia, desenrolava as idas e vindas da casa ao mercado, da casa à escola, e o desejo diário que a ela se apresentava: de qualquer lado da calçada, brotava em sua cabeça, surpreendente maquinaria, uma roda de coisas e nomes, estilhaços entre mormaço e cansaço. O corpo vibrava e os quadris se moviam lentamente num discreto rebolado.

Um dia, procurando o significado de “cintilante” no dicionário, num estudo de vocabulário, passou os olhos por cio, leu em voz alta: *período de desejo sexual intenso dos animais*.

Esse dia não foi dela.

Esse dia não teve a menor importância.

Jardim São Fernando, 2001

---

<sup>1</sup> Leminski, 01, *50 Poemas escolhidos pelo autor*.

## Rua

Nos dias de reuniões do Departamento Pedagógico, ia a pé para o trabalho. Ainda era uma possibilidade caminhar e respirar por ali. Olhava a fachada da Igreja Nossa Senhora das Dores depois de um café expresso na padaria, descia em direção ao centro da cidade. Seguia atenta aos sinais da rua, às depressões das calçadas, aos canteiros assimétricos. O trânsito contornava a atenção. Olhava os semáforos sabendo que era vã a tentativa de continuar em segurança.

Seguia na Coronel Quirino, dobrava a Benjamin Constant, bem na esquina um rapaz de grande sorriso vendia panos alvejados e espanadores no farol. *Será chuva? Parece que hoje não.* Mais abaixo, impregnado na paisagem da praça Carlos Gomes, encontrava o Carioca. *Tenho muito para contar sobre Campinas, 20 anos nessa esquina acompanhando o movimento das 8 às 18. Quando eu contar tudo o que sei vai dar em memória de flanelinha.* Carioca dominava a rua e as esquinas do seu pedaço. Cumprimentava todo mundo, falava com três, quatro pessoas ao mesmo tempo. Levantava os braços, orientava manobras, cuidava dos carros. Consciente de que caminhara pelas trevas, agora tirava leite das pedras. Com voz grossa penetrante, parecia ator de Hollywood. Escutá-lo sobre o que tinha vivido para ela era uma chuva de pétalas, puro deleite.

Sob o sono dos séculos, a cidade guardava os tempos. Olhava a grande copa do jequitibá rosa que chegava ao quarto andar da Prefeitura, e que desde algum tempo, não tinha mais seu par como espelho. A multidão assistira atônita ao desabamento. O jequitibá viu a cidade transformar-se. O tronco tinha todo o mundo encravado nele: relevos, vales, depressões, veias, marcas que só quem viveu pode saber. A idéia do tempo nas coisas tinha desaparecido das escolas e da educação. Não seria um bom projeto pedagógico olhar a cidade, andar por ela com o grupo do Ângelo, perceber o tempo transformando as coisas? Na escola tudo tinha um fim imediato, um trabalhinho, uma provinha, um caderninho. O conhecimento virava mercadoria, sempre no diminutivo.

Subia ainda duas quadras até chegar à Dr. Quirino. Olhava o “outdoor” de um cursinho pré-vestibular. Do outro lado da esquina, parecendo um contraponto, um garoto sem a perna direita, apoiado em muletas olhava para o chão. Queria esmolos, mas parecia

faltar coragem de pedir. Os ônibus passam uns atrás dos outros lançando no ar uma imensa quantidade de óleo. Mesmo assim, misturadas ao óleo e ao barulho, nas calçadas largas, ia colocando as idéias no lugar e sentia-se viva para enfrentar o dia. Amava a cidade. Agüentava no máximo dois dias em contato com rios, garças brancas, árvores e outros seres verdes.

Passou por uma feira livre. Foi surpreendida de costas, por uma voz familiar e por duas mãos em seus olhos, *adivinha quem é*. Era Mari. Menina encenqueira, que não deixava barato nenhum desaforo. Alma justiceira, depois que descobriu que seu corpo e sua força afastavam ameaças, comprava brigas dos fracos e oprimidos. Na escola, vivia com a mão na cintura, cabeça erguida com ar inquiridor e o pé batendo no chão em sinal de andalogo. Tinha vocação para resolver os problemas das pessoas doentes do bairro, além de um jeito engraçado de reivindicar as coisas. O reencontro reacendeu anos de convivência, riram das histórias e dos desenlaces das brigas que ela criava. Ganhou um forte abraço, enquanto via em largos sorrisos, outros rostos familiares se aproximando: Danilo, Luis Fernando, Michael, Ângela e Alan. Ângela tinha nos braços um bebê que já participava das rodas... Carregavam sacola na feira em troca de trocado.

Seguiram caminhando, rindo das lembranças, enquanto, na molequice, a garota jogava o chinelo amarelo pelos ares e corria para pegar. Pede, na esquina, de modo direto, olho no olho, se ela poderia pagar um pastel para eles. Apressa-se em afirmar que se não pudesse, não faria mal. *Aqui está, pego o troco na volta*. Decidida, sai na frente. Gesticula e diz que era dela a responsabilidade de pagar os pastéis e guardar o troco. Havia entre eles, uma única menina estranha, provavelmente de outra turma.

No prédio de vidro, do Edifício Aquarius, por entre ruídos e murmúrios, as informações cintilavam num ritmo intenso.

Esperava o início da reunião quando encontrou na mesa um boletim informativo da Secretaria<sup>1</sup> que fora enviado às escolas como subsídio para as discussões do projeto pedagógico:

---

<sup>1</sup> Claudia Rosa Riolfi, “Mais escola, menos violência: considerações sobre o ato educativo” in Leituras, SME Campinas, 2002.

Acolhamos o jovem, mesmo tendo dificuldade de reconhecer, na insolência da moçada a nossa imagem de quando tínhamos aquela idade. Abandonemos nossa posição vacilante e deixemos de exibir certa cara de besta causada pela surpresa de que seus filhos, criados como um príncipe ou princesa, passem a exibir certos comportamentos que os assustados pais não esperariam sequer de um sapo. [...] É pena que o professor tenha pena de dar a porrada certa na cabeça do babaquinha. Aquela que exigiria dele segurança e serenidade: que se constituiria como uma lei segura que permitiria ao jovem a encontrar seu lugar no mundo e no mercado de trabalho rapidamente: que mostraria ao aluno que ele está ali para aprender os valores acumulados durante séculos pela cultura; que o obrigaria a encontrar maneira de tratar de suas questões mediadas pelo discurso, e não atuadas na violência contra o semelhante e contra si próprio. [...] Isto porque, longe de algumas raras exceções, as inovações metodológicas não são fruto de um percurso de trabalho de cada professor, mas sim adoção do pensar de um outro, ou seja, são cópias. [...] O professor pensa que tem a obrigação de dar conta de tudo, de resolver coisas em relação ao aluno que não têm nada a ver com o ato de ensiná-lo, e como tal pretensão é impossível o que acaba sobrando na fala da professora é o gosto amargo de uma impotência que nem o viagra, nem a calcinha vermelha, nem a mais nova invenção metodológica da pedagogia moderna resolvem. Em relação a este amargor, os meninos por sua vez, não se deixam enganar, pelo menos aqui no sudeste, a palavra mais comum a ser usada em relação à professora é que ela é laranja. O pior é que professora se sente pior do que esta fruta, já que de laranja pelo menos poderia ainda extrair-se um pouco mais de caldo. A professora, ao contrário, paralisada pela compulsão de uma prática ideal e sem falhas, está se sentindo mais para o lado de representar-se como um bagaço.

A reunião demorou mais que o previsto. A feira já havia acabado fazia tempo, já nem o carro da limpeza se encontrava por lá. Mari ainda estava esperando por ela, sentada na sarjeta. Adiantou-se em dar o troco e disse que ela estava pagando pastel até para aquela menina que nem era da antiga escola, que só por causa do pastel se juntara a eles. Eram quatro reais e não três, o troco. Com as mãos abertas ela recebe as moedas uma a uma: um, dois, três, quatro. *Viu, só? Fica esperta, não deixa os outros fazerem você de boba...*

Aquele dia frio de inverno, em que a vida parecia adormecida, confirmou que não seriam as análises redentoras de fora da escola que nos livrariam da barbárie.

## Receita

No Edifício Aquarius, por entre ruídos e murmúrios, as informações continuam cintilando num ritmo intenso, às vezes alucinante. A sala de reuniões, a grande mesa no centro, cadeiras em volta, poucos livros esquecidos numa estante. Passava hora do início. Nos encontros semanais, o atraso inevitável. Algumas pessoas da equipe chegam, outras saem, resolvem vários assuntos ao mesmo tempo, atendem aos telefones. Cartões coloridos, canetas-piloto, discussões de planejamento estratégico. Metas, prazos, resultados, indicadores, misturados a assuntos nascidos do encontro com as circunstâncias, com as notícias do dia, estrategicamente ficam esquecidos. As propostas de renovação confundem-se com vestígios de políticas há tempo conhecidas, que emprestam profundidade às novas, antigos palimpsestos que, ao serem apagados para novas escritas, deixam transparecer traços das anteriores. *Querer o que não existe ou perceber que as propostas pedagógicas estão sempre correndo o risco de se desmanchar?* Escreveu no canto direito do caderno, refletindo sobre o trabalho e seu papel naquele momento naquele espaço.

Normalmente, as reuniões se ocupavam de palavras infalíveis, cheias de autoridade e certeza. O esforço para escrever a proposta do Departamento Pedagógico era grande, mas continuava a pairar no papel a aristocrática pretensão de que outro deveria colocar em prática o que estava sendo enunciado. Ainda não era possível sentir no texto as pontas dos dedos. *A presente proposta de trabalho tem por objetivo traduzir em ações cotidianas o princípio da Secretaria Municipal de Educação no Governo Democrático Popular de Campinas que afirma a escola como centro do processo educativo. A escola como centro do processo significa que não mais só os sujeitos ou os objetos de conhecimento estão no cerne das questões escolares. Significa admitir que crianças, pais, professores, especialistas e funcionários estão em relação entre si e o conhecimento, produzindo modelos, fazeres e aprendizagens, visões de mundo, se constituindo e sendo constituídos por essas relações<sup>1</sup>.* Ia ficando cada vez mais claro que, sem o primeiro passo, pouco haveria para ser dito. *As generalizações são pura violência*, disse para si mesma.

---

<sup>1</sup> Versão Preliminar do documento da Coordenadoria de Formação.

O pano de fundo não se alterava. A imagem do palimpsesto a perseguia. O trabalho soaria mais como um “neo”<sup>2</sup> vinculado ao passado em gestos e rotinas que se repetiam, em oposição ao “novo” de plenitude inaugural, repleto de viço e vigor. Limites de recursos e de organização influíam diretamente no planejamento. Aquilo que se queria como diretriz política desarticulava-se em impecilhos, dificuldades e burocracias, correndo o risco de desmoronar.

Pensava nisso naquela noite, quando foi capturada por um papel, no fundo da gaveta, que se desmanchava em velho. A letra adolescente tinha um frescor de bordado, voltas e arabescos: *Manjar de Coco*. Misturou pacientemente os ingredientes. Fogo baixo. O cheiro da canela se desprendendo no leite fez com que diante dela voltasse o tempo quando Canela era uma mulher de papo grande que vivia pelas ruas da pequena cidade assustando as crianças. Canela era também o sobrenome da sua professora de Ciências. Canela: a parte inferior da perna. Canela? descobriu no vidro, a canela masculina, os pauzinhos vermelhos, especiaria do Ceilão.

Depois da sobremesa pronta, apareceu o desajustado tempo de cozimento. A calda engrossou muito e as ameixas se desmancharam. O manjar pedia fôrmas de que ela não dispunha. Sobre fôrmas a receita nada dizia.

Como a proposta de formação se produziria nas salas do Edifício Aquarius? Lá as receitas eram inventadas sem serem experimentadas. Ela sentia-se pouco confortável nesse universo de rotinas feitas de cobranças e prescrições. Mapas brancos, questionários, sensores, que davam uma segurança de que a realidade estava ali representada. Estar com as pessoas, exercitar a escuta, fazer crescer ânimos e esperanças.

---

<sup>2</sup> O termo do latim novus vem do grego neo. Na época de Vespúcio, porém, os termos se encontravam quase em oposição. Trazido à tona pela Renascença, neo era utilizado para definir movimentos revitalizadores da antiga sabedoria - neoplatonismo, por exemplo. Tratava-se assim, de um neo vinculado ao passado. Um “neo” velho. Novus, por outro lado, soava com plenitude inaugural; era inédito, reformulador, repleto de viço e vigor. Em uma palavra, era “novo”. Bueno, notas introdutórias a *Novo Mundo, cartas que batizaram a América*, p. 29.

## Manjar

Haveria vida, depois do Edifício Aquarius, afinal? Impaciente com o elevador, desceu correndo as escadas e acabou esbarrando na amiga. Falaram sobre o cansaço, sobre atribuições, sobre o manjar de coco, contou a ela os sentidos da Canela. Riram. Era uma dessas noites de grande lua cheia rompendo. Respiraram a brisa quente. Tantas compreensões as palavras suscitam, tantas possibilidades de entendimento... As pessoas saíam dos escritórios, terminavam aliviadas o dia de trabalho. Outras, no ponto de ônibus, circulavam sem se importar umas com as outras, pouco se viam ou se ouviam. No esforço contínuo de dar ao trabalho um sentido de verdade, repassava naquela solidão cheia de gente um trecho de um texto do Departamento Pedagógico.

As regiões da cidade onde se encontram as escolas têm suas singularidades. As regiões [NAED] não são localizações geográficas, são a realidade social como produção humana, que estão dentro e fora da sala de aula e que precisamos conhecer. Conhecer não é descrever características do local, que acabam homegeneizando a realidade. Interessa-nos conhecer as regiões como contexto de vida, de participação e de trabalho dos nossos alunos e por isso, conhecer como contextos formativos que são.<sup>1</sup>

Dissolvida na massa pensou que o antônimo de perder-se na burocracia seria perder-se na multidão. Nesse movimento de olhos que se voltam para si mesmo, agora o capítulo *Corpos em Movimento* do livro *Carne e Pedra* de Richard Sennet:

Goethe foge para o sul.

A Jornada Italiana de Goethe, narrando sua fuga de uma pequena e idílica corte alemã em 1786, para as fétidas cidades da Itália, o poeta interpretou-a como um retorno à vida. Tendo servido por mais de dez anos como contador, supervisor e administrador geral de Carl August, governante de um pequeno ducado, Goethe tinha a seu cargo, além das finanças do príncipe, a orientação da drenagem de seus campos, tarefa que a cada ano lhe parecia mais tediosa.

---

<sup>1</sup> Departamento Pedagógico. Texto “Conversando com as coordenadoras de NAEDS” para a reunião de abril de 2004.

Com a verve estiolada, as extraordinárias realizações de sua juventude - seus poemas, o romance *Os sofrimentos do jovem Werther*, a peça *Götz von Berlichingen* - corriam o risco de se tornar meras lembranças. Fugindo para o sul ele imaginou reencontrar a luz de sua estrela.

A *Jornada italiana* descreve cidades pilhadas e em ruína, pedras rachadas, excrementos secos correndo pelas ruas, através das quais vagava o autor, reverente e muito satisfeito. De Roma, em 10 de novembro de 1786 ele escreveu “nunca estive tão sensível às coisas desse mundo como aqui”. Seis semanas antes, dirigindo-se a um amigo, ele disse: “Estou vivendo frugalmente e mantendo a calma, de forma que os objetos não encontram uma mente ampliada, mas se engrandecem nela”. Circulando entre as massas estrangeiras, Goethe descobriu-se sensualmente desperto. Em Veneza, misturando-se à multidão na praça San Marco, sentiu que, “afinal, tenho ao meu alcance a solidão que tanto desejei, pois em nenhum lugar pode-se estar sozinho do que no meio de tanta gente que é preciso forçar caminho”.

Um dos trechos mais belos da obra, escrito no dia 17 de março de 1787 expressa a paz interior do poeta, no ajuntamento barulhento e desordenado de Nápoles:

Caminhar confundido a tanta heterogeneidade em constante movimento é uma experiência saudável e particular. Tudo parece mergulhado numa grande corrente, onde cada um procura seu próprio objetivo. No meio de tantas pessoas e tamanha excitação, sinto-me cheio de paz, sozinho, pela primeira vez. Quanto mais alto o burburinho das ruas, mais quieto eu me torno.<sup>2</sup>

Chegou à casa tranqüila e recolhida. Dobrou a receita do manjar para se adequar à fôrma. Achou graça na canela. Assegurou o ponto da calda, colocou as ameixas na hora certa para não amolecerem demais e o prato ficou lindo.

Antes de dormir, foi olhar o manjar na geladeira, achando que ele ficaria completamente diferente. No entanto o segundo manjar trazia marcas daquele primeiro. Seria o tamanho do ovo? O caramelo grosso imprimira nele várias fissuras. A calda não poderia ter ficado exposta ao frio, teria de ser colocada só na hora de servir.

Devolveu o papel para o fundo da gaveta esperando que outros entendimentos se produzissem.

---

<sup>2</sup> p. 227



## Matrioska

Dentro da cristaleira antiga guardava seus objetos preferidos. Uma matrioska russa, de madeira, de forma arredondada, rendilhada em pequenas flores e voltas parecendo relevo em tons de azul e dourado. A maior delas se abria e dentro dela outra boneca saía, que também se abria e outra boneca saía. Recebeu de sua mãe o presente vindo de país distante e vibrou com a descoberta da décima quinta, do tamanho da cabeça de uma agulha. Arrumadas de trás para frente, a pequena ia parar dentro da maior que ia parar dentro da maior, até ficar uma só.

Foi cedo à padaria naquela manhã. Esbarrou num rapaz no ponto de ônibus esperando a condução para o trabalho. Viu nele um rosto conhecido, menino, sem mais nenhum frescor da infância. Um sorriso se abriu no rosto do antigo aluno da escola da grande cerca.

Boné de lado, embornal com a marmita, roupa ralada. Trabalhava numa obra perto do centro. Ajudante de pedreiro. *Enquanto não arrumo coisa melhor vou aprendendo a lidar com o tijolo e o cimento.* Depois do aperto de mão - matrioscas saindo uma de dentro da outra – passou-lhe como num filme a avó materna de canela fina e xale português nas costas: *Em que pensas, Cardeal?* Nas crianças crescendo, indo e saindo da escola, nas colegas que achavam que tinham que preparar os alunos para o vestibular, nas outras que não tinham nenhum prazer em ensinar, nas tarefas, nas cópias. Por último lembrou-se de que ele havia sido várias vezes reprovado, que na oitava série, com a morte do pai, teve que parar de estudar... A pergunta saiu na seqüência, matrioscamente: *O que ficou daqueles tempos?* Ele respondeu de pronto que se lembrava especialmente de um dia, quando na terceira série ela os levou à biblioteca para terem aula. Sentaram no chão para ouvir *O Pequeno Polegar* que estava num livro de Câmara Cascudo, *Contos Tradicionais do Brasil*. Lembra-se até hoje do Filho da Burra, da Princesa Serpente e de Como a Aranha salvou o menino Jesus, O Afilhado do Diabo. Desandou na leitura. *Trago sempre junto à marmita uma revista ou um livro para a hora de descanso* – disse, abrindo a boca do saco de algodão cru para que ela espiasse a revista das seleções que ele comprara no sebo. *Lá na cidade...*

Esperava na fila do pão enquanto Elis Regina cantava... *na parede da memória, essa lembrança é o quadro que dói mais...* Como nossos pais.

Chorou ali por insignificâncias: pela última matrioska do tamanho da cabeça da agulha e pelo pequeno polegar.

Jardim Flamboyant, 2000

## Objetos

Uma fruteira de vidro vermelho com pés torneados, transparentes, duas mantas de algodão feitas no tear, uma amarela e outra laranja, um pote oval de cristal facetado, quatro dúzias de maçãs, um litro de mel, uma mala. Certa vez, subindo a rua na distração costumeira, revelou-se, numa vitrine, na brincadeira do acaso, o objeto inseparável de trabalho dali para frente: uma mala de papelão grosso, querendo parecer antiga, estampada por selos de viagens. Era dentro dela que carregava agora os livros de literatura preferidos.

Sua chegada na escola provocou o guarda. *Vai viajar? Vai tomar um ônibus ou um trem? A senhora é o que na Secretaria? Antigamente as malas eram assim, achei que hoje fosse reunião, não uma festa... Que chumbo, não? Ainda não deslocou os braços?*

Nunca fizera as viagens estampadas nos selos, no entanto, a mala lhe trazia nostalgia de lugares que nunca conhecera: uma viagem de avião a Gênova, um ticket de navio a vapor de Hamburgo à América do Sul, uma visita ao Grande Hotel Tapei em Taiwan, um cartão de boas vindas para um vôo a Hollywood em 25 de dezembro de 1929, uma excursão de trem para Índia e Nepal, um safári durante junho, julho e agosto.

Como poderia ter saudade daquilo que não conhecia?

*De certa forma, o peso da mala alivia o peso do mundo.* O guarda sorriu.

Em círculo, sentadas em cadeiras de crianças pequenas, contou quarenta e sete mulheres no refeitório. Logo acima de suas cabeças, sobre a faixa cinza-claro-padrão das escolas, ali onde todos os dias as crianças almoçam, viu uma enorme beterraba sorrindo, uma berinjela retorcida cantando, um repolho com braços e pernas rebolando e uma moranga de dentes afiados e olhos arregalados, fazendo um gesto de positivo com o dedo. Os desenhos eram grandes, do tamanho da parede, estavam apagados pelo tempo.

Havia qualquer coisa de terror nas grandes figuras que pareciam querer aprisionar quem olhava para elas. Na seqüência, foi pensando nos muros e paredes das creches povoados de Patos Donalds e sobrinhos de mãos dadas indo à escola, dizendo adeus, deixando a mamãe sem chorar, Mickey<sup>1</sup> dizendo às crianças: sejam obedientes e

---

<sup>1</sup> Walter Benjamin, em seu ensaio *Experiência e Pobreza* diz: A existência do camundongo Mickey é um desses sonhos do homem contemporâneo. É uma existência cheia de milagres, que não somente superam

amigos, Mônicas e Cebolinhas descansando no berçário. Depois, vieram-lhe à cabeça livros que habitam as prateleiras das bibliotecas das creches: *Pimentão, o policial; Batata, a fujona; Manga, o torcedor; Berinjela, o gazeteiro; Moranguinho, o trapaceiro; A Visita de Dona Cebola; A Tacada de Dona Pera*. Os artifícios das mensagens “bem intencionadas” faziam com que a infância parecesse fulminada pela truculência desejosa de esconder a surpresa dos sentidos.

Poderia ser o quadro de Arcimboldo, Inverno, a outra face da berinjela paralisante. A tarde gelada a remeteu à figura assustadora: dois limões sicilianos como de broche, rosto feito de tronco de árvore se decompondo, cabelos de hera, outros de serpentes, lembrando medusa, boca de cogumelo atrofiado. No dia em que se deparou com o quadro percebeu seu olhar sendo desviado do conjunto pelo sentido do detalhe. Aproximando, salpicos de sentidos, recuando, metáforas reinando... objetos familiares desfeitos transformando-se em outros, a imaginação apoderando-se deles, invertendo-lhes as ordens, provocando deslocamentos... Desequilíbrios, estranhezas, surpresas, dicionário de palavras. Sentidos culturais já dados. Criação. Associação de idéias. Movimento de atração e repulsa do corpo. “Diante da cabeça de Arcimboldo digo: leio, adivinho, descubro, compreendo, mas também: gosto, não gosto. O mal estar, o medo, o riso, o desejo participam da festa”<sup>2</sup>.

Professoras, monitoras, diretora, orientadora pedagógica, vice-diretora, merendeiras, ajudantes de cozinha, serventes. O murmúrio se instalava enquanto os cotovelos, as cabeças, as bocas e as orelhas se encontravam, olhares faiscavam. *Ela é o que na Secretaria? O que será que vem por aí? Qual será a pauta?* Enquanto dava bom-dia àquelas mulheres, percebia a curiosidade pousando sobre um dos seus ombros. Depois de sua apresentação como Coordenadora de Formação, o desdém pousou no outro.

---

os milagres técnicos, como zombam deles. Pois o mais extraordinário neles é que todos, sem qualquer improvisadamente, saem do corpo do camundongo Mickey, dos seus aliados e perseguidores, dos móveis mais cotidianos, das árvores, nuvens, lagos. A natureza e a técnica, o primitivismo e o conforto se unificam completamente, e aos olhos das pessoas, fatigadas com as complicações infinitas da vida diária e que vêm o objetivo da vida apenas como o mais remoto ponto de fuga numa interminável perspectiva de meios, surge uma existência que se basta a si mesma, em cada episódio, do modo mais simples e mais cômodo, e na qual um automóvel não pesa mais que um chapéu de palha, e uma fruta na árvore se arredonda como a gôndola de um balão. (Magia e técnica..., pp. 118-19)

<sup>2</sup> Roland Barthes, Arcimboldo ou Retórico e Mágico in *O óbvio e o obtuso*, p. 13

## Pausa

É chefe. É da Secretaria. Que será dessa vez?

A Secretaria era a entidade à qual se atribuía a culpa do que não dava certo, a culpa da dureza da vida vivida. Ficava mais fácil colocar nas ações ou na falta de ações da Secretaria as dificuldades, as impossibilidades, as frustrações, a falta de desejo e prazer, enquanto esperava-se dela uma redenção transcendente, um bálsamo para as dificuldades.

*Ser insatisfeito é ser homem* - Fernando Pessoa. A frase, no canto do caderno, foi interpelada pela pergunta feita com letra apressada: *insatisfação ou azedume?* O anúncio de que haveria concurso para os especialistas, que substituíam os cargos causou cizânia. *Vai haver concurso. Não, só no semestre que vem. Vai ser uma mudança total.*

As medidas, às vezes ainda não oficiais, faziam com que algumas pessoas ficassem à beira de um ataque de nervos, sentindo-se arrancadas de seus lugares e aviltadas nos seus direitos. De outro lado, outras se alegravam. Afinal, as coisas não precisariam ter chegado a esse ponto se, nas administrações passadas, tivesse havido *maior responsabilidade e vontade política*. E ainda, *os competentes que se estabeleçam*.

Anos de indefinições e provisoriedades acumulavam-se, modelando, a partir dos lugares que ocupavam, as imagens que os profissionais tinham de si. Sem que as grades fossem percebidas, a conveniência de manter tudo como sempre vinha sendo, enclausurava. A medida do trabalho era o tempo. Tenho tantos anos de rede, faltam tantos anos para a aposentadoria, estou há dez anos substituindo direção.

Difícil era encontrar quem dissesse como o trabalho o afetava. Ocupando os cargos por mais de uma década, os substitutos não queriam deixar os lugares que se sabiam provisórios, e em sua resistência traziam as marcas de múltiplas determinações históricas. A cada medida tomada pelos dirigentes da Secretaria, advogados vasculhavam cada canto do estatuto do magistério, do estatuto do servidor público e de outras leis. O tempo escurecia e uma chuva de liminares e outros instrumentos jurídicos inundavam o protocolo geral da prefeitura.

*As coisas não podem continuar como estão.*

Críticos do trabalho dos especialistas, depois do concurso, passaram a ocupar seus lugares. Muitos dos que saíram decidiram, por represália à Secretaria ou por conveniência, cruzar os braços. Outros choravam, sem consolo. Os que não

conseguiram a efetivação, voltaram a contragosto para seu lugar de origem. Enquanto alguns de janela viravam vidraça, outros catavam os cacos sentindo-se leves com a volta. Outros ainda ficaram anos afastados por licença médica.

Apreendeu, naqueles tempos turbulentos e instáveis, que era no desdobramento das medidas que a política ganhava concretude. As decisões saídas do gabinete, passando pelas reuniões de especialistas, agregavam, no percurso, ironias, vaidades, torpezas. Murmúrios nos corredores, ecos nos intervalos das reuniões e das aulas e ressonâncias das leituras do diário oficial tomavam conta do tempo pedagógico, tornando-se o currículo dos dias seguintes, às vezes das semanas que estavam por vir. Reflexos e refrações se incorporavam, ganhavam materialidade: o elogio virava crítica e a verdade parecia a maior das mentiras.

Se de um lado havia contentamento e satisfação nas mudanças, de outro, cenhos franzidos, caras de vinagre, respostas atravessadas, licenças médicas, e os alunos, muitas vezes, sem aula, não encontravam nos profissionais, a acolhida necessária para aprender.

*Os gestores não só mapeiam. Também fazem currículo nos percursos que escolhem,* disse para si mesma.

Ficou mais atenta a seus próprios atos. Retomou com consciência velhos manuais de recato, educação e convivência. Pensou que um bom projeto político seria aquele que interferisse com cuidado na rotina das escolas. As fronteiras eram litigiosas e as ondas de desconfiança poderiam provocar estrago nas relações primordiais: as relações de aprendizagem.

## Ritual

Juntou duas mesas grandes no centro e, devagar, foi arrumando as mantas de tear coloridas, como toalhas, alguns livros que estavam separados, para serem suporte da fruteira de vidro vermelha. Colocou nela as maçãs. A mala permanecia fechada no centro da mesa. O pote de mel do outro lado junto a um pequeno vaso de prímulas. Arrumando objetos tão estranhos à realidade da escola, o espaço, gradativamente, ia se ocupando de um significado que não era mais aquele inicial, uma espécie de metáfora se instaurava.

Antes árido e indiferente, ganhava agora cor e movimento. O grande cristal oval refletia a luz que entrava pela janela em cores de arco-íris. As pessoas começavam a falar. Emergiam acidentes inesperados, cacos de vidros, peças de coleção, histórias, objetos que quebraram antes do tempo, acontecimentos da sala de aula, pessoas fundamentais, frases que as crianças disseram, louças antigas, remotos casamentos. Perguntas iam surgindo como captações poéticas: *Você conhece um livro de Cora Coralina, O Prato Azul Pombinho? Conta a história de um último prato remanescente de um jogo de família...* Nas falas, revelação de desejos, exposição de surpreendentes lembranças e conhecimentos. Empolgação.

Recuperava-se o poder de falar. As pessoas engajavam-se numa atitude primordial de convivência e de escuta. Assistir apassivava. Antes a reação, a informação, o cerceamento tátil, a monotonia, os braços cruzados, o “não é comigo”. Agora, o movimento dos corpos: pescoços esticavam-se, bumbuns na ponta das cadeiras, os olhos mostravam-se vivos, os ouvidos queriam abrir-se ao outro, aquelas mulheres permaneciam acordadas. Viu uma monitora, em pé, no fundo da sala, na ponta dos pés, num esforço curioso para olhar tudo, querendo sair de onde os pés pisam. No espaço modificado, um ritual se instituía, como em antigos festivais gregos da Adonia em que as mulheres, deixavam de ficar confinadas à casa e ocupavam-se do telhado, libertando os poderes de expressar seus anseios.<sup>1</sup>

Os festivais da Adonia se constituíam de rituais agrícolas ligados à morte transformados no espaço doméstico das cidades [...] Entre uma das nuanças da celebração, a Adonia devolvia

---

<sup>1</sup> Sennet, *Carne e pedra*, pp. 66-71.

às mulheres gregas a linguagem do desejo, ainda que de modo especial. [...] esse ritual usava um instrumento da poesia - a metáfora - mais na forma espacial que verbal. No ritual da Adônia, o espaço desempenhava o papel da metáfora. Os espaços rituais davam existência a zonas mágicas de afirmação recíproca. Todos os poderes do mito afetavam o corpo celebrado, atribuindo-lhe um novo valor. O festival liberta os poderes femininos de expressar esses anseios num peculiar e incomum espaço da casa, o telhado.<sup>2</sup>

O espaço de convivência e escuta que se instaurava era algo simples, primordial, antigo como o próprio homem, mas que, nos encontros de professores, estava cada vez mais deixado de lado. Talvez a crença na vida da razão, da técnica, da especialidade, tenha feito com que planos simples ficassem reprimidos.

A civilização ocidental tem mantido, porém, uma relação ambivalente com os poderes da liturgia. Aparentemente, razão e ciência têm obtido mais vitórias sobre o sofrimento humano que o engajamento ritualístico. Nossa racionalidade suspeita dos fundamentos do rito, de suas metonímias e metáforas espaciais e de suas práticas corporais; uma dúvida que explica ou justifica, logicamente, a negação<sup>3</sup>.

Por aqueles dias, uma professora renomada da universidade, contratada para ministrar um curso aos professores, interrompeu sua palestra quando o “data show” do auditório deixou de funcionar. Ela, vinda de outra cidade, não aceitaria o convite se soubesse que as condições técnicas eram tão ruins. Sem o apoio tecnológico, não conseguiria, no pouco tempo, ter a fluidez de pensamento necessária, sua exposição ficaria imprecisa. As mulheres vindas diretamente de um dia de trabalho para ouvi-la, fatigadas pelas complicações infinitas da vida diária, nada falaram. Imobilizaram-se diante da professora como ela diante do “data show” quebrado.

Percebeu nos raros momentos onde tudo se abre e se esclarece, que de um lado, no já dado, no já sabido, no já pensado, o múltiplo poderia ser constitutivo do acaso, de ouvir e ser ouvido, de dar sentido ao que são as pessoas e ao que lhes acontece. O excesso de técnica, acreditando numa existência cheia de milagres, fazia com que as costas se virassem

---

<sup>2</sup> Ibidem.

<sup>3</sup> Ibidem.

ao mundo das paixões, dos desejos, do indizível e do impensável. A homogeneidade do saber restringia a diferença dos significados.

Visão bárbara aquela, no mal sentido.

O contato adoecia e a alteridade diminuía, se escondia, até desaparecer.

A civilização tecnológica, querendo controlar os sentidos do que se lê conduzia à clandestinidade a vida vivida, a experiência do outro em nós. A crença de que a compreensão seria controlada pela técnica, fazia com que questões básicas que estavam germinando e apontando para outras direções, não fossem percebidas. O que ali poderia nascer implicava a aceitação de algo que não seria reconhecido em nós mesmos, mas na alteridade que desafia e faz pensar.

Tantos recursos e tantas tecnologias criaram tantas complexidades que ficava mais difícil encontrar a graça, o desejo, o riso, o pensamento, a criação. Não era esse o mundo daquele tempo? Tantos instrumentos e a miséria estava longe de ser resolvida. O futuro continuaria excludente.

Foi olhando a cena que entendeu que no trabalho de formação continuada todos os esforços deveriam ser concentrados num plano simples e absolutamente grandioso: criar um espaço para a interlocução, um telhado de onde se pudesse ver o horizonte, ficar na ponta dos pés para que novas possibilidades nascessem. Um programa de formação poderia lançar para todos os educadores, de modo constante, um convite para que experimentem transitar por outros espaços onde seus pés ainda não pisaram. Na Atenas contemporânea os transportes coletivos chamam-se *metaphorai*. Para ir ao trabalho ou voltar para casa toma-se um ônibus ou um trem, toma-se uma metáfora.<sup>4</sup>

Essa poderia ser a diferença entre uma proposta política que quer suprir os educadores dos fundamentos e conhecimentos da formação inicial e aquela outra que nascia. Mais que espaços de transmissão de verdades teóricas ou de projetos explícitos de como devem ser os educadores, em que devem acreditar ou como devem se comportar, a proposta de formação continuada, no intervalo cotidiano entre o trabalho e a casa, poderia se ocupar de criar um percurso metafórico, poderia atravessar e organizar fronteiras tanto geográficas quanto existenciais.

---

<sup>4</sup> Certeau, *A invenção do cotidiano*, p. 199.



## Delfina

Chamava-se Delfina. Flácida e acanhada, parecia bem mais velha que os anos da carteira de identidade. Quase diariamente, a professora a chamava para reclamar da filha que não conseguia ler nem escrever. Sujeita a julgamentos, olhava para o chão, dizia que não poderia acompanhar as tarefas. Não tinha tempo e não tinha estudo. Nada tinha.

Numa segunda-feira, a menina chegou com as costas em carne viva, marcada por fios, judiada pelo pai. A professora disse que a escola iria denunciá-la por maus tratos, que o Conselho Tutelar ficaria com a guarda da menina. Ficou ainda mais feia na desgraça: mostrou os pés, disse que já trabalhava há sete anos num condomínio perto de casa e que ainda não tinha podido comprar sapatos. Tudo o que ganhava era para dar de comer às filhas. Humilhada e cansada, Delfina definhava na tristeza. Nunca tinha ido ao centro de ônibus, nem sabia andar sozinha pela cidade. Quanto tempo ainda resistiria sem vender sua alma?

Não se sabe por que, a professora, a partir dali, mudou o rumo da prosa. Disse que a menina até que estava melhorando na aprendizagem, na aplicação das tarefas. *Quem sabe uns óculos!* Havia reparado que ela não enxergava bem. No dia em que ela resolvesse, pois essa decisão era só dela, poderia acompanhá-la à delegacia da mulher para dar queixa do marido. Traria sapatos e algumas outras coisas.

Por aquelas noites, o marido chegou bêbedo com o fio na mão. Não se sabe como, ela decidiu que não continuaria apanhando. Ele, bambo entre as pernas, não esperava encontrar pela frente virilidade e força. Tomada de delírio ela proferiu palavras incompreensíveis. Ele foi parar no meio da rua, rosto na terra, ao som dos aplausos dos vizinhos.

No dia seguinte, Delfina trouxe a menina para escola. Ela usava sapatos, a menina perdera os óculos. Não se sabe onde.

Jardim São Fernando, 2001

## Leitura

Ali, disponível para ler o que se devia, os ouvidos permaneciam atentos. Escutava. Apanhou e anotou no caderno: *Prato Azul Pombinho*, Cora Coralina, remanescente. Inspirada por Manoel de Barros, era ela, ali, uma apanhadora de desperdícios. “Não gosto das palavras fatigadas de informar. Dou mais respeito às que vivem de barriga no chão tipo água, pedra, sapo”.<sup>1</sup>

A proposta de Formação Continuada, na relação constitutiva com a palavra, teria que dar sentido às pessoas e ao que elas são, distanciando-se dos modos tradicionais de se falar sobre o trabalho pedagógico. Os planejamentos, na permanente intenção de levar os professores a refletirem sobre o trabalho, a serem pesquisadores da própria prática, transformavam-se, na excessiva circulação de teorias e conhecimentos, em bordões pedagógicos, que, de antemão, previam os deslocamentos interpretativos para direções seguras e conhecidas.

A crença de que o que é decisivo para o trabalho coletivo é o consenso, e não a diferença, permitia que se acreditasse que tudo poderia ser dito e que as contradições seriam resolvidas definitivamente. Afirmava-se que dentro de cada escola havia vários grupos, vários projetos, e a necessidade de respeitá-los ouvindo as diferentes vozes, trabalhando com os diferentes processos, ritmos e projetos que já estivessem em execução.

Ao mesmo tempo, organizavam-se questionários perguntando sobre a prática, sobre as relações de sala de aula e chegava-se a resultados sujeitos ao tempo, ao humor, às condições de entorno que não eram previstas. Era sempre através deles que, os gestores, ano após ano, buscavam o ponto de partida para o trabalho. *Os funcionários dessa escola são comprometidos com o trabalho?* A diretora diz sim, os professores dizem não e a ata da reunião sabe-se lá como é que vai ficar. Com os sentidos excluídos, ela viu, muitas vezes, de dentro da escola, o questionário levar à confirmação de seus próprios pressupostos. Nessa perspectiva de “diálogo” onde um tem a pergunta e o outro a resposta, provocando que se enuncie o que deve ser dito, a palavra vira comportamento, perdendo seu caráter enunciativo. Não ficamos menos humanos?

---

<sup>1</sup> Memórias inventadas, IX

E dentro da mala? O que há?

*Pedaços de corpo humano... marionetes, fantasias, cartas de amor? um monstro canibal! brinquedos, bonecas de pano, um questionário enorme preparado pela Secretaria para nos deixar até amanhã aqui? objetos de mágica, um martelo para bater na nossa cabeça... risos... nada, a mala não tem nada...*

As palavras saíam entusiasticamente da boca das pessoas. Quando a mala foi aberta, um silêncio cheio de “expectação” enquanto surpresas da interação desluzarejavam: os tons das falas, os gestos, os movimentos iam virando outros, sutis diferenças nas intensidades das vozes, outras aproximações entre os objetos, descobertas.

Escondiam-se “gestão democrática”, “trabalhar para a construção da cidadania” ou “nessa escola o educar e o cuidar caminham juntos”? Sumiam as palavras fatigadas de informar. *Nunca imaginei que você gostasse de dançar. Posso te confessar uma coisa? Você sempre me pareceu tão mal humorada! A gente já trabalha aqui há tanto tempo e nunca se conheceu.*

As pessoas repertenciam: cada uma consigo mesma e cada uma com as outras, começavam a se perguntar sobre o sentido daquilo, sobre o que haveria dentro da mala. *Será que vamos comer as maçãs? A maçã era aguardada uma vez por ano, enrolada em papel de seda azul... sinto cheiro dos natais que chegavam com meu tio pelo trem... Atenta ao que se dizia, a mulher da Secretaria nascia de novo...*

Ao longo do tempo foi formando uma coleção pessoal de livros que eram um “achado” para ela e que desejava compartilhar. A prática da leitura foi perdendo o caráter pedagógico, utilitário, que passou a dar vez ao encantamento e à surpresa quando, na exposição a ela, as pessoas se revelavam entre o que inventam e modificam.

Aconteceu num dia, na sala de aula, quando trabalhava um texto de imagens com os alunos, e, ao invés de antecipar a leitura, na permanente busca escolar de isolá-la em uma única possibilidade semântica, decidiu abrir-se aos efeitos do leitor. E foi aí a surpresa. Onde “se leria” bruxo, um garoto leu velho, onde “se leria” vara de condão o garoto leu pauzinho pegando fogo, onde “se leria” transformação, o garoto leu perseguição. Ela foi se formando na surpresa de como o garoto ia congregando a imagem a um mundo.

Sabe aqueles dias em que a rotina converte-se em experiência e a aprendizagem cala fundo? Num relâmpago, nasceu nela o desejo, de, na prática pedagógica, deixar vir o leitor

para as redes do texto, o que ela sabia teoricamente mas, que até ali, não tinha entendido na pele. A possibilidade de se conhecer a criança a partir do livro passou a ser seu aforisma.

Os livros dessa íntima biblioteca, nem todos famosos e conhecidos, continuaram, ao longo dos anos, despertando curiosidade, provocando e instigando. Revelavam conexões de diferentes tempos e lugares, conexões com as histórias de pessoas de quem os recebeu como presente. Dedicatórias amorosas. Cada livro continha em si a porta e a chave, o passaporte e o meio de transporte, os livros eram também os ônibus da Atenas contemporânea, as metáforas que alimentam o entendimento do mundo. Uma biblioteca de preferências que, a cada ida às escolas, eram escolhidas, uma a uma, de véspera, numa preparação devotada. Para as creches, escolhia livros de receitas, pensando nas merendeiras, livros de avós e de bordadeiras, pensando nas monitoras, de jardinagem, quando sabia do projeto de meio ambiente que a escola desenvolvia, de infância, pensando nas professoras...

Gostava de observar o caminho que os livros percorriam ao chegar às escolas. Às vezes a merendeira olhava as estrelas e queria estar no mundo da lua, e era a professora que queria as receitas para se aventurar na cozinha.

O planejamento, na longa tradição, era sempre feito, mas nunca ninguém contava como; a partir do encontro com o outro e com o chão, ele se transformava, rejuvenescia ou adoecia. Como a lata inerte exposta ao tempo agrega ferrugem e limbo, o planejamento, na exposição das pessoas, sempre se acrescia de outros elementos vivos, em permanente transformação. Aprendeu que ele deveria passar do estágio de guardado, amarelado na gaveta, para o estágio da cultura.

Essas latas têm que perder, por primeiro, todos os ranços e artifícios da indústria que as produziu. Segundamente, elas têm que adoecer na terra. Adoecer de ferrugem e casca [...] Depois desse desmanche em natureza, as latas podem até namorar com as borboletas [...] Chegam quase até de serem pousadas de caracóis.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Manoel de Barros, *Memórias inventadas*, XIII.

## Laço

Numa manhã banal, dessas em que tudo vai acontecer como nos outros dias, um aluno entrou na sala, encostou a porta com cuidado, mostrando que a conversa seria secreta e perguntou de maneira direta se deveria entregar seu pai à polícia porque ele começara a usar crack e a traficar drogas. *Você sabe que minha mãe bebe até cair, agora meu pai também... O que você acha que eu faço?* A pergunta direta, o olho no olho atravessou seu peito como uma flecha quente. No desconcerto também respondeu a ele de maneira direta: *Não sei.*

Só sabia do seu. E seu pai era doce. Quantos gravadores ele colecionara ao longo da vida e quantas horas de conversas nasciam das fitas... De tanto ouvi-las aprendeu a falar como sua avó, num jeito italiano cheio de graça: *Num to passano minguante tamém? Quem num pensa adiante atrai fica!* Ouvia com um riso contido as explicações do tio do sítio sobre como o homem chegara à lua, passou a observar o avô dizendo sempre com o queijo na mão e a faca na outra, *vai comendo, vai comendo.* Seu pai tinha fascínio por palíndromos – *Socorram-me subi no ônibus em Marrocos* – palavras cruzadas, dicionários, listagens de sinônimos em busca de variedade e precisão. Devotando paciência e calma a velhos temas, ele diariamente chegava mais e mais perto de cada palavra, *contemplando suas faces secretas.* E foi na convivência com esse homem propenso à efusão lírica, na vida apaixonada, no gesto sensível, na palavra espirituosa, que ela cresceu. Hoje não era só a menina que ria das histórias, era a mulher que por elas permanecia cativa, enredada. Seu pai a prendera para sempre, “mas onde? no templo? no espaço? nas névoas? Não rias, prendeu-a num laço de fita”<sup>1</sup>.

Com o pai numa ponta e o garoto na outra, sugeri:

*Posso ajudar você a pensar.* Da gaveta, tirou o livro *Fábulas Italianas* de Italo Calvino, abriu em *A linguagem dos animais.*

À medida que lia, via os grandes olhos de jabuticaba atentos. Terminou a fábula, ainda olhos nos olhos. Nem deu tempo de conversa. *Eu já tive uma idéia,* ele disse. Bateu a porta, saiu correndo. Mais tarde chegaram ele e o pai à escola. *Trouxe ele para você. Não é pai, que nós fomos conversando pelo caminho da Brandina? Disse que eu e meus irmãos precisamos dele, nossa mãe já tem problema demais. Se ele escolher o caminho errado não vai mais ouvir o canto do passarinho, vai morrer antes do tempo.*

---

<sup>1</sup> Castro Alves, *Espumas Flutuantes.*

*Ele tem que ajudar a gente, não é pai? Ele prometeu que vai sair desse negócio errado. Fala com ela, pai, pede pra ela contar a história do Babu para o senhor.*

O pai agradeceu com voz tímida. Disse que numa outra hora viria. Agradeceu por ela gostar de seu filho. Tinha os olhos marejados. Foi só no outro dia que ela ficou sabendo que a idéia de levar o pai para dar uma volta surgira no trecho:

Concluídos os estudos, Babu voltou para casa e passeava com o pai pelo jardim. Numa árvore, os pássaros gritavam um chilreio ensurdecedor.

– Estes passarinhos estouram meus tímpanos todas as tardes – disse o comerciante tapando os ouvidos.

E Babu:

– Quer que lhe explique o que estão dizendo?

Histórias nasciam das histórias.

## Colheita

Saíam da mala os livros. Os livros, objetos entre outros objetos, volumes perdidos, ofereciam-se às pessoas para que se expusessem a seus signos.

*Esse livro me escolheu!* gritou a professora ao passar por *Quando as cores foram proibidas* que estava em cima da mesa. Segurou-o para si num forte abraço. Olhando no olho, repartiu com a colega a alegria do achado, outras puxavam um mesmo livro como brincadeira de vaivém, algumas gritavam com a descoberta dos títulos, numa pouco clandestina e sim explícita felicidade.

“Nos rituais, a fala se consumava por gestos corporais: dançar, agachar-se, beber em grupo, tornavam-se símbolos de confiança, atos de um compromisso consolidado entre os participantes.”<sup>1</sup>

Algumas poucas permaneciam sentadas, indiferentes. Já conheciam os livros, não se arriscavam em ver de novo. O mundo era uma chatisse... com dois ss mesmo, para ficar mais chato.

Maria Antonia. Escolhi *O Catador de Pensamentos*. “O Sr. Rabuja é um homem velho e as pessoas velhas parecem ter os bolsos cheios de tempo. Cuidadosamente guardam cada minuto, cada hora e cada dia de sua existência, como outros colecionam quadros, porcelanas, móveis. O Sr. Rabuja é catador de pensamentos. Pensamentos bonitos e feios. Pensamentos alegres e tristes. Pensamentos inteligentes e bobos. Pensamentos barulhentos e silenciosos, compridos e curtos. No fundo todos são importantes para ele, mesmo tendo, é claro, os seus preferidos. Mas isso ele não demonstra, pois todo mundo sabe que pensamentos são coisas sensíveis. Enquanto passeia pelas ruas, becos e recantos da cidade, o Sr. Rabuja está sempre atento.”

Marilene. Escolhi *Tem bicho no circo*. Peguei por causa do Ziraldo.

Dora. Escolhi *O rei bigodeira e sua banheira*. Que ilustração linda!

---

<sup>1</sup> Sennet, *Carne e pedra*, p. 74

Maria das Graças. Escolhi *Menino do rio doce*. Quando era pequena eu ia para o Pantanal passar férias na casa da minha avó, à beira do rio. Vó Anitinha era triste, vivia sem conversar com ninguém. *Cuidado com a Cobra Grande que na noite escura vai descer o rio para te devorar!* Olhava o rio à tarde com medo de enchente sorrateira. E eu torcia para que o rio enchesse muito, chegasse até a porta da casa.

Luiza. Eu não escolhi nenhum livro. Não há nenhum que me interesse.

Sueli. Escolhi *O que é que você quer ser, Zeca?* Engraçada esta pergunta. Ontem o meu aluno me perguntou olhando bem com um olhar enigmático, bem sério, com desejo mesmo de saber, se a mãe dele era mamífera! Achei demais! Sei lá porque eu fui ser professora...

Edna. Escolhi *Tecelina*. Nunca sabemos o que vai acontecer no ponto seguinte. Ninguém conta o trabalho de desfazer, refazer, para se ter um bordado. O livro da Tecelina começa lá no princípio com a avó da avó da avó da avó dela. Uma geração de mulheres, tantas histórias silenciadas. Avesso?

Helena. Escolhi *Rápido como um gafanhoto*. Às vezes a fragilidade engana. Parecendo cordeiro ele era forte como um rinoceronte. Parecendo do tamanho de uma formiga era grande como uma baleia.

Mariana. Escolhi *A moça tecelã*. Ela desmanchou o marido. Não é demais poder fazer isso? Acho que passei muitos anos bordando um príncipe. A realidade é dura. Sem boca, meu príncipe é a melhor pessoa do mundo.

Rosângela. Escolhi *65 mil rostos malucos*. Grandes rostos divididos em cinco partes que vão se montando umas sobre as outras. Chapéus, cabeças, olhos, óculos bigodes, narizes, pescoços... A partir de oito figuras básicas pode-se criar uma incrível variedade de rostos diferentes. Que loucura!

Lucimar. Escolhi *Ooó do vovô*. Correspondência de João Guimarães Rosa, vovô Joãozinho, com Beatriz e Vera Tess. Esse livro conta como Guimarães Rosa era



afetuoso na brincadeira com suas duas netas. Com elas conversa, desenha, manda postais. Aqui aparece a pessoa do homem que a obra transformou em mito.

Meu nome é José, o guarda. Escolhi *O Pintor de Lembranças*. Dá pra pintar lembrança?

Janaína. Escolhi *No David*. Se na hora que eu falo português ninguém entende, quem sabe se eu falasse inglês.

Cláudia. Escolhi *Van Gogh*. Quero fazer um projeto sobre as flores com meus alunos. Primeiro nós vamos estudar as margaridas, depois os lírios, girassóis, por último as orquídeas, são mais raras.

Clélia. Escolhi *Cantos de encantamento*. Era canto, li conto.

Áurea. Escolhi *A Bruxa Salomé*. As crianças da minha turma gostam muito. Bruxa é uma coisa que pega a gente, não é mesmo? Quando eu era pequena, pedia para minha mãe contar uma história. Quando ela começava *era uma vez uma bruxa...* eu dizia pára, pára, pára.

Andréia. Escolhi *Terra*. Olha o rosto dessa mulher, terra ressecada, cheia de fissuras e cortes. Aonde acaba o rosto e onde começa o chão?

Maria Alice. Escolhi *Diga-me com quem come*. O título me despertou. A coisa que eu mais gosto no mundo é comer coisas gostosas. Dá para ver no meu corpinho?

Maria. Escolhi *Pinote o fracote, janjão o fortão*. Nem tudo está no controle do poder. Em compensação tem gente que perde o rabo e não perde a pose. Gente que acreditava que porque era vice-diretora era melhor que os outros. Agora, professora, para que serve o nariz empinado?

Mires. Escolhi *Memórias inventadas*. Peguei pela caixinha em que vem o livro, depois esta fita que amarra as páginas. A embalagem desperta o olhar para o que está dentro. O livro é tão lindo que não é preciso ler as palavras.

Elizabeth. Escolhi *A Casa Sonolenta*. Olha a preguiça que dá esse quarto de azul pálido, essa avó dormindo, esse neto em cima dela e um cachorro em cima dele.

Angélica. Escolhi *A palavra feia de Alberto*. Será que ele lê diário oficial?

Ana Lúcia. Escolhi *Orelha de Limão*. Fiquei curiosa por essa ovelha esquisita.

Moriza. Escolhi *Zoom*. Eu já li esse livro umas quinhentas vezes e continuo querendo ficar com ele. Será que estou virando criança de novo?

Célia. Escolhi *Anjos na arte*. Gostei da capa. Sou mulher religiosa.

Lourdes. Escolhi *Escondida*. A gente se esconde para ser encontrada.

Ana. Escolhi *Mamãe, você me ama?* Questão primordial. Muita gente continua tendo essa pergunta.

Milene. Escolhi *Exercícios de ser criança*. É por isso que eu estou na educação infantil. Para me exercitar com a lucidez das crianças.

Teresa. Eu queria a *Bruxa Salomé*. Faz tempo que não vejo este livro, mas a Áurea pegou.

Regina. Escolhi *Minhas férias Pula uma linha parágrafo*. Vocês acreditam que eu estou de férias e vim aqui só para me encontrar com vocês?

Elaine. Escolhi *Pelegrino Petrônio*. Escolhi porque era o menor livro da mala. O sonho e os pés. Cada passo. Pés no chão.

Fátima. Escolhi *O mistério da terrível caixa*. E quando você tem um filho adolescente que parece uma caixa preta, que não se abre, que não é capaz de dizer porque está triste, que não acredita nele por culpa de um pai violento e ignorante?

Será que eu posso conversar um pouco com você em particular no final da reunião?  
Estou desesperada.

Vera. Escolhi *O ratinho e o morango vermelho maduro e o grande urso esfomeado*.  
Eu quero melhorar os hábitos alimentares das crianças.

Maria. Não escolhi livro nenhum. Eu gostaria de estar em outro lugar, ter outra vida, outra profissão. A vida é dura. Essa semana não sabia o que fazer com uma mãe e uma criança que apanham do pai bêbedo com um fio. Num primeiro momento me deu raiva da mãe que permite que a filha fique tão machucada. Depois conversando com ela percebi que ela está tão sofrida e humilhada que não sabe como se livrar do carrasco. Os pés sem sapatos, os cabelos sem xampus, a vida tão dura... Acho difícil cuidar das crianças. Quem pode dar alento a tantas privações?

Lorena. Escolhi *Maria dos Prazeres*. Escutem:

*Só quando haviam terminado, e enquanto guardava outra vez os papéis na pasta, o vendedor examinou a casa com um olhar consciente e estremeceu com o sopro mágico da sua beleza. Tornou a olhar Maria dos Prazeres como se fosse pela primeira vez.*

*– Posso fazer uma pergunta indiscreta? - perguntou.*

*Ela levou-o até a porta.*

*– Claro, disse, desde que não seja minha idade.*

*Tenho a mania de adivinhar o ofício das pessoas pelas coisas que estão em suas casas, e aqui, para ser franco, não consigo - disse ele.*

*– O que a senhora faz?*

*Maria dos Prazeres respondeu morrendo de rir:*

O silêncio foi substituído por longa exclamação quando Lorena disse:

*– Continua na semana que vem, na próxima reunião.*

Graziela. Escolhi *Behind the Curtains*. A gente prepara o cenário para o encontro. Arrasta mesa, carrega caixa, traz as cadeiras... depois, abrimos as cortinas. Dali pra frente ninguém sabe...

Cláudia. Escolhi *A lenda da lua cheia*. Não tinha outro. Sobrou esse.

Maria Geralda. Escolhi *Igualzinho*. Sexualidade. Cidadania. Educação. Qualquer um pode saber ou é segredo?

Renata. Escolhi *Uma volta por Siena*. A Itália é linda e o italiano é a minha paixão.

Silvia Escolhi *A aventura da escrita*. Quando você consegue escrever numa língua, consegue escrever em todas.

Celia. Escolhi *a História do Pequeno Pingüim*. É um livro sobre caminhos e descobertas. O pingüim imperador luta imensamente para preservar seu filhote. O macho é que choca o ovo lutando contra o frio nos confins da Antártida.

Ivone. Escolhi *Vó Nana*. Tem tudo a ver comigo que sou merendeira. A avó que ensina a neta a mexer na cozinha.

Lucia. Escolhi *O pintor, a cidade e o mar*. Eu queria estar com o pé na praia. Quanto a gente tem que lutar para realizar o sonho da gente!

Lucia. Escolhi *Duas dúzias de coisinhas à-toa que deixam a gente feliz*. Quero saber quem é esse que se contenta com pouco.

Sonia. Escolhi *Bruxa, Bruxa, venha a minha festa*. Lembrei dos problemas grandes, feras que temos que enfrentar.

Estela. Escolhi *Diga-me com quem come*. Diga-me com quem andas que te direis quem és.

Mariane. Escolhi *A mulher desiludida*. Ela não era mulher daquele filósofo francês? Não deve ser fácil ser casada com filósofo. Coitada dela...

## Rosária

Ouro Preto.

Lá, onde as pontas das torres foram coroadas por arremates arredondados, onde as colunas cederam lugar às imagens, onde os anjos se multiplicam e as linhas dos desenhos passam despercebidas pelas formas de ouro que surgem por toda parte.

Foi lá. No interior da Matriz do Pilar, a menina se preparava para a primeira comunhão. Nas suas orações diárias, rotina que se misturava aos afazeres da escola, ela estava certa de que Deus iria perdoá-la dos pecados.

Só não sabia se daquele que não podia nem pensar também. Quando pensava nele, fazia uma careta como quem prova um gosto azedo. Junto com o gosto, vinha a figura do padre Simões que, na igreja, havia tomado o lugar de Deus. Tinha uns olhos fulminantes numa voz de barítono. Um estrondo. A menina suave ao ouvir seus pesados passos no velho assoalho. Do fundo da igreja para o altar e de lá para cá, num sermão enérgico, povoado de demônios e infernos. À medida que falava, o padre tinha os poderes aumentados, e junto aos pesados passos configuravam o final dos tempos.

Como pano de fundo, o retábulo da Capela Mor e suas pilastras monumentais.

Durante os sermões de Simões, a menina se apequenava e por várias vezes não conseguia respirar. Tudo parecia preenchido, nenhuma brecha naquele espaço. Percebia-se sumindo, num lento desmaio.

Somente quando olhava para as fendas douradas que brilhavam como estrelas no amarelado do sol e escutava, ao longe, o canto gregoriano dos frades beneditinos, enchia-se de coragem e pensava que iria passar por aquele suplício. Iria encontrar uma saída para a tão esperada primeira confissão, véspera da primeira comunhão.

Como se não bastassem os suores, misto de medo, morte, pecado e castigo, quando chegava em casa, a mãe a mandava para o quarto para pensar nos pecados.

–Vai, vai pensar e se arrepender dos pecados, dizia dona Titina, católica fervorosa. O dia da primeira comunhão está chegando.

Entrava no quarto, vinha na cabeça a lista:

- Eu respondi aos mais velhos,
- briguei com meu irmão,
- roubei doce,
- fiz malcriação.
- Aquele outro pecado em que eu não posso nem pensar!

Quando ia dormir vinham à sua cabeça as talhas primorosas da igreja, os cantos gregorianos dos padres, o catecismo nos dias de semana, a lista de pecados, o suplício das duas horas de missa no domingo.

Era esse o dia...

Padre Simões falava de todo mundo. Contava coisas indiscretas das pessoas, chamava atenção de quem não pagava o dízimo. Tinha gente que só ia à missa para ver quem

seria o assunto da semana. Assunto certo. A menina imaginava que ele diria com sua voz de estrondo:

– NãAAAAAAAAAO. A filha da Dona Titina não vai ser absolvida! O pecado dela é muito grAAAAAAAAANde.

A menina esfriava, sumia, com a possibilidade de aquilo vir a acontecer. Tinha medo de ser execrada em praça pública, a fogueira, Joana D'arc.

No dia anterior à confissão, sonhou que um grande sapato de dentes afiados na ponta a perseguia. Acordou exausta, escondendo-se no meio das árvores, descendo e subindo ladeiras, acabou quieta no coro da igreja. Foi aí que despertou.

À tarde, olhou a saia preta andando de lá para cá, os passos no assoalho, lembrou-se do sapato, que sapato... “Ave Maria, cheia de graça, pai nosso que estais no céu”.

Penitência de ficar um ano sem comer doce era bom. Rezar 200 terços era melhor ainda.

Chegou o sábado. Igreja cheia, mais do que o usual. Foi-lhe dando a zoeira na cabeça, beirando a um colapso. A menina ficou pensando numa forma de inventar uma coisa que o padre não entendesse. Não tinha escape. Iria ter de encontrar um modo de passar pela confissão... Decidiu não esconder o pecado secreto. No confessionário, começou a sua lista. Falava pausadamente, de forma a não deixar nenhuma dúvida:

- Eu respondi aos mais velhos,
- briguei com meu irmão,
- roubei doce,
- fiz malcriação.
- Fiquei sem paciência com minha mãe.

No último pecado da lista, aquele que não podia nem pensar, falou depressa, alternando o tom do forte ao fraco:

– **Eutenhovontadevegentipelada.**

Penitência: Quinze ave-marias e quinze pai-nossos.

Daquela vez tinha escapado. Só não escapou do prenunciado desmaio. Dona Titina teve de carregá-la para casa. – Esfrega álcool com guiné e arruda que levanta até defunto!

A menina cresceu, saiu de Ouro Preto, virou líder sindical. Gosta de fogos de artifícios, fontes luminosas. Trabalha o ano inteiro confeccionando adereços, alegorias e fantasias para viver quatro dias de festa. Na avenida, no arrebatado do samba, ela se dissolve com a escola, em ondas azuis e brancas e vê fendas que brilham como estrelas no amarelado do sol.

Nunca mais voltou ao confessionário.

Ainda não decidiu se acredita em Deus.

Jardim São Fernando, 2001

## Experiência

O início do trabalho com crianças pequenas? Cada uma delas solicita uma atenção diferente, não entendem que lugar é a creche, estranham as pessoas, emitem sons sem sabor em nossa língua, procuram com as cabeças os peitos das monitoras e professoras, chegam com um caderno nas mãos, lápis e borracha, querendo “escrever letra de mão”. Uma rotina de fraldas, mamadeiras, almoços, lanches, choros em cadeia, que se alternam, em cada vez mais fortes, depois, cada vez mais fracos. Querem colo, querem ir embora, querem dormir e não conseguem, querem fazer lição, nem sabem o que querem! Poucas mães, com olhos cheios de água, pensam no cordão umbilical, resistem em dar as costas ao portão.

*Mi, mi, mi mi*, falava a menina, arrastando uma fralda. Será que quer a chupeta? Quem sabe? Um menino mais velho morde o bebê com força e o mais novo conhece dor e medo. No outro dia, e nos vários seguintes, no reencontro, o que levou a mordida grita quando vê o “agressor” a sua frente.

As crianças, nos esbarrões inevitáveis com as outras e com a geração mais velha, na busca permanente de sentido, vão exercitando tiranias, linguagens e afetos. Ao olhar para esses primeiros dias de trabalho com crianças pequenas fica mais fácil entender que não falamos mesmo a mesma língua. *Mi, mi, mi*, você quer dormir? Você quer sair? O que você quer? *Mi, mi, mi...*

*O, o, o minha mãe fugiu com o meu genro*, dizia um menino, cobrando a atenção da monitora, querendo que ela ouvisse a novidade. Sua mãe fugira com o cunhado e ele vivia agora com sua avó.

Leila chegara há pouco à CEMEI Cristiano Osório Trabalhava numa sala chamada de “agrupamento”<sup>1</sup>, crianças de várias faixas etárias num mesmo espaço. A palavra agrupamento, que até ali era um termo moribundo, ganhou naquela época uma

---

<sup>1</sup> Em 2002, buscando equacionar a demanda de crianças de 0 a 6 anos fora da escola e o número de vagas nas creches da Rede Municipal de Ensino de Campinas, uma resolução da Secretaria Municipal de Educação estabeleceu que as crianças não fossem mais organizadas por idade e, sim, pelos chamados “agrupamentos” que reúnem crianças de diferentes faixas etárias em uma mesma turma. A medida foi uma das ações para responder ao Ministério Público que cobrava da Secretaria da Educação medidas urgentes para o grande número de crianças fora da escola. Por uns foi aceita como uma situação emergencial, concordando em mudar o que fosse preciso para adequar a escola à nova situação da demanda. Outros entenderam que a resolução traria uma “piora da qualidade da educação infantil”.

espécie de suprema significação entre os educadores da educação infantil. Paixões, polêmicas, arrepios, recusas.

Ali, ocupariam o mesmo espaço, o pequeno que apertava seu peito querendo mamar e aquele que a chamava de tia e dentro da mochila trazia o caderno, o lápis e a borracha no “primeiro dia de aula”.

– Pode me chamar de professora, insistia, colocando o quebra-cabeça na mesa.

As professoras e monitoras, com a recente organização das crianças da educação infantil, fazem o que sabem. Maura pendura crachás coloridos nos pescoços das crianças para reconhecer a idade pela cor. Vermelho três anos, verde quatro e azul cinco. Prepara três atividades diferentes para as crianças, cuida para que os grupos não se misturem. Afirma que o mais velho “regride” em contato com o mais novo, volta a fazer xixi na calça e quer de volta a chupeta.

Bia se esforça com a equipe de educadores em encontrar uma nova organização para o restrito espaço físico da creche e o aumento do número de matrículas. Decidem derrubar paredes e pendurar tecidos e transparências, para facilitar a circulação.

Naquela tarde, Leila espalhava no chão da sala gravuras de auto-retratos de pintores famosos. Circulava pela sala enquanto as crianças iam aos poucos olhando e pisando com os pés descalços na *Negra*, *Abaporu*, *Chapéu Azul* e *Auto-retrato - Tarsila do Amaral - nossa, olha o pezão desse homem!* *Van Gogh sem chapéu*, *Van Gogh com chapéu*, *Van Gogh de orelha cortada*. *Menino plantando bananeira* e *Meninos com carneiro - Portinari*.

Estudiosa de sua prática, Leila é leitora de teorias que tratam da invenção do cotidiano e de outros autores da história cultural. Segue conversando com as crianças, chama a atenção para os traços, para as cores dos quadros, para como os autores usaram os espaços, se se retrataram de corpo inteiro ou só de rosto. Conta a elas a biografia dos autores. Viu duas meninas discutindo se as gravuras eram fotografias ou pinturas. Gostou do que ouviu.

- Leila, algum dia você não deu conta de trinta e cinco crianças, perguntava a amiga no dia anterior. - Deni, todo dia eu não dou conta de 35 crianças, respondeu de pronto.

Não “daria conta” de 30 crianças, não as levaria em direção a um progresso sem volta, buscava compreender as idas e vindas da produção de sentidos que era, para ela, a possibilidade permanente.



Depois do passeio a pé pelas gravuras famosas, propôs um trabalho de autorretrato das crianças. Um papelão grosso para cada uma, todos cortados do mesmo tamanho, desenho feito com cola contornado com barbante, colagem de um papel de seda amassado por cima para evidenciar o barbante embaixo, pintura com tinta de tecido e contorno com tinta relevo.

- Olha só que papelzão, e você querendo desenhar só nesse cantinho? Precisa usar todo o espaço. Esforço ininterrupto, resultado surpreendente. Karina, braços abertos, vestido vermelho cheio de botões, cabelo comprido, uma bolsa pendurada no braço. Cecília, vestido laranja, um grande sorriso na boca, sem nariz e um brinco comprido, batendo no ombro, *Esse fundo lilás não ficou lindo?* Tiago, cabelo curto encaracolado, olhos pretos bem grandes e o corpo negro, meio gordinho, no fundo um verde-limão. Luís Felipe, cabeça de funil e cara de bravo. Gabriela, cara grande e redonda, corpo e braços finos em forma de cruz. Gabriela desenhou só o rosto, cabelo preto chanel, azul desmaiado no fundo. *Olha o cabelo do Gustavo*, cinco fios arrepiados e um rosto verde água. Wellington fez as pernas saindo do rosto vermelho, cara de bravo.

Arrumou os quadros um ao lado do outro e foi reparando a diversidade de formas, traços e cores. Surpreendeu-se com desenhos “menos elaborados” do ponto de vista da consciência corporal e dos detalhes, que nem sempre eram de crianças mais novas. *Nem sempre o mais velho é o mais experiente*, disse a si mesma enquanto se esforçava em arrumar a desordem e limpar a sujeira das mesas.

## Achadouros

Não foi só o horizonte que enrubesceu. A rede está pegando fogo.

Tal qual pedra, que lançada na água, provoca ondas na superfície, e no fundo revolve areia, desloca seixos e algas, descobre objetos adormecidos, a reorganização das crianças nos agrupamentos suscitou questões, provocou debates acalorados, movimentou paixões, forçou deslocamentos, reorganizou espaços, revelou relações esquecidas.

No Ceforma, o Exército de Brancaleone buscava organizar as ações formativas que contemplassem os educadores da Educação Infantil. Havia que ter lugar para tudo ao mesmo tempo. Os acontecimentos atravessavam o que estava planejado, outros movimentos se inseriam. Nas escolas, no entanto, o tempo não esperava. Novas formas de trabalho já chegavam junto com as crianças. Pensava em Manoel de Barros: “A gente descobre que o tamanho das coisas há que ser medido pela intimidade que temos com as coisas. Assim as pedrinhas do nosso quintal são sempre maiores do que as outras pedras do mundo”.<sup>1</sup>

Acolhendo ou recusando, concordando ou resistindo, as pessoas fazem o que sabem. Decidiram que a proposta de formação continuada entraria nesses movimentos que já existiam, juntaria as diversas maneiras de como as creches estavam sendo reorganizadas, aproximaria as pessoas para que ouvissem umas às outras. Aquilo que aparecia para o outro como verdade e como urgência não poderia ser desconsiderado.

Uma proposta de formação afirmativamente mestiça parte do que já existe e vai possibilitando encontros que permitam outros nascimentos:

- Fazer levantamento do número de profissionais da Educação Infantil que já participam dos cursos e grupos de trabalho oferecidos nesse semestre.
- Fazer levantamento do número de monitoras que participam do curso de Aperfeiçoamento de Monitores.
- Contratar cursos externos numa escola particular reconhecida em Campinas a partir da sugestão da Secretária da Educação.
- Oferecer oficinas às escolas nos dias de Formação Continuada, já previstos em calendário.
- Convidar a Leila para coordenar um curso dos sentidos do agrupamento.

---

<sup>1</sup> Memórias Inventadas, XIV.

A Leila é a pessoa indicada para assumir este curso porque trabalha com crianças de diferentes faixas etárias, porque há muito tempo vem estudando sua prática e porque tem a disponibilidade de se lançar num trabalho que implica em risco, que não se sabe de antemão onde vai dar.

## Curso

### Sentidos de agrupamento: usos e operações no cotidiano da educação infantil

Partindo das memórias e narrativas dos sujeitos que vivem o cotidiano da Educação Infantil e enfocando os modos como estes experimentam o “agrupamento”, este curso pretende discutir os processos (e rituais) de interação que ocorrem nas práticas cotidianas, apontando as invenções e caminhos para uma nova maneira de olhar/organizar o trabalho pedagógico.

Coordenação: Leila Cristina Borges da Silva

Local: Ceforma

Dia e horário: quintas feiras, das 9h às 11h

Professoras, monitoras, coordenadora pedagógica, diretora, vice-diretora e supervisora agruparam diferentes experiências, diversos repertórios e modos de nomear o trabalho a partir dos lugares que ocupavam nas relações das escolas. Para iniciar o curso, Leila pediu a elas que relatassem cenas concretas que nascem, no trabalho, com algo que as desafia e as faz pensar, com o que as desconcerta, ou provoca nelas, inquietação e padecimento.

Para provocar o surgimento das cenas, trouxe uma produção chamada FOTOLHARES: Imagens de escolas<sup>1</sup>, que nasceu a partir dos acervos fotográficos da rede, e ali, na penumbra de armários úmidos, esquecidas e amareladas, solicitavam que mãos as alcançassem e que olhares as entoassem.

Eram expressões do que foi vivido coletivamente, do que foi considerado importante. Revelavam múltiplas formas das escolas viverem, trabalharem, interagirem, priorizarem. Esse material foi trabalhado numa oficina com as escolas e depois reorganizado por uma equipe de profissionais da área em um novo suporte. A publicação, fragmentos da vida do cotidiano escolar, imagens e percepções cristalizadas, mostrava uma parte do currículo que vinha sendo construído nas escolas da rede.

---

<sup>1</sup> Esse trabalho foi idealizado por Antonieta Rabelo Leite em 2003 e dava outra dimensão ao registro dos professores, mudava seu estatuto cultural. Era intencional na Coordenadoria de Formação discutir as formas de registro pedagógico que geralmente se faziam de uma montanha de papéis, cartolinas, tão somente para apresentação num evento (*é vento?* perguntava a saudosa Vera Manzaneres, coordenadora, na época, de grupos de alfabetização) e que depois se amontoavam no latão de reciclagem. O FOTOLHARES se desdobrou em outras propostas de trabalho: o curso Olhar fotográfico, oficinas nas escolas sobre fotografia e ensaios fotográficos realizados entre 2003 e 2004.

Do lado de fora, na varanda do Ceforma, era possível perceber a empolgação daquelas mulheres. Pequenas metamorfoses. Falavam do trabalho apontando as fotografias, relatavam suas experiências, contavam dificuldades e desânimos, diziam de suas expectativas em relação ao curso. Que cenas passariam?

Ao chegarem ao Ceforma, evidenciavam-se os vínculos sendo criados a partir do trabalho. Ainda no portão, elas se abraçavam, mostravam-se fragmentos de texto, pequenos desenhos, registros de falas de crianças que coletaram durante a semana. Nada seria descartado. Seria valorizada a produção de sentidos e o fortalecimento do grupo.

A diretora, sempre solicitada pelos afazeres burocráticos, conta que parou para prestar atenção e registrar uma cena em que duas crianças divergiam sobre a contagem dos colegas em duas filas. Achou tanta graça na discussão que procurou em seus livros de pedagogia um texto que desse alguma sustentação teórica para o episódio. Leila acolheu o texto menos pelo seu referencial teórico e mais pelo gesto da busca da diretora mobilizada pela conversa.

Continuaram chegando ao grupo relatos, textos, objetos, desenhos, produção das crianças. No conjunto, os sentidos faziam a festa. Que tal os auto-retratos das crianças? Surpresas. É claro que essa é mais velha. Olha o rosto com todos os detalhes, olha a orelha com brinco, olha a dimensão corporal. Ledo engano. Larissa, 4 anos.

Leila mantinha-se atenta em sustentar a interlocução, preparando material, organizando as discussões, selecionando imagens, lendo o que era produzido em conjunto, construindo o texto que dizia a escola sem dizer sobre a escola, dizia a prática sem dizer sobre a prática, em cenas que se multiplicavam e que se abriam ao convite de contar mais uma. Para cada cena escolhida, eram elaborados, em conjunto, “apontamentos” que desvelavam caminhos interpretativos, evidenciando o percurso de pesquisa.

Assim nasceram Cenas de Agrupamento: Acabando de chegar; Amarrando sapatos; Professora, não deu tempo; Agora eu era o herói; Parei para prestar atenção; Eles voltaram a fazer xixi na calça; O mais novo ensina; O que é respeitar o limite; Fernandinha; Tudo bem aí, Murilo?; Agrupamento não formalizado.

Ao serem colocadas em circulação, estas cenas *eram desejosas de serem vistas de azul.*<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Manoel de Barros, *O livro das Ignorâncias*, p. 23

## Registro

...”pintar primeiramente uma gaiola com uma porta aberta”<sup>1</sup>, depois, confirmar que os professores não precisam repetir os fundamentos da educação para as coisas melhorarem; rir de quem acredita que a formação é uma máquina onde se entra porco e se sai salsicha; desconfiar do que já se tem e do que já se sabe; “prezar a velocidade das tartarugas, mais que a dos mísseis”<sup>2</sup>; esvaziar o conteúdo da bolsa num sanito preto; afastar-se da velocidade da informação “que comanda a vida de alguns basbaques de plantão, sempre novidadeiros”<sup>3</sup>; abrigar sentidos, olhar para o que se tem ao invés de para o muito que se há por fazer; registrar a surpresa de encontrar a moça crente dançando solta nas aulas da Lívia; ouvir do outro o que ele sabe; preferir a melancolia e a alegria à monotonia; escolher palavras que não aquelas que resultam da leitura do jornal; ler Baudelaire, o chão e a rua; problematizar a escrita de si distinguindo experiência de vivência; experimentar-se em modos de dizer a prática; aprender com Kiarostami que o que se filma não é o outro mas o encontro com o outro; deixar emergir o poder que se constrói em parceria; fazer crescer o desejo de heroificar o tempo presente...

Leila entrou na sala e trouxe uma primeira versão do registro das Cenas de agrupamento organizadas em forma de apostila. Ela estava particularmente feliz naquela manhã, falando com entusiasmo dos resultados do curso e de como as pessoas se reconheceram no registro. – Preciso de pelo menos 20 cópias, elas disputaram esta. Pensou no percurso, no desejo da leitura, na palavra da experiência, nos mapas que ficam nos armários e que depois acabam no lixo... *De novo essas apostilas xerocadas?*

Dali, do lugar da gestão, poderia ajudar a dar uma nova organização ao trabalho, consolidar os vínculos criados. Decidiram que trabalhariam na versão inicial, cortariam as explicações, reveriam as passagens, elegeriam as cenas.

Somaram-se as parcerias. Juntaram-se ao grupo Marli Wunder, fotógrafa, e Marta Fontenelle e Fabiana Bruno, que conhecem, dentre inúmeras outras coisas, a linguagem das artes gráficas.

---

<sup>1</sup> Jacques Prévert, Para fazer o retrato de um pássaro, *Paroles*.

<sup>2</sup> Manoel de Barros, *Memórias Inventadas*, IX.

<sup>3</sup> Angelo Pessoa, em comentário ao texto de qualificação para este doutorado.

Assim, por um grande período de tempo, a produção não foi. Ela continuou sendo. Nos desdobramentos, nas réplicas, nas ressonâncias, o processo de formação assumia-se incompleto, num movimento que não queria ter fim.

## Eremita

A estrada de dentro do ônibus não acabava nunca. A superfície irregular fazia tudo chacoalhar. Passam pontes, passam buracos, passam pedras. Só a poeira é que não passa, pensava a menina. Até que. Beira de rio, época de chuva. Rio cada vez mais gordo. O gado recolhido para perto da casa parecia entender que a terra estava sumindo. Vacas e bois, lado a lado, cada vez mais espremidos, olhavam, por horas, o mar barrento que se aproximava. As águas subiam e a casa era uma ilha no meio de um mundo de água. Só se saía de casa a remo.

Era tanta água que o rumo poderia ser perdido no encontro do barco com um cenário inesperado provocado por um banco de areia ou uma árvore submersa que se enroscava no casco. O pantanal permanecia no contínuo atrito entre a água e a terra, desenhando a cada momento novos contornos, às vezes nem tão visíveis, às vezes surpreendentes.

Sobravam secas as calçadas e o quintal ao redor da casa. A menina, desde que iniciava o caminho poeirento, torcia para que a água subisse cada vez mais, subisse bastante, chegasse à porta da cozinha e as férias durariam a época das chuvas. Era quando Vó Anitinha sentia-se secar por dentro. Mal conseguia dormir, coração sobressaltado, boca amarga de aflição, noites de oração e vigília. A avó amava a terra, nutria por ela um grande respeito. De seus antepassados herdara a ambição latifundiária: ficar o campo florido de soja, milho e fatura, alargar as fronteiras, avançar as divisas para além das montanhas. Esse querer também foi de seu pai que passou boa parte da vida brigando por causa de cercas e adjacências. A cada economia comprava mais um bico de terra.

Mas, com a chegada das chuvas, nascia de dentro de Vó Anitinha um desejo: encontrar um refúgio onde pudesse ter tão somente a companhia das árvores e dos bichos. Um lugar alto, um pico, uma encosta, onde a boca do rio e sua fome voraz não chegassem. Acalentava o sonho do refúgio solitário que nunca revelou a ninguém. Também nunca saíra dali.

Evitava o brilho do sol na água, nos finais de tarde. Não explicava a chegada da melancolia. Melancolia de Yara, melancolia de encanto.

Em tempos remotos perderam tudo. Sempre o rio engolindo as margens, a água lavando os sonhos, fazendo-os morrer a cada gota. Ao olhar a neta, vinha a amargura dessas lembranças. Ela e a mãe passavam os dias trancadas no quarto com o espelho da penteadeira coberto para que a boca não ficasse torta com um raio, padecendo com a sina de quem era encantado para o fundo. Viu, muitas vezes, de dentro do rio, aparecerem corpos, depois de dias de sumiço.



O rio só cospe o corpo quando quer. Quando engolia alguém, punham na água um pedaço de madeira com uma vela acesa e onde a prancha parasse, o corpo estaria afundado. Foi assim que encontraram o índio, corpo inchado e o cabelo cheio de pequenos seixos enroscados, lama e solidão. O rio devorava as margens, roubava as plantações, se estendia sobre as imbaúbas e as palmeiras. O Boitatá é o rio, pensava, olhando de longe as curvas, o grande corpo da cobra que desliza e cospe fogo no fim do mundo. A menina, desconhecendo o tamanho das aflições da avó, achava natural seu jeito calado, mal trocavam palavra. Levantava cedo procurando a frobé para caçar passarinho, tocava salmoura nos sapos para eles irem inchando e secando. Esconde-esconde dentro de casa, esconde-esconde na plantação de fruta. De resto, chuva e banho de chuva. E a avó, aflição, oração. Mas aquelas férias foram diferentes das outras. A vida mudou seu curso, mudou de direção como o movimento do Boitatá nas águas. Foi naquele dia que a menina, que era chegada em águas, agachou debaixo do pote na cozinha. Sem que ninguém pudesse enxergar, abriu a torneira e, devagar, a água correu silenciosa, em direção ao quarto de avó Anitinha, que, encostada na cabeceira da cama, ao perceber o fio de água, teve a certeza da sina que a acompanhou por toda a vida. Sentiu um baque surdo no peito seguido de um forte calor que fez a veia transbordar em afluentes. O fio de água ainda escorria por debaixo da cama. Traduziu-se o destino.

Destino de Ana Eremita, condenada a não deixar pegadas na terra.

Jardim São Fernando, 2001

Páthos da proximidade

Já conhecia aquele professor<sup>1</sup>.

Lançados os programas na universidade, ela procurava seus cursos, que mais tarde lhe confirmariam que aprendera intensamente.

Quando estudava ou escrevia, buscando indícios do que ainda não era, voltava às notas dos cadernos guardados. Ela os sabia em seu esquecimento. Em encontros repentinos com essas notas, a leitura configurava as palavras num mundo, “girava os saberes, sem fixá-los e lhes dava um lugar indireto e precioso”<sup>2</sup>. O que não era virava outra possibilidade, ganhava outros contornos, produzia-se em diferentes entendimentos.

O professor fazia do saber uma festa “encenando a linguagem em vez de simplesmente utilizá-la”<sup>3</sup>. Naquele semestre, o curso se construiria de Baudelaire a Mallarmé.<sup>4</sup>

A literatura, no modo de interlocução, e no que sabe sobre os homens, “próprio fulgor do real”<sup>5</sup>, assume mais saberes sobre a escola e suas relações, do que outras disciplinas específicas quando se propõem a explicar os sentidos, prescrever práticas, assegurar caminhos.

O período na universidade coincidia com a época em que ela trabalhava como Coordenadora de Formação na Secretaria Municipal de Educação de Campinas. Ocupara, até ali, várias funções na carreira do magistério, mas esta era sua primeira experiência como gestora de política educacional. Na recente e temporária função que assumia, sentia-se estranha em sua própria casa.

Logo no primeiro encontro, numa pequena sala, não mais que 15 alunos, o professor lia um soneto de Baudelaire intitulado *A uma passante* e trazia o capítulo *A Modernidade*, de Walter Benjamin, no livro *Charles Baudelaire, Um Lírico no Auge do Capitalismo*: “Baudelaire conformou sua imagem de artista a uma imagem de herói”<sup>6</sup>. Inaugurava-se a aula através dos textos.

No trabalho, tateava caminhos, esforçando-se para encontrar um sentido que não fosse somente prescrever ações para outros executarem. Se permitisse, passaria o tempo

---

<sup>1</sup> Professor Joaquim Brasil Fontes Junior, Unicamp, Curso Leitura e Ensino, segundo semestre de 2004.

<sup>2</sup> Barthes, *Aula*, p. 19.

<sup>3</sup> *Ibidem*.

<sup>4</sup> Roland Barthes em sua aula inaugural da cadeira de Semiologia Literária no Colégio de França diz: “a literatura assume muitos saberes. Num romance como Robinson Crusoe, há um saber histórico, geográfico, social (colonial), técnico, botânico, antropológico (Robinson passa da natureza à cultura). Se por não sei que excesso de socialismo ou de barbárie, todas as disciplinas devessem ser expulsas do ensino, exceto uma, é a disciplina literária que deveria ser salva, pois todas as ciências estão presentes no momento literário. É nesse sentido que se pode dizer que a literatura, quaisquer que sejam as escolas em nome das quais ela se declara, é absolutamente, categoricamente realista: ela é realidade, isto é, o próprio fulgor do real.” (*Ibidem*)

<sup>5</sup> *Ibidem*.

<sup>6</sup> p. 67

sentada à frente de uma escrivaninha, diante de uma resma de papéis. Carimbos, assinaturas, pareceres, ofícios, autorizações. Esperava-se que daquele lugar, quem sabe, num momento de inspiração, fosse elaborada uma proposta que redimisse a escola pública de suas mazelas! Ela desconfiava.

Riu com Baudelaire que, antes de abandonar de uma vez a existência burguesa, “banira de seu quarto todos os vestígios de trabalho a começar pela escrivaninha”<sup>7</sup>. Sem saber de antemão o que iria encontrar, sem deixar-se ficar imobilizado na estupefação, mas distraído, perdido em suas preocupações, ele flanava pelas esquinas e galerias de Paris à cata da poesia. “Ocioso, caminha como uma personalidade, protestando assim, contra a divisão do trabalho que transforma as pessoas em especialistas”<sup>8</sup>.

A flânerie em Baudelaire ajudou-a a compreender que, ao se pensar numa proposta de trabalho (política) possível, as soluções não estariam na negação do que existia, nem em esperar idealmente por aquelas que estão no porvir, mas sim no desejo de ver e ver de novo, de se surpreender com o outro, de descobrir o que a realidade parece não querer revelar, de experimentar o gosto das coisas que são. “No flâneur, o desejo de ver festeja seu triunfo”<sup>9</sup>.

Para precisar o modo como o flâneur se movimenta e trabalha, Benjamin recorre em seu texto a mais duas figuras – a do detetive amador e a do basbaque – que a remeteram de pronto à pesquisa de doutorado.

Seu trabalho de educadora e a pesquisa acadêmica sempre se deram nas escolas, no miúdo cotidiano, nas contradições das relações, assumindo a condição de ouvinte e aprendiz com professores, crianças, pais e mães. Nunca se sentia pronta para *perguntar, observar, analisar, refletir, colecionar pistas, informar a respeito das coisas* ou, como um detetive atento, *realizar um inventário de dados* para adequar as proposições aos fatos, partir só de lugares conhecidos e chegar a outros já imaginados, delimitando espaços estáveis de circulação, relacionando cada pista a um fato em busca de resolver uma pergunta. O que era familiar, o vivido, a contradição nas diferentes formas de expressão a capturavam.

Ao mesmo tempo não se permitiria ficar embasbacada com a realidade, nem poderia se manter absorvida pelo exterior esquecendo-se de si mesma, produzindo a ilusão de que a pesquisa se faria só pelo que estava fora, ou que “daria voz” a professores e

---

<sup>7</sup> Benjamin, *Charles Baudelaire...*, p. 70.

<sup>8</sup> *Ibidem*.

<sup>9</sup> *Idem*, p. 69.

crianças acostumados a serem estudados à distância. A condição de produção de seu trabalho e de sua pesquisa era o cotidiano no qual ela estava imersa e, se havia o risco de ser difícil o estranhamento, justamente por causa da familiaridade, a pesquisa no trabalho instaurava uma diferença de lugar. Ela interferiria na realidade, elegendo modos de se relacionar, escolhendo palavras, objetos e textos para experimentar a produção dos sentidos.

Na maior parte das vezes, a aproximação a essas questões que a encantavam acontecia onde não se esperava: no risco e na surpresa, em encontros que se iluminam em momentos furtivos, que não se convertem em apropriação nem mero reconhecimento daquilo que já se tem ou já se sabe.

A pesquisa de doutorado e o trabalho na Coordenadoria de Formação tratariam de sutilezas de relações recíprocas: como encontrar o outro, que espaços construir para abrigá-lo, como fazer-se ouvir, como fazê-lo falar, como compreendê-lo, traduzi-lo, influenciá-lo, como deixar-se afetar por ele. O mesmo caderno das aulas do professor que encena a linguagem era misturado a notas, citações, registros de reuniões, pequenas histórias de professores e crianças. Esboços em guardanapos de papel durante almoços apressados, versos de talão de cheques escritos na hora do café, as idéias solicitavam um registro.

O flâneur segue ao encontro do contraditório movimento que se produz na cidade, na escola, na vida, em cada um. Para o perfeito flâneur é um deleite imenso escolher como seu domicílio a multidão, o ondulante... Estar fora de casa e no entanto se sentir em casa em toda parte, ver o mundo, estar no centro do mundo e permanecer oculto ao mundo.<sup>10</sup>

Abrindo mão de suas certezas para encontrar o inesperado, o flâneur alegoricamente remete a uma disposição fundamental para o trabalho em educação: no movente, nas tensões, nas dinâmicas interativas é que se indiciam enunciações, réplicas, concordâncias, recusas, interações – que afloram, na dinâmica precária do vivo, de relações entre as coisas e as pessoas.

Nesse movimento, as generalizações escapam e a compreensão se converte em entendimentos provisórios, inacabados, que não encontram em si a solução dos problemas.

*É graças aos mais raros astros,  
que o céu envolvem num lampejo,*

---

<sup>10</sup> Benjamin, *Charles Baudelaire...*, p. 487.

*que agora, cego, já não vejo*  
*Dos sóis senão turvos rastros.*<sup>11</sup>

Na modernidade não há sentido único, são muitas as chaves para o enigma da vida, tampouco seremos felizes para sempre. “O moderno se diferencia da moda - que apenas acompanha o passar do tempo – como atitude que possibilite capturar o “heróico” do momento presente.”<sup>12</sup>

Deslocando as coisas para o distante, a educação e a política fazem com que tudo permaneça no plano do sonhado, sem vigília no presente, sem caminho de volta para o que a realidade solicita. Essa “visão a distância do domínio histórico, própria do romantismo”<sup>13</sup>, já não cabe mais nesse tempo. Na contramão, Benjamin propõe que aproximemos as coisas espacialmente de nós, fazendo-as entrar em nossas vidas. Tudo será construído na proximidade que criarmos com o que está dado no tempo presente, por entre desejos e castrações, belezas e feiúras, restos e perdas.

Na modernidade, a realidade é sempre outra. Da chama onde se consome o herói moderno, não emergirá fênix.

Respirou.

A pesquisa e o trabalho na Coordenadoria de Formação, sem ter claros os limites de onde um se iniciava e o outro acabava, se produziriam benjaminianamente entre escombros e edifícios.

Semanalmente, na aula do professor que faz do saber uma festa, com Benjamin na interlocução, Baudelaire conformava “sua imagem de artista a uma imagem de herói”<sup>14</sup>.

A modernidade diz respeito ao sujeito fundador do mundo. A primeira compreensão do termo herói é a do herói clássico. Idéia sensível, corpórea, acabada, do grande homem divinizado que cessa catástrofes, ordena o caos, daquele que funda reinos com coragem acima do vulgar, que valoriza a entrega e a renúncia de si mesmo a uma causa, ou do artista, que persegue com sua arte a forma eterna e absoluta, a concepção acadêmica e tradicional do Belo.

O herói clássico é. O símbolo a que remete inscreve-se no eterno, “é ao mesmo tempo, instantâneo e eterno nesta instantaneidade”<sup>15</sup>. Na aparição repentina, o símbolo

---

<sup>11</sup> Baudelaire, *As flores do mal*, p. 475.

<sup>12</sup> Foucault, *What is Aufklärung*, p. 9.

<sup>13</sup> Benjamin, *Passagens*, p. 907.

<sup>14</sup> Benjamin, *Charles Baudelaire....*, p. 67.

<sup>15</sup> Gagnebin, *História e narração em Walter Benjamin*, p. 34.

evoca um sentido que fica aprisionado na imagem. Sua temporalidade é mística, imediata, e, nessa iluminação, apontando para a eternidade da beleza, ignora o seu desenvolvimento. O juízo sobre o valor estético do símbolo não remete a preferências, mas a uma apreciação do valor do tempo e da história.

Benjamin condena a redução do símbolo à simples relação entre aparência e essência. O sentido clássico (literal) da palavra herói não traduz a imagem de herói em Baudelaire. O herói não é somente uma forma de interpretação, o herói evoca uma outra leitura que busque sob as palavras do discurso seu pensamento verdadeiro. O herói moderno, no processo de significação, é uma alegoria (allo outro, agorein, dizer)<sup>16</sup>.

A alegoria nasce e renasce de um sentido último, inscrito em determinado tempo, buscando-lhe o que lhe falta, o que nunca configura uma apropriação completa. Ao trazer à tona imagens sempre renovadas, nunca acabadas, persevera na historicidade e na temporalidade e constrói significações transitórias.

Em épocas em que as certezas vacilam e são submetidas a prova, quando fica mais evidente a desarmonia entre os discursos e a vida, quando se explicita a contradição entre ideais (religioso, político, educacional) e a realidade, no choque entre o desejo de eternidade e a consciência da precariedade do mundo, “onde o efêmero e o eterno coexistem mais intimamente”<sup>17</sup>, é aí que a alegoria se instala com mais força. “Por isso ela floresce na idade barroca, dilacerada entre dogmas da fé cristã e a cruel imanência do político (é a idade das sangrentas guerras de religião), por isso também voltará num Baudelaire, dividido entre a visão de uma ‘vida interior’ harmoniosa e a de uma modernidade autodevoradora”<sup>18</sup>.

Na Paris do Segundo Império, onde as ruas fervilham sob a luz de lampiões, onde são rotina as barricadas e as conspirações, onde os cafés recebem leitores dos folhetins, onde as fábricas lançam no ar fumaça e no chão vão se acumulando rastros de destruição, no anonimato, se constitui o herói da modernidade. E Baudelaire

foi o primeiro a falar de si de forma moderada, como num confessionário, e não representou o papel de poeta inspirado. O primeiro que falou de Paris como um condenado cotidiano da capital (os bicos de gás, que se acendem nas ruas e que atormenta o vento da prostituição, os restaurantes e suas clarabóias, os hospitais, o jogo, a madeira serrada em

---

<sup>16</sup> Alegoria: figura de retórica que consiste em várias metáforas consecutivas, exprimindo por alusão idéia diferente da que se anuncia. (Laudelino Freire, *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa*, 1957)

<sup>17</sup> Benjamin, citado em Gagnebin, *História e narração*, p. 37.

<sup>18</sup> Gagnebin, *Ibidem*.

lenha que recai no calçamento dos pátios, e a lareira, e os gatos, camas, meias, bêbedos e perfume de fabricação moderna) ...o primeiro que não se faz triunfante, mas se acusa, mostra as chagas, sua preguiça, sua inutilidade entediada, no meio desse século trabalhador e devoto.<sup>19</sup>

As existências degradadas, no espetáculo da vida mundana, vão compondo a idéia de herói, com a recusa de Baudelaire ao encantamento do distante. “Esta cidade é um texto - pensa o demônio - um livro feito de confusas vozes de pedra e do vôo aflito das águias; um almanaque de palácios, monumentos, casebres”.<sup>20</sup>

Sua obra poética, numa determinada forma de relacionar-se com sua atualidade, vai se incorporando de “imagens guias”<sup>21</sup> que nascem de seu encontro com a reflexão materialista da grande cidade. Retira da fragilidade e caducidade sociais a beleza misteriosa que a vida também misteriosamente lhe confere, sem nunca depreciar o tempo presente, extraindo da atualidade o que esta pode ter de poético.

Revelam-se figuras anônimas, homens despossuídos que, pela constituição heróica, são o verdadeiro objeto da modernidade.

O esgrimista, artista que trava uma luta com a palavra e a imagem e converte em traços marciais o trabalho artístico:

Agora, à hora em que os outros estão dormindo, ele está curvado sobre sua mesa, lançando sobre uma folha de papel o mesmo olhar que há pouco dirigia às coisas, lutando com seu lápis, sua pena, seu pincel, lançando água do copo até o teto, limpando a pena na camisa, apressado, violento, ativo, como se temesse que as imagens lhe escapassem, belicoso, mas sozinho e debatendo-se consigo mesmo.<sup>22</sup>

O apache, que até ali não tivera lugar na literatura, renega as virtudes e as leis e rescinde de uma vez o contrato social, sai com Baudelaire das periferias da cidade. “E ali dormirei como um cão! Podem as rodas da carroça, cheia de entulho e lama grossa, ou um colérico vagão esmagar-me a fronte culpada ou cortar-me ao meio, que ao cabo eu zombo de tudo, do Diabo, de Deus ou da Ceia Sagrada”.<sup>23</sup>

---

<sup>19</sup> Benjamin, *Passagens*, p. 291.

<sup>20</sup> Fontes, *O livro dos simulacros*, p. 31.

<sup>21</sup> Benjamin, *Charles Baudelaire....*, p. 160.

<sup>22</sup> Descrição de Constantin Guys, artista a quem Baudelaire era muito apegado. (Baudelaire, *Ensaio sobre a modernidade*, p. 23)

<sup>23</sup> Baudelaire, *As flores do mal*, p. 385.



O apache nasceu nas calçadas de Paris. Ele escapa da escola (por volta de 1900, dentre 200 000 crianças em idade de escolarização em Paris, 45 000 não a frequentam) e a uma aprendizagem em plena decadência. Vagabundeia, vive de pequenos serviços ou pequenos furtos, zomba da polícia que, nos setores populares, passa a maior parte do tempo a perseguir malandros. [...] os apaches constituem uma micro sociedade com sua geografia, sua hierarquia sua linguagem, seu código. Reivindicam abertamente o direito à diferença e retomam por conta própria a tradição dos submundos.<sup>24</sup>

O trapeiro, comparado ao poeta que edifica sua obra a partir do lugar mais próximo, circula pela cidade, com seu passo entrecortado, solicitado pelo lixo que encontra e que converte em sua riqueza, seu negócio, seu tesouro, no amor excessivo pelas coisas tangíveis, em *As queixas de um Ícaro* lemos: “Os rufiões das rameiras são ágeis, felizes e devassos; quanto a mim, fracturei os braços por ter-me alçado além do chão”<sup>25</sup>.

Essas figuras, entre outras, como a prostituta e o dândi, assumem uma expressão política em sua obra poética.

Não importa o partido a que se pertença. É impossível não ficar emocionado com o espetáculo dessa multidão doentia, que traga a poeira das fábricas, inspira partículas de algodão, que se deixa penetrar pelo alvaiade, pelo mercúrio e todos os venenos usados na fabricação de obras primas... Essa multidão se consome pelas maravilhas, as quais não obstante, a Terra lhe deve. Sente borbulhar em suas veias um sangue púrpura e lança um olhar demorado e carregado de tristeza à luz do sol e às sombras dos grandes parques.<sup>26</sup>

Neste tempo, o poeta, o educador, o político não podem ser a voz lírica independente, cantando o mundo a partir de sua “divina inspiração”. Não há mais sujeito soberano, nem identidade estável numa sociedade onde as leis de mercado regem a vida numa permanente tentativa de desintegração dos objetos e dos sentidos, com a aparência se precipitando sobre as mercadorias e as pessoas.

De certa forma, a Paris de Baudelaire se encontra em Campinas mais de um século e meio depois, dissolvida no espaço da história, naquilo que está próximo, que é familiar e que nos condiciona. As circunstâncias materiais vão deixando rastros nessa atualidade. A cidade surge como uma metrópole que muda o tempo inteiro, e que permanece a mesma, que cresce de forma desordenada e inesperada. Se pessoas iguais não fariam a cidade

---

<sup>24</sup> Michelle Perrot, *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*, pp. 319-322.

<sup>25</sup> Baudelaire, *As flores do mal*, p. 385.

<sup>26</sup> Baudelaire citado por Benjamin in *Charles Baudelaire...*, p. 73.

existir, os diferentes que aqui vivem atribuem sentidos ao que são, a partir de condições materiais e concretas das leis do mercado que continuam dizendo que o banquete é para todos, mas fecham a porta no rosto da maioria.

Cada época presente deveria estar em sincronia com determinados momentos da história, a tal ponto que todo acontecimento singular do passado só se tornaria legível em uma determinada época, “na qual a humanidade, esfregando os olhos, percebe essa imagem onírica como tal”. É nesse instante que o historiador assume a tarefa da interpretação dos sonhos. Mas para tanto não adianta projetar para longe, para o domínio do mitológico, e sim, ao contrário, “dissolver a mitologia” no espaço da história.<sup>27</sup>

Com a maturação do capitalismo brasileiro, na urbanização e no fluxo rural-urbano intenso, Campinas nos anos de 1960 e 1970 vive um crescimento vertiginoso de sua população. Nessa fase, a cidade já apontava para a configuração de uma região metropolitana. Nas décadas seguintes, ocorre um processo de ocupação das áreas periféricas e de municípios próximos, em função da instabilidade do emprego e das oscilações de renda que põem em marcha toda uma população em busca de trabalho e moradia. Hoje a cidade se encontra dividida geograficamente em cinco grandes regiões para que se aproxime a gestão pública dos problemas e das necessidades de cada uma.

As escolas organizam-se por entre penúrias e esperanças, como a cidade, produzindo diferenças e semelhanças, belezas e feiúras, aprendizagens e castrações. Aqui também há temas bem mais heróicos. Diariamente, professores e educadores, “povo anônimo e indistinto”, olhados à distância, recebem e acolhem outro “povo anônimo e indistinto” para ensinar a ler, escrever, contar. Já não se ouvem apitos das fábricas, o capitalismo nesta fase já mudou de face, mas muitos, e cada vez mais, continuam à margem do consumo, submetidos a diferentes expressões da violência, à sombra do progresso, relegados às periferias.

As “imagens guias” de Baudelaire ressoam neste tempo saturado de agoras. Ressoam nessas pessoas os heróis anônimos que se aproximam e se diferenciam dos de Baudelaire, e que fazem a cidade e a escola existirem. Relampejam no momento em que são reconhecidas por aqueles que se deparam com seus rostos, suas histórias, com as

---

<sup>27</sup> Benjamin, citado por Rolf Tiedemann na introdução à edição alemã de *Passagens*, p. 19.

possibilidades que criam a partir do que está dado no tempo presente, nesta cidade, nestas escolas.

Como “A Roma antiga era para Robespierre um passado carregado de ‘agoras’ que ele fez explodir no continuum da história”<sup>28</sup>, a imagem de herói em Baudelaire guia os passos para a realização deste trabalho, não para propor uma revolução das massas ou uma transformação dos professores, mas trazendo para um “páthos da proximidade” o princípio da pesquisa e sua tessitura, o que evoca um tipo de escrita que lhe é particular. “Assim, nesse sentido, o historiador não deveria mergulhar na história, ao contrário, ele deveria permitir que o ocorrido entre em sua vida; um ‘páthos da proximidade’ teria que substituir a ‘empatia fugaz’ ”<sup>29</sup>.

O radical páthos deriva-se em português, entre outras, em simpatia e compaixão, que se originaram, respectivamente, do grego e do latim.

*Simpatia, do gr. sympatheia, influência ou modificação que duas coisas produzem reciprocamente uma sobre a outra quando se aproximam.*

*Compaixão, do latim compassio, compassionem, sentimento de pesar que em nós desperta o mal de outrem; pena, dó, comiseração, piedade.*<sup>30</sup>

Entendida como pena, dó, comiseração, a compaixão se aproxima da “empatia fugaz” a que Benjamin se refere (empatia também deriva-se de páthos), isto é, sentir pelo outro para não sentir em si, ou sentir rapidamente mas não se deixar afetar, ou ir em direção ao outro, para suprir-lhe uma carência, o que traz a idéia do ego ampliado que não se vê no mesmo plano humano do outro. A compaixão pode levar ao altruísmo como um profundo egoísmo, quando mantém o sujeito isento da opacidade e do peso dos dramas, do lado de fora, sendo “benevolente”, na ordem das necessidades, com o fraco, o pobre, o menos instruído.

A política e a educação, na recusa do tempo presente e do que existe, ou presas à nostalgia de um tempo passado, refugiam-se numa visão ideal de escola e de educador. Com enunciados permeados de palavras que se obrigam a definir e a solucionar problemas, dizem da escola sem se importar com o que nela está germinando e morrendo, dizem de professores e de alunos excluindo os movimentos que os revelam na sua inteireza e fragilidade, dizem da formação sem experienciar-se numa realidade que muda o tempo inteiro, em escolas que são permanentemente as mesmas e outras a cada momento.

---

<sup>28</sup> Benjamin, *Magia e técnica, arte e política*, p. 230.

<sup>29</sup> Benjamin, citado por Rolf Tiedemann na introdução à edição alemã de *Passagens*, p. 19.

<sup>30</sup> Laudelino Freire, op. cit.

As propostas tradicionais de formação de educadores propõem que o tempo da formação se dê no afastamento da realidade, representando-se em outros espaços, ocupando-se de intenções de um futuro sempre adiado. Nessas propostas, passado, presente e futuro são entendidos como tempos distintos e estanques em si mesmos. “Ora, esse tempo verdadeiro é, por natureza, um continuum. É também perpétua mudança”<sup>31</sup>.

O “páthos da proximidade” desconstrói, no princípio da formação e da pesquisa, papéis clássicos dos sujeitos (gestores e pesquisadores), desdobrando-se em outros esforços, buscando modos de enunciar que expressem a aproximação de momentos fugazes que se iluminam e se apagam, sem nunca serem apropriados e trazerem em si uma conclusão.

“Aqui está o verdadeiro método de tornar as coisas presentes: representá-las em nosso espaço (e não nos representar no espaço delas)”<sup>32</sup>.

---

<sup>31</sup> Bloch, *Apologia da história*, p. 55.

<sup>32</sup> Benjamin, *Passagens*, p. 925.

## Do Direito

## A Cidade

“Campinas, cidade importante do estado de São Paulo, ocupa uma área de 801km<sup>2</sup> e conta com uma população aproximada de 1 milhão de habitantes, distribuída por quatro distritos (Joaquim Egídio, Sousas, Barão Geraldo, e Nova Aparecida) e centenas de bairros. A região metropolitana a que pertence é formada por 19 cidades e uma população estimada em 2,33 milhões de habitantes (6,31% da população do Estado).

Como outras cidades brasileiras, Campinas tem inscrito em seu território marcas de desigualdades que ficam veladas pela impessoalidade das médias estatísticas. Possui um índice de Desenvolvimento Humano (IDH) invejável, acima de 0,8%; é considerada a cidade-pólo da América Latina em Ciência e Tecnologia, não só por suas Universidades, mas também pelos inúmeros Institutos Públicos de Pesquisa (Instituto Agrônomo, Itai, Embrapa, CPQD, entre outros), e laboratórios e empresas de produção de Ciência e Tecnologia (Sincotron). A Região Metropolitana de Campinas representa 10% do PIB nacional. Nessa mesma Campinas de um milhão de habitantes, vivem cem mil desempregados e 37 mil analfabetos. Segundo a fundação Seade, dados de 2000 mostram que Campinas é a terceira cidade do Estado de São Paulo em analfabetismo juvenil e jovens fora da escola (São Paulo e Guarulhos a precedem). *O Mapa da Vulnerabilidade Social de Campinas* mostrou que convivem na nossa cidade chefes de família com diferença de rendimento de quase 500 vezes e, nesses mesmos bairros, diferenças de anos de escolaridade de 93 vezes, sinalizando as verdadeiras causas da violência a que estão submetidas as grandes cidades do terceiro mundo”.<sup>1</sup>

## A Rede

“A Rede Municipal de Ensino de Campinas é formada de cerca de 200 Unidades Educativas de Educação Básica, sendo 156 de Educação Infantil e 44 de Ensino Fundamental (Modalidades Regular e Supletiva), com aproximadamente 70 mil estudantes e 5 mil profissionais, organizados em duas instituições municipais, dirigidas

---

<sup>1</sup> Corinta Geraldi, Escola Viva: Política Educacional por uma escola contra a barbárie, in *Escola Viva...*

conjuntamente: Secretaria Municipal de Educação (SME) e Fundação Municipal de Educação Comunitária (FUMEC). A gestão da política educacional acontece de forma descentralizada em cinco NAEDS e as escolas tem seus modos próprios de ser, revelando singularidades nos contextos de vida e de trabalho”<sup>2</sup>.

## A Direção Política

No período em que foi realizada a proposta de formação continuada 2003-2004, o projeto Escola Viva (2001-2004) era a diretriz política em que se organizavam os trabalhos pedagógicos da rede.

A proposta afirmava como fundamentos a inversão de setas com relação à gestão política e dizia ser a escola o centro do processo pedagógico visando à democratização do acesso, à democratização da gestão e à qualidade social. Os documentos afirmavam “Escola Viva significa esse movimento de resgate e construção do novo, não a partir do previamente definido, mas pelo esforço de construir espaços e projetos, nem sempre aqueles que pensamos serem os melhores para aqueles que os elaboram e os executam, projetos que fortaleçam a vida das crianças e jovens em primeiro lugar, organizando cada Escola a partir do seu entorno (singularidade), buscando sempre um lugar especial e melhor para aquele e aquela que já sofrem a discriminação ou formas de exclusão na sociedade (inclusão radical), assegurando que as decisões sejam tomadas com a participação de todos interlocutores de uma escola viva, especialmente dos pais e da população do entorno da escola, viabilizando a participação no projeto de educação de seus filhos, controle social e transparência nas verbas da educação”<sup>3</sup>

---

<sup>2</sup> Idem.

<sup>3</sup> Idem.

## A Formação Continuada de Educadores na Rede

Desde 1989 são realizadas na Rede Municipal de Ensino de Campinas propostas de formação continuada dentro da jornada dos professores e especialistas de Educação. “Em 1993 ganharam estrutura de cursos por disciplinas com duração de 30 horas/aula, chamados Grupos de Estudo. A partir de 1997 passaram a ter a duração de 90 horas/aula, acompanhados por um mesmo professor monitor.”<sup>1</sup> A maioria dessas propostas iam em direção de suprir fundamentos da formação inicial e propunham a reflexão da prática pedagógica. Explicitava-se, nesse período como objetivo da formação: “Deseja-se a construção coletiva de uma prática fundamentada, refletida e consciente, possibilitando ao professor clareza e coerência em relação às crenças que tem e às atividades propostas”<sup>2</sup>. Professores de português reunidos com professores de português, professores de matemática reunidos com professores de matemática, professores alfabetizadores com professores alfabetizadores, discutindo, refletindo e aprofundando conhecimentos específicos das disciplinas.

Os especialistas de Educação, organizados em assessoramentos semanais, discutiam a função e o fazer de cada categoria, buscando na especialidade as soluções para os dramas da escola. Salvo algumas iniciativas isoladas, era considerado secundário o papel educativo dos monitores de creche na educação das crianças, que ficavam responsáveis pelos cuidados de higiene e alimentação.

## A Proposta de Formação 2003-2004

O trabalho de Formação foi interrompido em 2001 quando houve troca de administração na prefeitura. Foi paulatinamente retomado em 2002 e reestruturado em 2003. Era recorrente a discussão de que se investia no professor, que tinha tempo remunerado para freqüentar cursos e grupos de estudos, sem se obter retorno significativo, fazendo uma relação direta entre a formação continuada e os resultados de aprovação, misturando-se medidas quantitativas e qualitativas.

---

<sup>1</sup> Gláucia Coluccini Moretto, Contextualizando a formação...

<sup>2</sup> Idem



Havia a compreensão de que não se tratava de reproduzir conhecimentos da formação inicial nos espaços de formação continuada. Essa ainda poderia ser uma forma de organização, mas não deveria ser a única.

Para dar vida ao enunciado de ser a escola o centro do processo educativo, buscava-se realizar uma proposta que fortalecesse os trabalhos e práticas que já existiam, investindo na construção de vínculos e partilha de experiências, buscando dar a ver as autorias do trabalho pedagógico dentro da própria Rede Municipal de Ensino.

A partir de 2003, os cursos e grupos de formação foram abertos a todos os educadores, independentemente da situação funcional. O desafio não estaria só, como tradicionalmente acontecia, na organização dos cursos, grupos, palestras, na escolha dos nomes dos professores, na definição dos temas, na proposição das atividades. As propostas de formação poderiam acontecer em cada escola e também em cada região, o que as aproximaria de suas necessidades e particularidades, tendo como ponto de partida a o caráter de inerência à constituição e atuação profissional e a imprescindibilidade da existência de espaços de “palavra” e de circulação de conhecimentos.

A meta era localizar as demandas e buscar formas de atendê-las de maneira equilibrada, conseqüente, organizada, dentro dos prazos, buscando restaurar o sentido de respeito e de escuta, de valorização pessoal e profissional.

Foram então definidos como objetivos da Coordenadoria de Formação:

- criar, oportunizar e otimizar espaços formativos de circulação de conhecimentos e de experiências pedagógicas;

- sistematizar as ações dos diferentes lugares de formação (Escolas, Naeds e Ceforma);

- divulgar resultados<sup>3</sup>.

Outra frente a ser trabalhada era o acompanhamento da frequência dos cursos e grupos de trabalho. Depois de iniciados, muitos deles se esvaziavam e outros, que iniciavam de maneira mais tímida, traziam demandas de continuidade e de reorganização.

---

<sup>3</sup> Proposta preliminar para a Formação apresentada no 1º Encontro sobre Práticas de Formação na RME e FUMEC em 20/02/2003

Era presente a preocupação de sustentar a interlocução e recolher as transformações que se produzem nos percursos formativos para pessoas que têm, no trabalho, o lugar primordial da formação.

## A Autoria

A proposta de formação nasceu do encontro de trajetórias de pessoas que pertenciam à rede e atuavam nas mais diferentes funções.

Corinta Geraldi, Secretária de Educação no período de 2001-2004 convida, no final de 2002, Antonieta Rabelo Leite, orientadora pedagógica aposentada, para assumir a Direção do Departamento Pedagógico, com a intenção de trazer para a gestão pessoas que conhecessem a rede e seus níveis de ensino.

Antonieta convida Denise Padula Furgeri para assumir a Coordenadoria de Formação. Denise trabalhava como orientadora pedagógica na EMEF Ciro Exel Magro, mas havia atuado com Antonieta, no período de 1995-1996, na CEFS (Coordenadoria do Ensino Fundamental e Supletivo), organizando como coordenadoras pedagógicas frentes de formação continuada. Denise chama Ana Maria Nogueira Sabbag, professora de matemática com a qual havia trabalhado na EMEF Raul Pila, e já atuava como professora formadora na rede desde 1991. Ao longo de 2003, Ana e Denise foram as únicas componentes da equipe. Em 2004 juntaram-se a elas em tempo parcial de trabalho, Marcos Forner Leme, professor de História, Amilton Fin Lima, professor de Educação Artística, Moriza Quintanilha, professora de 1ª a 4ª, e Maria Cristina Tofano Cecílio, professora de Educação Física. Essa equipe (Exército de Brancaleone) preocupava-se com o modo de interferência da gestão nas escolas e no seu funcionamento, tinha afinidades nos princípios educacionais e éticos, muita disposição para a escuta, muitas horas de conversa comum, textos, leituras e saberes partilhados. Gostavam de pertencer à rede e talvez esse pertencimento fosse, entre eles, o laço mais importante de aproximação.

Dessa forma, apesar da precariedade das condições físicas e materiais, o Ceforma funcionava como um lugar de hospitalidade, de escuta e de acolhida das diferentes pessoas. A programação dos cursos e grupos de trabalho foi sendo modificada a cada semestre a partir das avaliações, solicitações e sugestões recebidas.

## Um exemplo bem sucedido

Entre outros que mereciam ser lembrados, há um que sintetiza esse percurso com importantes resultados. “A mediação da Arte na Educação” foi um curso de aperfeiçoamento de 180 horas, realizado entre 27 de setembro e 13 de dezembro de 2004, de segunda a sexta-feira, no período noturno, e representa a convergência de várias ações formativas que aconteceram ao longo desses dois anos. O curso, financiado pelo FNDE, tinha como objetivo propiciar aos participantes a descoberta da arte como mediadora de processos educacionais e discutir o papel da linguagem nestes processos de significação e produção de sentidos. A proposta nasceu da reunião de cinco cursos menores que aconteceram nos semestres anteriores (2003 e 2004).

Foi composto de 5 módulos: *Corpo*, coordenado por Livia Sabag, *Jogo*, por João Mendes e Lilian Marques, *Imagem*, por Marli e Alik Wunder, *Palavra*, por Eliana Kefalás Oliveira e *Linguagem - Processos de significação e de produção de sentidos*, coordenado por Roseli Aparecida Cação Fontana. Houve apenas um encontro dos coordenadores e ficou combinado, pela pouca disponibilidade de planejamento entre eles, pelo ritmo acelerado do curso (10 semanas consecutivas de 2ª a 6ª feira), que haveria um caderno de registro que seria oferecido aos participantes diariamente como uma maneira de cada coordenador saber o que acontecia nos dias anteriores e posteriores à sua aula. Deste pequeno caderno se extraem fragmentos preciosos para a avaliação dos resultados:

“Leitura para mim sempre foi um problema, pois nunca gostei de ler e sofria com isso. Nunca pensei que nessa altura da vida, algo despertasse esse gosto em mim. Nas aulas da Roseli consegui tomar gosto pela leitura. Hoje entro em uma livraria com a mesma satisfação que entro em uma sorveteria para saborear uma taça de sorvete.”

Eudócia

“Aqui estou me realizando e me surpreendendo comigo mesma. Vou contar o que me aconteceu hoje: A aluna chegou na biblioteca e queria ler algo! As amigas que estavam com ela estavam na prateleira de livros de versos e poemas. As amigas tentaram incentivar a aluna, mas não conseguiram. Imediatamente eu peguei um livro de poemas, chamei Graciela e declamei o primeiro verso com ritmo, sons e gestos com as mãos. Ela falou: - Que lindo! Posso emprestar esse livro? Ganhei o dia!”

Edilena

“Canseira, baixo astral, nervosismo, angústia, desmotivação, stress, dia longo, reflexão, conseqüências, decisões. À noite, brincadeiras, risos, gargalhadas, volta ao passado, emoção. Estou adorando! Cada módulo com sua particularidade onde cada um se entrelaça”.

Cristine

“Quero deixar aqui registrada minha eterna gratidão a todos vocês professores e colegas por terem me apresentado a um novo mundo, mundo, mundo, mundo, mundo!”

Érika

Vinte e oito professoras iniciaram este curso. Vinte e oito professoras o concluíram.

# O Documento

## Lugares de Formação Rede Municipal de Ensino de Campinas

Denise K. P. Furgeri  
Ana Maria Nogueira Sabbag  
Secretaria Municipal de Educação de Campinas

“Em 1987, um pequeno grupo de professores de História e Geografia, que ansiavam por reformular sua prática, reunia-se aos sábados com o objetivo de produzir materiais a partir de suas práticas pessoais.

Essa experiência, após ser socializada na rede, repercutiu positivamente, fazendo com que outros profissionais se inserissem no trabalho. O grupo cresceu. Paralelamente a isso, outra iniciativa tomava corpo: a constituição do então chamado Grupo de Alfabetizadores”<sup>1</sup>.

A partir de 1989, o trabalho da formação é assumido como política da Secretaria Municipal de Educação.

Para implementar uma política de formação em serviço, como uma das estratégias fundamentais para melhoria da qualidade do ensino e condição para a reorientação curricular, optamos, além do PP (projeto pedagógico) da escola, com seu ritmo, seus processos de reflexão coletiva, pela organização de grupos de estudos com participação voluntária, aproveitando algumas experiências relevantes que encontramos na Rede Municipal, mas dando-lhes um alcance de política global.<sup>2</sup>

Esses grupos eram constituídos inicialmente por professores de 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> séries, agrupados segundo suas disciplinas e coordenados por profissionais ligados à Academia. Gradativamente foram ampliados a todos os níveis de ensino e passaram a

---

<sup>1</sup> Trecho extraído do texto “História da Formação da RMEC”, produzido pelo grupo de coordenadores pedagógicos da Secretaria Municipal de Educação de Campinas em março de 2001.

<sup>2</sup> GERALDI, Corinta Maria Grisolia. “O momento da reorientação curricular na SME Campinas”, artigo preparado para ser apresentado na VI Conferência Brasileira de Educação, em setembro de 1991. A professora Corinta, atual Secretária da Educação do Município de Campinas, foi Diretora do Departamento Técnico Pedagógico dessa Secretaria no período de 1989 a 1991.

ter como coordenadores professores da própria Rede, chamados então de professores-monitores.

De alguma forma, durante vários anos, os grupos trabalharam na direção de suprir conhecimentos da formação inicial, já que a maioria deles era organizada por segmento profissional e por áreas de conhecimento. Além disso, havia o entendimento de que era preciso buscar ações pedagógicas que mudassem a realidade de aprendizagem das crianças, jovens e adultos da rede. No entanto, muitas vezes, essa organização trouxe para os participantes uma expectativa de encontrar nos cursos fórmulas para aplicarem em seu cotidiano, soluções imediatas para a dureza do real.

Hoje entendemos que, mais que espaços para resolver problemas da prática, os espaços de formação devem se constituir em lugares de criação que revelem possibilidades de ser educador, num deslocamento da atitude passiva de escutar verdades para a atitude ativa de construir sentidos e significados.

Acreditamos que a articulação da formação com processos de subjetivação re-significa modos de estar na vida, de se fazer sujeito no lugar em que se encontra. E não se trata de um trabalho que envolve apenas a dimensão racional. O corpo inteiro participa, não por decreto, e sim pelo desejo de construir outros sentidos. Também não participa sozinho. O empenho de se tornar educador ocorre numa dimensão coletiva que alimenta um movimento que não quer ter fim.

## Do lugar onde os pés pisam

*Ponto de vista/I*

*Do ponto de vista da coruja, do morcego, do boêmio e do ladrão, o crepúsculo é a hora do café da manhã.*

*A chuva é uma maldição para o turista e uma boa notícia para o camponês.*

*Do ponto de vista do nativo, pitoresco é o turista.*

*Do ponto de vista dos índios das ilhas do Mar do Caribe, Cristóvão Colombo, com seu chapéu de penas e sua capa de veludo encarnado, era um papagaio de dimensões nunca vistas.<sup>3</sup>*

A Secretaria Municipal de Educação de Campinas, no Governo Popular Democrático 2001-2004 e através do Projeto Escola Viva, onde a vida é produção, é atividade humana, é criação permanente, afirma a escola como centro do processo pedagógico e a formação continuada de seus profissionais como uma de suas prioridades.

---

<sup>3</sup> GALEANO, Eduardo. *A escola do mundo aos avessos*. LM Editora, 2000.

Afirmar a escola como o centro do processo significa que no cerne das questões formativas não se encontram apenas sujeitos ou objetos de conhecimento. Educadores e alunos estão em relação entre si e com o conhecimento, permanentemente produzindo sentidos, linguagens, possibilidades, memórias, identidades. As possibilidades de trabalho criadas em cada escola, a autonomia de seus projetos, a mediação pedagógica de cada educador, a capacidade de se organizarem coletivamente são movimentos constitutivos de todos os sujeitos que ali se encontram.

Definir uma política de formação continuada na direção de ser a escola o centro do processo educacional implica partir desse movimento que é historicamente construído e se materializa num cotidiano que depende das pessoas que estão ali trabalhando, com seus acúmulos, suas crenças, seus saberes, seus modos de olhar o mundo, mas que também é definido por limites institucionais que precisam ganhar continuamente novos contornos.

## Do horizonte

*Ponto de vista/2*

*Do ponto de vista do sul, o verão do norte é inverno.*

*Do ponto de vista de uma minhoca, um prato de espaguete é uma orgia.*

*Onde os hindus vêem uma vaca sagrada, outros vêem um grande hambúrguer.*

*Do ponto de vista de Hipócrates, Galeno, Maimônides e Paracelso, havia um a enfermidade no mundo chamada indigestão, mas não havia uma enfermidade chamada fome.*

*Do ponto de vista de seus vizinhos no povoado de Cardona, o Toto Zaugg, que andava com a mesma roupa no verão e no inverno, era um homem admirável:*

*— O Toto nunca tem frio, diziam.*

*Ele não dizia nada. Frio ele tinha, o que não tinha era agasalho.<sup>4</sup>*

Em cada escola, cada um vê de onde os pés pisam. Se começarmos a conferir os olhares, vistos de lugares diferentes, vamos perceber que quem está imerso no cotidiano da escola precisa desafogar para ver o horizonte, para poder pensar, para poder estar com o outro, para encontrar interlocução, para poder aprender com quem vê de outra perspectiva.

“Só através de um processo de desfamiliarização daquilo que é costumeiro é possível chegar à sua superação lógica e empírica. Desenvolver uma capacidade segundo a qual tudo aquilo que nos parece familiar, costumeiro, óbvio, fosse vivido pela

---

<sup>4</sup> GALEANO, Eduardo. *op. cit.*

primeira vez.”<sup>5</sup> Tal experiência pode ser associada ao que expressa o inglês através do termo displacement: colocar e colocar-se fora dos próprios lugares tradicionais, do próprio lugar comum. De onde os pés pisam.

Faz-se necessário organizar o lugar para esse distanciamento, propiciar deslocamentos sobre os territórios, tanto os geográficos quanto os existenciais. Um programa de formação pode lançar para todos os educadores, de modo constante, um convite para que experimentem transitar por outros espaços onde seus pés ainda não pisaram. Não espaços de transmissão de verdades teóricas ou de projetos explícitos de como deveriam ser os educadores, em que deveriam acreditar ou como deveriam se comportar, mas um espaço de pensamento, de articulação, de fortalecimento de vínculos, de socialização de trabalhos e práticas. Espaços onde seja possível redesenhar a escola.

Na Rede Municipal de Ensino de Campinas temos encontrado o lugar da formação em diferentes espaços.

Escolas se organizam partindo das demandas estabelecidas pelos educadores em busca de saídas para uma questão ou tema nascido no espaço coletivo. Daí surgem grupos de trabalho auto-gestores.

Os Núcleos de Ação Educativa Descentralizada (NAED), localizados nas cinco regiões da cidade onde se encontram as escolas, promovem encontros de educadores para trocas de experiência, mostras de trabalhos, reflexão e discussão de temas referentes à realidade de cada região.

Um terceiro espaço, com um distanciamento ainda maior, tem sido organizado pela Coordenadoria Setorial de Formação<sup>6</sup>, propondo vivências e experiências em outros universos, outras linguagens, no próprio corpo, manifestações da arte, da cultura.

Esse espaço é constituído por Cursos e Grupos de Trabalho semestrais ou anuais, oficinas, mostras, momentos culturais e possibilita a sistematização e veiculação dos conhecimentos produzidos nas escolas e nas regiões.

Os cursos são oferecidos em parceria com universidades, ou ministrados por profissionais contratados pela Secretaria, ou ainda por profissionais da própria rede municipal. Contam com uma programação pré-definida e são abertos, em sua maioria,

---

<sup>5</sup> CANEVACCI, Massimo. *A cidade Polifônica*. Ensaio sobre a Antropologia da comunicação urbana. 2ª edição. São Paulo: Studio Nobel, 1997.

<sup>6</sup> A Coordenadoria Setorial de Formação está inserida no Departamento Pedagógico da Secretaria Municipal de Educação e tem por finalidade organizar e acompanhar as atividades formativas da Rede Municipal de Ensino de Campinas



indistintamente a professores, monitores de educação infantil e especialistas (diretores, vice-diretores, orientadores pedagógicos, coordenadores pedagógicos e supervisores) da Rede Municipal de Ensino. A partir do segundo semestre de 2003, essa oferta passou a dirigir-se também a profissionais de entidades conveniadas com a Prefeitura.

Os grupos de trabalho partem de questões do cotidiano, ou temas relevantes para uma determinada realidade, e buscam encontrar saídas e produzir conhecimento. Cursos e grupos de trabalho são divulgados semestralmente para escolha e inscrição<sup>7</sup>.

As idas e vindas do local de trabalho aos lugares da formação vão constituindo um acervo de experiências, aprendizagens e registros, produzindo vínculos e rupturas, estranhamentos e aproximações, revelando a Rede.

Se modos de olhar, estar e fazer são múltiplos, também múltiplas devem ser as formas que possibilitem o registro desse movimento, das produções de cada grupo.

O relatório tem sido a forma tradicional de registro das práticas pedagógicas. No entanto, outras linguagens se oferecem para dar conta de expressar a vida nas escolas e nos grupos.

Assim, temos visto os grupos produzirem vídeos, documentários, curtas-metragens, registros fotográficos, poéticos, corporais, de memória dos educadores e das escolas, livros de história infantil, pranchas didáticas, guias históricos, num movimento de criação e apropriação dos trabalhos por seus autores.

Algumas histórias desses percursos...

Em fevereiro de 2003 o Departamento Pedagógico sugeriu que para a avaliação e planejamento do ano das unidades escolares fossem realizadas leituras das fotografias produzidas em anos anteriores, no dia a dia das escolas. Para isso, organizou-se uma oficina, a partir da qual foram reunidos aproximadamente 500 fotografias e textos redigidos a partir do encontro dos profissionais com esse material.

Desse trabalho originou-se o “Fotolhares”, uma publicação que revela e suscita contatos entre os diferentes olhares da escola sobre si mesma e convida a todos aqueles que vivem esse cotidiano à expressão e recriação de outras realidades a partir da linguagem fotográfica. Outro desdobramento desse trabalho ocorreu com a organização

---

<sup>7</sup> Exemplos dessa divulgação assim como a relação completa dos cursos e grupos de trabalho organizados pela Coordenadoria de Formação no primeiro semestre de 2004 aparecem ao final deste texto.

no semestre seguinte, do curso “Olhar Fotográfico”, atualmente atendendo sua segunda turma e preparando uma mostra itinerante dos ensaios e produções fotográficas para as escolas dos participantes, devolvendo a elas as imagens ali captadas.

O Grupo de Trabalho “Estudos do Meio na Prática Pedagógica” foi articulado a partir de uma perspectiva interdisciplinar, reunindo professores de história, geografia e educação infantil. O ponto de partida foi a necessidade constatada de discutir e sistematizar o conjunto de propostas de estudos do meio das escolas. Constituiu-se num espaço privilegiado para trocas de experiências e produção de conhecimento sobre Campinas, dando origem a um material para subsídio didático que permite a escolas e professores discutirem seus pressupostos e adaptá-los à sua realidade: *Conhecer Campinas numa perspectiva histórica*, em fase final de edição. Um curso, com o mesmo nome, está sendo oferecido neste semestre como espaço de divulgação dos resultados do trabalho do grupo.

Um outro exemplo vem de uma das escolas de educação infantil da rede, CEMEI Marilene Cabral, que propôs o Grupo de Trabalho: “Escola e Família: Construindo Parcerias” com a participação de monitores de educação infantil, professores, mães de alunos, avós, tias e moradores do bairro com o objetivo de conhecer a comunidade e descobrir sua história, trazer à tona sua memória e seus talentos. Para isso, oficinas de artesanato foram organizadas. O trabalho coletivo trouxe os saberes e fazeres da escola e da comunidade, permitindo que se abrissem diferentes caminhos de aproximação e que outros conhecimentos, sobre o bairro, seus moradores e a escola, nascessem a partir dele. Adultos e crianças sentados em roda, ouvindo histórias, confeccionando guardanapos, almofadas, aprendendo a fazer crochê, tear, lidando com fios e puxando da memória os fios que os liga, tecendo, em conjunto, um projeto pedagógico, numa outra dimensão.

## Formação Viva

*Pontos de Vista/3*

“Lembranças, sensações, cheiros, sons. Um pouco do que aconteceu realmente (será que aconteceu mesmo?), um pouco de sonho e imaginação. Um viajar pelo tempo, onde a volta aos “lugares” visitados é permitida, mas, a cada volta, outras imagens, outros sons, outras vozes são ouvidas. É a tentativa de entender tudo o que me constitui. Rememorando o que foi, nos lançamos para o que virá!”

Eliana, GT *Memória da Rede*, 2003

“Um único olhar é um único olhar. Para um único olhar não é possível o todo. Um olhar é uma forma de mostrar essa parte. Essa parte contém o todo, assim como o todo contém a parte. Parte-Todo, Todo-Parte. A fotografia.”

Gilbert de Oliveira Santos, Curso *Olhar fotográfico*, 2003

“Eu nunca tinha estudado inglês. Eu tenho uma coleção de discos de música clássica em casa com comentários em inglês. Gostei tanto de conhecer a história da música nessas aulas, que comecei a estudar inglês para compreender o que está escrito e aprender mais.”

Angélica, Curso *Apreciação Musical*, 2004.

“Não se investe em potenciais. Farejam-se fracassos, anomalias, problemas, débitos... Devia-se buscar vida na escola. Abrir janelas, escancarar portas.”

Silvia Salomão, GT *Procuram-se os sentidos*, 2003

“Em nossos encontros só pude ter a certeza de como somos importantes na vida de nossas crianças.”

Luciane, Curso *Processos educativos através do teatro*, 2004

“Cheguei em busca de uma fórmula mágica, que conquistasse os pais, que os transformasse, como uma fada das nossas histórias infantis...”

Maria de Lourdes, Curso *Integrando família e escola com prazer*, 2004

A cena é um átimo. É o aqui-agora absoluto, *momento* que caracteriza o trabalho do ator, do dançarino e de outros artistas da presença. O registro desse instante não o reconstrói, nem tem esse intuito. Ele busca reunir elementos que evidenciem um caminho e que possibilitem continuá-lo.

Livia, Curso *Corpo Lúdico*, 2004

E que mais, vida eterna, me planejas?  
O que se desatou num só momento  
não cabe no infinito, e é fuga e vento

Carlos Drummond de Andrade, *A vida passada a limpo*, 1959

Ceforma, 9 de junho de 2004.

Cursos e grupos de trabalho organizados pela Coordenadoria Setorial de Formação no 1º semestre de 2004:

- C 1 - Olhar Fotográfico - Marli Wunder
- C 2 - Corpo Lúdico - Lívia Sabag
- C 3 - Processos educativos através do teatro - Vicente Concilio
- C 4 - LIBRAS (Língua brasileira de sinais) - Geilda Fonseca
- C 5 - Procura-se o sentido - João Mendes e Lílian Marques
- C 6 - Educação Alimentar - Aparecida Pedricci e Vera Maria Gurgel do Amaral
- C 7 - Contando Contos - Maria Lúcia Neves
- C 8 - Conhecer Campinas Numa Perspectiva Histórica - Ângelo Emílio da Silva Pessoa
- C 9 - Dança - Walkíria Coelho
- C10 - Brincarte - Grupo Cinco Marias
- C11 - Leitura crítica da mídia - Ivete Cardoso Roldão
- C12 - Educação Especial: Possibilidades de trabalho pedagógico - Carmen Silvia Juliano Pereira e Júlio André Della Corte
- C13 - Gestão Democrática e Participativa: transformando o fazer pedagógico - Luciano Marcos da Silva
- C14 - Pedagogia da Infância: A criança de zero a seis anos - Denise Cristina Nogueira
- C15 - Escola e Sociedade - Júlio Moretto
- C16 - Apreciação Musical: fundamentos para a compreensão da música clássica ocidental - Carlos Wiik
- C17 - Experimentando a produção de vídeos: professores e adolescentes com uma câmera na mão - Rodrigo Braga do Couto Rosa
- C18 - Educação Inclusiva – Um Novo Paradigma Educacional - Maria Ivone Aranha
- C19 - Educar para a Igualdade Racial - Lucinéia Crespim
- C20 - Implicações da perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento humano nas práticas pedagógicas - Roseli Aparecida Cação Fontana
- C21 - O Ser Humano e a Cidade: circulando, convivendo e transformando - Roberta dos Reis Mantovani
- C 22 - A história da escola pública no Brasil - Sonia Regina Ferreira de Oliveira
- C23 - Sentidos de “agrupamento”: usos e operações no cotidiano da Educação Infantil - Leila Cristina Borges

- C 24 - Pessoas com deficiência - A discussão das políticas públicas mediada por vídeos-documentários - Shirley Silva
- C 25 - Letramento e Alfabetização – Rosalinda S. R. de Vasconcelos
- C 26 - Integrando família e escola com muito prazer! – Débora Oliveira de Pádua e Vera Lígia Bellinazi Peres
- C 27 - Gestão Educacional e Cidadania - Lizete Arelaro e Romualdo Portela de Oliveira
- C 28 - Jogos matemáticos - Maria Aparecida Pinheiro
- GT 1 - Estudos do Meio na Prática Pedagógica
- GT 2 - Educação Ambiental
- GT 3 - Movimentos de Inclusão
- GT 4 - Educação de Jovens e Adultos (EJA 1)
- GT 5 - Memória da Rede
- GT 6 - Sujeitos e conhecimento no cotidiano da Educação de Jovens e Adultos
- GT 7 - A educação popular, a cultura do cuidar e as relações em rede
- GT 8 - Educar em Campinas
- GT 9 - Ações de sensibilização e fabricação de bonecas étnicas
- GT 10 - ERET - Educação, Relações Econômicas e Tecnologia
- GEPEI - Grupo de Estudos e Pesquisas de Educação Infantil
- GEPA - Grupo de Estudos e Pesquisas em Alfabetização

Exemplos de divulgação:

## **C 2 - Corpo Lúdico**

O objetivo do curso é levar os participantes ao fazer teatral e à conscientização do movimento a partir de práticas de reorganização corporal, de improvisação e de jogos teatrais. Têm-se aí possibilidades de produzir, em grupo, novas relações humanas, podendo-se agir no mundo (e percebê-lo) a partir de pontos de vista diversos.

**coordenação:** Lívia Sabag

**número de participantes:** 25

**dia e horário:** segundas, das 18h às 20h30

**início:** 15 de março

**carga horária:** 48 horas/aula

**local:** Ceforma<sup>8</sup>

**término:** 28 de junho

---

<sup>8</sup> O CEFORMA é o espaço-referência utilizado para desenvolvimento das atividades da Coordenadoria de Formação: um prédio municipal de seis salas, antigo local de costura das creches municipais que foi posteriormente adaptado para funcionar como Centro de Formação. Vários outros espaços, no entanto, têm sido utilizados para a realização das propostas, visando ao fortalecimento das regiões e de cada escola.

### **GT 5 - Memória da Rede**

Este GT é dirigido aos professores ou grupos de professores que já trabalham na Rede Municipal de Ensino com a temática Memória ou História Local. Queremos reunir esses trabalhos num grupo de discussão e troca de experiências, buscando na Memória um eixo articulador entre pesquisa e trabalho pedagógico.

**coordenação:** Marcos Leme

**duração:** março a novembro, encontros quinzenais

**dia e horário:** quartas, das 14h às 16h30

**local:** Ceforma

**início:** 17 março

## Fontes

CAMPINAS 2004. Mapa da vulnerabilidade social de Campinas. Elaborado pela Secretaria Municipal de Assistência Social, Governo Democrático Popular de Campinas 2001-2004, São Paulo.

DEPARTAMENTO PEDAGÓGICO DA SME CAMPINAS. “Para as escolas”, texto orientador das discussões do Projeto Pedagógico, 27/02/2003.

\_\_\_\_\_. “Conversando com as Coordenadoras de Naeds”, texto orientador das discussões da reunião entre o Departamento Pedagógico e as coordenadoras de Naeds em 15/04/2003.

DIÁRIO OFICIAL DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS. Resolução nº 23/2002, que dispõe sobre as Diretrizes e normas gerais para a realização de matrículas nas escolas de educação infantil no município para o ano de 2003, 19/11/2002.

\_\_\_\_\_. Texto guia para o III Congresso Municipal de Educação da Rede Municipal de Ensino de Campinas, 23/10/2002.

\_\_\_\_\_. Resolução SME/FUMEC nº 6/2003, que dispõe sobre as diretrizes que regulamentam o Programa de Formação Continuada da Rede Municipal de Ensino de Campinas de acordo com o artigo 80 da Lei 6894/91, 5/05/2003.

GERALDI, Corinta Maria Grisolia; RIOLFI, Claudia; GARCIA, Maria de Fátima (orgs). *Escola Viva: Elementos para a construção de uma educação de qualidade social*. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. Boletim Informativo do I Congresso Internacional de Educação de Campinas, 2004.

MORETTO, Gláucia Coluccini. “Contextualizando a formação continuada de professores na rede”, texto apresentado no I Encontro de Educadores sobre Práticas de Formação na RME e FUMEC em 20/02/2003.

PESSOA, Ângelo Emílio da Silva (org). *Conhecer Campinas numa perspectiva histórica*. Campinas: Secretaria Municipal de Educação, 2005.

RIOLFI, Claudia Rosa. “Mais escola, menos violência: considerações sobre o ato educativo”, Leituras. SME Campinas, 2002.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE CAMPINAS. *Fotolhares Imagens de Escolas*. Fotografias do acervo das escolas públicas da Rede Municipal de Educação de Campinas, 2004.

\_\_\_\_\_. *Cenas de Agrupamento*. (versão preliminar), 2004.

## Bibliografia

- ALMEIDA, Fernanda Lopes de Almeida & LINARES, Alcy. *Pinote, o fracote e Janjão, o Fortão*. São Paulo: Ática, 1996.
- BARROS, Manoel de. *Memórias inventadas*. São Paulo: Planeta, 2003.
- BARROS, Manoel de. *O livro das ignorâncias*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1993.
- BARTHES, Roland. *Aula*. 9ª edição. São Paulo: Cultrix, 2001.
- \_\_\_\_\_, *O óbvio e o obtuso*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BAUDELAIRE, Charles. *As Flores do Mal*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- \_\_\_\_\_, *Sobre a modernidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- \_\_\_\_\_, *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- \_\_\_\_\_, *Rua de mão única*. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- \_\_\_\_\_, *Passagens*. São Paulo: Imprensa Oficial/Editora UFMG, 2006.
- CALVINO, Ítalo. *Fabulas Italianas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- CANEVACCI, Máximo. *A cidade Polifônica*. 2ª ed. São Paulo: Estúdio Nobel, 1997.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1 artes de fazer*. Petrópolis: Rio de Janeiro: Vozes, 2004.
- CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Unesp, 1998.
- DEL CANIZO, José Antonio. *O pintor de lembranças*. Ilustr. Jesus Gaban, trad. Charles Kiefer. Porto Alegre: Projeto, 2002.
- DRUCE, Arden. *Bruxa, Bruxa, venha a minha festa*. Ilustr. Pat Ludlow, trad. Gilda Aquino. São Paulo: Brinque Book, 1995.
- DUBY, Georges. *Ano 1000 ano 2000 na pista dos nossos medos*. São Paulo: Unesp/Imprensa Oficial, 1999.
- EBOLI, Terezinha. *A lenda da lua cheia*. Ilustr. Graça Lima. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.
- EL LIBRO de los cuentos e leyendas de América Latina e Espanha. Ilustr. Jesus Gabán. Barcelona: Ed. B, 2000.
- FETH, Mônica. *O Catador de Pensamentos*. Ilustr. Antoni Boratynski, trad. Dieter Heidemann. São Paulo: Brinque Book, 1996.



- FETH, Mônica. *Quando as cores foram proibidas*. Ilustr. Antoni Boratynski, trad. Dieter Heidemann e Maria de Lourdes Porto. São Paulo: Brinque Book, 1997.
- FONTANA, Roseli Cação. *Como nos tornamos professoras?* Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- FONTES, Joaquim Brasil. *O livro dos simulacros*. Florianópolis: Clavicordio, 2000.
- FOUCAULT, Michel. Que es la ilustración? In *Saber y verdad*. Madrid. La Piqueta, 1985.
- \_\_\_\_\_. “What is Aufklärung?” *Anábasis. Revista de Filosofia*, Madrid, 1996, nº 4.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- GALEANO, Eduardo. *A escola do mundo aos avessos*. São Paulo: LM, 2000.
- GRIBEL, Cristiane. *Minhas férias, pula uma linha parágrafo*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1999.
- JOSÉ, Elias. *Cantos de Encantamento*. Ilustr. Mariângela Haddad. Belo Horizonte: Formato, 1996.
- KAVÁFIS, Konstantínos. *Poemas*, trad. de José Paulo Paes, 2a. ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- LE GOFF, Jacques. *Por amor às cidades*. São Paulo: Editora Unesp, 1998.
- MESSENGER, Norman. *65.000 rostos malucos*. São Paulo: Manole, 1999.
- NOVAES, Aduino, org. *Civilização e Barbárie*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- PERROT, Michelle. *Os excluídos da História: operários, mulheres, prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.
- PESSOA, Fernando. *Aforismos e afins*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Livro do Desassossego*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- REIDER, Katja. *Orelha de Limão*. Ilustr. Ângela Von Roehl. São Paulo: Brinque Book, 1999.
- ROSA, Guimarães. *Oó do vovô! Correspondência de João Guimarães Rosa, vovô Joãozinho, com Vera e Beatriz Helena Tess*. São Paulo: Edusp, Belo Horizonte: Editora PUC/ Minas, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2003.
- ROTH, Otavio. *Duas dúzias de coisinhas à toa que deixam a gente feliz*. São Paulo: Ática, 1997.
- SALLES, Cecília Almeida. *Gesto Inacabado: processo de criação artística*. 2. ed. São Paulo: FAPESP/Annablume, 2004.
- SENNET, Richard. *Carne e Pedra*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- SOUZA, Gláucia de. *Tecelina*. Ilustr. Cristina Biazetto. Porto Alegre: Projeto, 2002.

- TOSI, Renzo. *Dicionário de Sentenças Latinas e Gregas*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- VENEZIA, Mike. *Vincent Van Gogh*. Trad. Valentim Rebouças. São Paulo: Moderna, 1996.
- VESPUCIO, Américo. *Novo Mundo As cartas que batizaram a América*. São Paulo: Planeta, 2004.
- WHITMANN, Walt. *Folha das Folhas de Relva*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- WILLIS, Jeanne. *O que é que você quer ser, Zeca?* Trad. Regina da Veiga Pereira. Rio de Janeiro: Salamandra, 1996.
- WOOD, Audrey. *A Casa Sonolenta*. Ilustr. Don Wood. São Paulo: Ática, 1989.
- WOOD, Audrey. *O ratinho, o morango vermelho e o grande urso esfomeado*. Ilustr. Don Wood. Rio de Janeiro: Brinque Book.
- WOOD, Audrey. *O rei bigodeira e sua banheira*. Ilustr. Don Wood. São Paulo: Ática, 1996.
- WOOD, Audrey. *Rápido como um gafanhoto*. Ilustr. Don Wood, trad. Gilda Aquino. Rio de Janeiro: Brinque Book.
- ZIRALDO. *Menino do Rio Doce*. Ilustrações sobre desenho de Demóstenes. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1996.
- ZIRALDO. *Pelegrino Petrônio*. São Paulo: Melhoramentos, 1983.

## Riscos e Rabiscos

Surpreendeu-se no reencontro com a pasta que trazia na etiqueta: Riscos e Rabiscos. A dor que sentia nas costas aumentou quando as mãos tocaram os papéis desfeitos. Tinha se esquecido dela dentro da mala em cima do guarda roupa. O corpo se enrijeceu com traços tão familiares, há tanto apagados, carbono nos tecidos. Desdobrou, com cuidado, cada folha amarelada. Aproximaram-se uma a uma primas, tias, irmãs, parentas próximas ou distantes que esperavam o futuro feliz ponto a ponto. Aulas de puericultura e trabalhos manuais. Livros de receitas recheados com recortes de revistas.

Pisou no trem que a levava pela primeira vez à cidade distante, no início da carreira no magistério. Lápis afiados, papéis de seda e manteiga, misturados a livros e notas. Sentiu o cheiro da maçã enrolada em papel de seda roxo. Percorreu com o dedo o vôo da abelha. Tesouras, meadas. Pôs no colo a primeira sobrinha. Ponto cheio, ponto crivo, ponto haste, ponto paris. A mesa no domingo de preguiça vestida com toalha de cridélia, barrado de tulipas de três cores. Reencontrou-se com a filha crescendo nos moldes dos vários vestidos que encurtavam. Algodão ou linho, pintinho saindo do ovo, guirlanda de flores, lanterna japonesa, caminho da borboleta, vieses pregados à mão no acabamento.

Fechou os olhos. A cortina de organza espalhava uma brisa fria e uma luz desmaiada invadia a cama. Picada de agulha. A pele naquele instante transbordava em desenhos finos de sangue vermelho grená. Dedal de Portugal. A traça em cima da joaninha no papel. No jardim as rosas se preenchiam em matizados e degradês suaves ou de contraste das cores vivas. Esquenta e esfria. Azul de outono no céu. Inquieta e desinquieta. Cheiro de alcanfor.

Passados os dias, a mala vazia na calçada, crianças perseguiam os riscos e rabiscos que se espalhavam ao vento, por toda a rua.